



EDICC 8
CONTROVÉRSIAS

8º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura
19 - 21 de outubro de 2021
Universidade Estadual de Campinas



CADERNO DE RESUMOS
COMUNICAÇÕES ORAIS



SUMÁRIO

SESSÃO 1: Terça-feira, 19 de outubro, 8h	9
Síndrome dos Ovários Policísticos: definição, diagnóstico e tratamento em grupos no <i>Facebook</i>	10
<i>Amandha Sanguiné Corrêa, Fabíola Rohden</i>	
Maternidades sapatonas, maternares ciborgues: inseminação caseira e tecno-experiências lésbicas nas redes sociais	12
<i>Flora Villas Carvalho</i>	
‘Antes’ e ‘depois’: O uso de imagens de pacientes na área da saúde e as cirurgias plásticas no <i>Facebook</i>	14
<i>Camila Silveira Cavalheiro, Fabíola Rohden</i>	
Controvérsias sobre o diagnóstico e o tratamento da obesidade: análise socioantropológica de um protocolo clínico no Brasil	16
<i>Lisa Helena Corrêa de Moura</i>	
A relação entre a meritocracia e a gordofobia em circulação no digital	18
<i>Néliane Catarina Simioni</i>	
SESSÃO 2: Terça-feira, 19 de outubro, 10h	20
As representações de ciência e cientistas em uma franquia de jogos digitais de entretenimento	21
<i>Eduardo Freitas Nobre da Silva, Flavia Garcia de Carvalho, Marcelo Simão de Vasconcellos</i>	
Matemática em cena: um estudo com o público da peça infantil ‘O problemão da Banda Infinita’	23
<i>Ana Clara Dupret Vassallo do Amaral Baptista, Carla da Silva Almeida</i>	
COVID-19: vozes para um mundo futuro	25
<i>Renato Salgado de Melo Oliveira et al.</i>	
Os Projetos: PROVA e EDUCAM e a divulgação científica e cultural	27
<i>Sílvia Cipriano</i>	



Controvérsias, ciência e arte: o uso de paródias musicais na divulgação científica	29
<i>Fernanda Veneu et al.</i>	
SESSÃO 3: Terça-feira, 19 de outubro, 13h	31
Dilma Rousseff e Cristina Kirchner: representação das Presidentas nas capas dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín	32
<i>Adriana Silvestrini Santos</i>	
Direito social e seus discursos: entre uma mera propaganda de governo e uma necessária divulgação de direitos	34
<i>Mônica de Oliveira Pasini</i>	
Imprensa feminista na internet: quem e sobre o que falam?	36
<i>Carolina Busolin Carettin</i>	
Um passeio pela “terceira via”: a polarização assimétrica e o ressentimento social no cenário político brasileiro	38
<i>Fernando Ferreira da Silva Ananias, Deborah Pereira</i>	
Pandemia e Povos Indígenas: Controvérsias no enunciado-manchete jornalístico na Amazônia: Brasil, Peru e Colômbia	40
<i>Maiber Silva Pedroza</i>	
SESSÃO 4: Terça-feira, 19 de outubro, 15h	42
Divulgação científica remota: utilizando as redes sociais para discutir estudos críticos animais e ecojustiça	43
<i>Alisson Felipe Moraes Neves et al.</i>	
Análise preliminar da abordagem da mídia sobre aquicultura e segurança alimentar	45
<i>Rebecca Ribeiro Crepaldi, Malena Beatriz Stariolo, Juliana Schober Gonçalves Lima</i>	
Contar histórias entre artes e ciências como um fazer ninho: a divulgação científica diante da surdez perceptiva que marca o Antropoceno	47
<i>Susana Oliveira Dias, Larissa de Souza Bellini, Karolyne Stefanny de Souza</i>	



Crise ambiental em cena: jogar fora de onde?	49
<i>Pamella de Caprio Villanova</i>	
Se você viu, você sabe: análise semiótica de uma campanha de sensibilização sobre crimes ambientais no Facebook	51
<i>Alex Braz Iacone Santos, Marcelo Borges Rocha</i>	
SESSÃO 5: Quarta-feira, 20 de outubro, 8h	53
Cinema-uivo: feminismo, esquizoanálise e cartografias desviantes no audiovisual	54
<i>Carolina Fernandes Lobo Silva</i>	
Uma invenção sem futuro? A(s) morte(s) e a sobrevida do cinema, do cinematógrafo ao digital	56
<i>Lucas Bandos Lourenço</i>	
A influência de José Veríssimo na formação da obra <i>Brazilian Literature</i> (1922), de Isaac Goldberg	58
<i>Matheus Salviato Gomes</i>	
Entre nós: tecendo uma versão de divulgação poética dos fragmentos de Safo entremeadas às controvérsias da “Grande Questão”	60
<i>Maria Carolina Scartezini Cruz</i>	
Crônicas de (auto)divulgação literária: Hilda Hilst para o Correio Popular de Campinas	62
<i>Bianca Martins Peter</i>	
SESSÃO 6: Quarta-feira, 20 de outubro, 10h	64
Vozes do Espectro: documentário sobre identificação e satisfação de autistas com a representação do autismo na série <i>Atypical</i>	65
<i>Helen Marinho Rodrigues Ribeiro</i>	
“Um modelo de superação!”: O discurso da superação funcionando na/pela telenovela	67
<i>Thaís Ribeiro Alencar</i>	



Laureados da Óptica <i>Matheus Henrique Reule et al.</i>	69
“Quem fala no Apocalipse?”: A produção de efeitos de sentidos em uma telenovela a respeito do discurso científico e o religioso <i>Wanderson Rodrigues Morais, Caroline Heloisa Sapatini, Beatriz Almeida Gabardo</i>	71
Por uma nova narrativa na comunicação pública da ciência e cultura <i>Verônica Reis Cristo</i>	73
SESSÃO 7: Quarta-feira, 20 de outubro, 13h	75
Pibid e a divulgação científica em tempos de pandemia: a experimentação de baixo custo em vídeo <i>Ranielli Morais de Abreu et al</i>	76
Da câmara escura ao photoshop: investigando visualidades contemporâneas <i>Carmem Martins Coelho</i>	78
A construção do ethos do cientista na cultura infantil digital <i>Shaila Regina Herculano Almeida Maximo, Emerson Santos Izidoro</i>	80
Análise do modo de endereçamento de um vídeo de divulgação científica de prevenção à Covid-19 <i>Luciana Ferrari Espindola Cabral, Luiz Alberto de Souza Filho, Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho</i>	82
Silêncio e Voz: Considerações sobre a materialidade de podcasts <i>Erick Lucas Migoto Teodoro</i>	84
SESSÃO 8: Quarta-feira, 20 de outubro, 15h	86
Produção científica nacional sobre Covid-19: uma análise de dados <i>Fernanda Quaglio de Andrade, Sabine Righetti, Estêvão Cabestre Gamba</i>	87



Percepção da Terceira Idade sobre a Pandemia de Covid-19: Atenção Redobrada ou Ageísmo?	89
<i>Karina Juliana Francisco</i>	
Combate à desinformação sobre a Covid-19: uma análise das estratégias utilizadas para promover informações falsas durante a pandemia no Brasil	91
<i>Guilherme Jancowski de Avila Justino, Patricia de Souza Bellas</i>	
Divulgação científica, demarcacionismo e a disputa pela estabilização da verdade sobre a cloroquina na pandemia	93
<i>Luciana Cavalcanti Alvarez</i>	
Ciência na imprensa: cobertura da Covid-19 na Folha de S.Paulo	95
<i>Mariana Bochichi Hafiz, Sabine Righetti, Estêvão Cabestre Gamba</i>	
SESSÃO 9: Quinta-feira, 21 de outubro, 8h	97
Utilizando tirinhas para divulgar conteúdos científicos sobre materiais vítreos nas redes sociais	98
<i>Adriana Y. Iwata, Ana C.M. Rodrigues, Karina O. Lupetti</i>	
Divulgação científica sobre a colonização de Marte: engajamento pelas redes sociais	100
<i>Giovanna Oliveira de Lima, Karina Omuro Lupetti</i>	
Avaliação do Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico (Mídia Ciência)	102
<i>Helena Ansani Nogueira</i>	
Divulgação científica na escola: a classificação dos seres vivos por meio do PIBID Ciências	104
<i>Veridiana Moura Bitencourt et al.</i>	
Tiras Óptica	106
<i>Moisés Willian de Almeida et al.</i>	
SESSÃO 10: Quinta-feira, 21 de outubro, 10h	108



Esqueceram de mim na pandemia: medicamentos e os líderes de opinião no contexto da covid-19	109
<i>Nayara de Oliveira Souza et al.</i>	
O uso de Hidroxicloroquina e Cloroquina para a prevenção e tratamento do coronavírus: a controvérsia científica que marcou a primeira pandemia do século XXI no Brasil	111
<i>Bárbara Fernandes Silva</i>	
“Vacina contra a Covid-19 não é obrigatória”: o discurso antivacina do presidente Jair Bolsonaro no Facebook e a repercussão na imprensa	113
<i>Girliani Martins da Silva et al.</i>	
Coronavírus - quando a divulgação científica ganha as manchetes: uma análise do jornalismo televisivo em tempo de pandemia	115
<i>Rafael Martins Revadam</i>	
Controvérsia científica na mídia: a cobertura de TV e de jornais impressos sobre a “pílula do câncer”	117
<i>Marcela Alvaro, Marina Ramalho e Silva, Vanessa Brasil Carvalho</i>	
SESSÃO 11: Quinta-feira, 21 de outubro, 13h	119
Análise da produção e recepção de um podcast sobre o Sistema Nervoso Central voltado à Alfabetização Científica de Jovens-Adultos	120
<i>Thaís Amanda da Costa Pereira et al.</i>	
Relato da experiência de produção e recepção de mídias de divulgação científica por estudantes de licenciatura em ciências biológicas	122
<i>Américo de Araujo Pastor Junior et al.</i>	
Visão de estudantes sobre Evolução Biológica: resultados parciais e validação do questionário	125
<i>Camila Beatriz Moraes Contrucci de Souza, Helga Gabriela Aleme, Ana Maria Santos Gouw</i>	

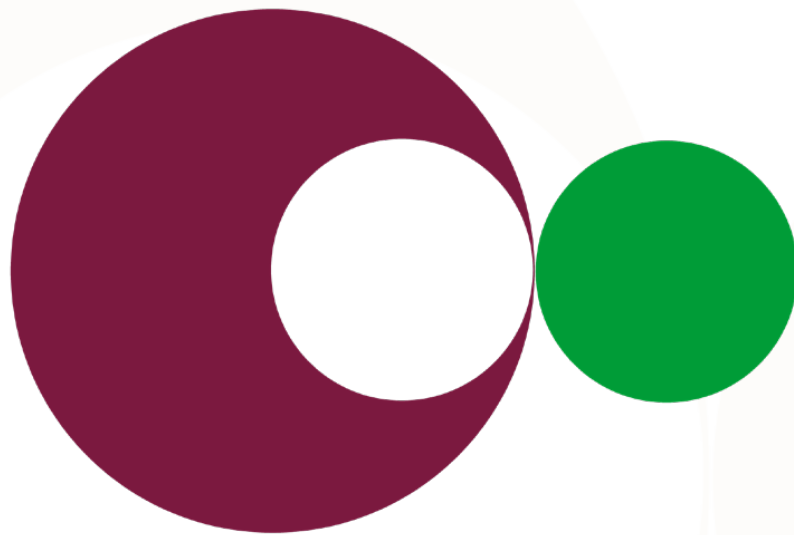


Um estudo sobre os conhecimentos e posicionamentos dos estudantes de Licenciatura em Ciências Biológicas EAD a respeito do uso de animais de laboratório nas pesquisas científicas	127
<i>Iarine Fiuza da Silva, Vinicius dos Santos Moraes</i>	
Popularizar a ciência ou perecer em sociedade: mídias sociais como meio de proliferação do conhecimento científico biológico	129
<i>Gabriel de Sá Andrade</i>	
SESSÃO 12: Quinta-feira, 21 de outubro, 15h	131
História é Ciência: Percepção Pública da Divulgação do Conhecimento Histórico	132
<i>André Gobi</i>	
Mídia, tecnologia e (inter)transdisciplinaridade: os processos comunicativos da comunicação organizacional na política pública de assistência social	134
<i>David Gustavo Pompei, Célia Maria Retz Godoy dos Santos</i>	
Extensão e Branquitude: reflexões críticas a partir de publicações extensionistas	136
<i>Ana Clara Andrade Melo</i>	
O desenvolvimento de jogos didáticos para a divulgação de cientistas negras	138
<i>Vitória Karoline Arantes de Lima et al.</i>	
Acessibilidade em museus virtuais: uma análise de duas exposições do Museu da Vida (COC/Fiocruz)	140
<i>Letícia Carvalho de Mattos Marinho, Jessica Norberto Rocha</i>	



EDICC 8
CONTROVÉRSIAS

8º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura
19 - 21 de outubro de 2021
Universidade Estadual de Campinas



SESSÃO 1

TERÇA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO, 8h



Síndrome dos Ovários Policísticos: definição, diagnóstico e tratamento em grupos no *Facebook*

Amandha Sanguiné Corrêa¹

Fabíola Rohden²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo investigar os discursos públicos sobre a Síndrome dos Ovários Policísticos (SOP), produzidos e veiculados em grupos da temática na rede social *Facebook*. Está inserido no projeto “Novas formas de circulação de conhecimento e de acesso a tecnologias biomédicas: cenários contemporâneos para transformações corporais e subjetivas” (coordenado por Fabíola Rohden – IFCH/UFRGS). Visa refletir sobre as transformações corporais em contextos que extrapolam o cuidado com a saúde, sobretudo a partir de procedimentos motivados pela busca do aprimoramento de si, com foco nos contornos corporais e na performance física. Nesse sentido, as interações e produção de discursos acerca dos recursos biomédicos, tidos como inovadores, são consideradas essenciais. A SOP é uma síndrome que atinge de 5% a 10% das mulheres em idade reprodutiva. Os principais sintomas são o aumento de hormônios masculinos no corpo da mulher; aumento do peso, de pelos, de acne e de queda de cabelo; cistos nos ovários; dificuldade para engravidar; ciclo menstrual irregular. Este trabalho parte de discussões no campo do gênero, saúde, hormônios, diagnóstico, *internet* e aprimoramento de si. A inserção em campo ocorreu em setembro de 2020, onde foram selecionados seis grupos considerados relevantes para a temática. O acompanhamento e análise das publicações se deu até julho de 2021. Através da observação das publicações e dos comentários nos grupos de *Facebook*, foi possível ter uma visão geral do campo e identificar o que as participantes consideram como ‘atualizado’ e como ‘desatualizado’, sobretudo a partir dos eixos ‘definição’, ‘diagnóstico’ e ‘tratamento’. No que se refere a SOP, são muitas controvérsias identificadas. No processo de produção do diagnóstico, estão em jogo diversas disputas, o que resultou em mudanças no entendimento, definição da síndrome e nas condutas. Neste contexto, almeja-se identificar os contrastes entre uma versão ‘atualizada’ e uma versão ‘desatualizada’ a respeito: a) da definição de SOP; b) do diagnóstico da síndrome; c) do tratamento e; d) dos profissionais da área da saúde mais citados para acompanhar o tratamento da SOP. Os grupos apresentaram dinâmicas diferentes, no

¹ amandhasanguinec@gmail.com

² fabiola.rohden@com



entanto, foi possível identificar algumas semelhanças, como a respeito das funções que os grupos desempenham na vida das mulheres. Identifiquei que os grupos possibilitam um espaço de troca de experiências. Nesse sentido, foi comum encontrar compartilhamento de imagens, dúvidas e histórias pessoais. Compreendo, dessa forma, que as redes sociais não representam apenas ferramentas de comunicação, elas assumem um papel central nas disputas acerca de diagnósticos. Observei, com frequência, críticas a médicos que supostamente estariam ignorando as queixas das pacientes ou que, de acordo com elas, não teriam realizado o diagnóstico de forma correta ou não teriam iniciado um tratamento eficaz. Também por essa razão, as trocas realizadas nos grupos assumiram um papel muito relevante em suas vidas. Após a realização de observações e análise, identificou-se que a versão ‘atualizada’ a respeito da definição da SOP se refere ao entendimento dessa síndrome como metabólica mais do que ovariana, priorizando os distúrbios hormonais, ao contrário da versão ‘desatualizada’ que entende a síndrome como, principalmente, ovariana. Os contrastes acerca do diagnóstico incluem, na versão ‘atualizada’, a defesa da realização de exames laboratoriais e de imagem, análise dos sintomas e dos fenótipos da SOP, enquanto para a versão ‘desatualizada’, a realização de exames de imagem e análise dos sintomas seria o suficiente. Em relação ao tratamento, a versão ‘atualizada’ defende que o tratamento seja estruturado a partir do estilo de vida das mulheres que tem SOP, já a versão ‘desatualizada’ recomenda o uso do anticoncepcional para tratar a síndrome. Por fim, na versão ‘atualizada’, os profissionais da área da saúde mais citados para o acompanhamento da SOP são os endocrinologistas e as nutricionistas, por outro lado, a versão ‘desatualizada’ prioriza apenas os ginecologistas.

Palavras-chave: Síndrome dos Ovários Policísticos. Diagnóstico. Tratamento. *Facebook*.



Maternidades sapatonas, maternares ciborgues: inseminação caseira e tecno-experiências lésbicas nas redes sociais

Flora Villas Carvalho¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: A pesquisa que pretendo apresentar aqui é também o tema de minha dissertação de mestrado, ainda em construção, e busca explorar o contexto das maternidades lésbicas e sapatonas concebidas através de inseminações caseiras e possibilitadas através de uma rede ciborgue e sociotécnica de atores sociais, digitais e materiais, na qual as redes sociais vêm constituindo papel cada vez mais importante. No Brasil, desde os anos 2000, as tecnologias reprodutivas têm tido lugar essencial no processo de transformação das gestações e maternidades de lésbicas/sapatonas e inserido nestes uma série de novos atores e processos sociotécnicos. Neste contexto, vem também ganhando força, nos últimos anos, técnicas e práticas de inseminação caseira que inauguram, por um lado, um conjunto de possibilidades e resistências (principalmente para lésbicas/sapatonas pobres) e, por outro, uma grande diversidade de problemáticas sociopolíticas. Interligado a este já complexo fenômeno, soma-se também o papel marcante que as redes sociais e seus múltiplos agentes e tecnologias vêm exercendo na reconfiguração e formação destas maternidades, o que se reforça ao focarmos a análise nas inseminações caseiras, que têm boa parte de suas práticas mediadas por grupos no *Facebook* (cujo propósito é unir doadores de esperma e potenciais gestantes em todo o país). Acompanhando este processo, vêm emergindo também uma série de pesquisas a respeito das diversas questões que circundam a maternidade lésbica e suas redes de relações sociais, biotecnológicas e políticas, em constante transformação. No entanto, há ainda uma grande lacuna no que diz respeito ao papel da internet e seus múltiplos agentes algorítmicos nestes processos. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é de investigar - através de uma amálgama de etnografia online e etnografia multissituada - as redes ciborgues e sociotécnicas que compõem este cenário na atualidade. Procuo fazer isto por meio de um acompanhamento e análise de três destes grupos na plataforma do *Facebook* - dois deles com foco na inseminação caseira e o terceiro específico de maternidade lésbica e inseminação caseira - de maneira a buscar compreender quais papéis as tecnologias digitais, biotecnológicas e médicas vêm cumprindo na construção de maternidades lésbicas/sapatonas no Brasil. Dentre os resultados obtidos

¹ floravillascf@gmail.com



e esperados encontram-se, por enquanto, delineamentos de algumas das problemáticas, controvérsias e tensionamentos socio-tecnológicos centrais que permeiam este complexo contexto. Longe de ser um fenômeno simples, as múltiplas maternidades que operam dentro das lesbianidades despertam uma série de problemáticas, como: os estigmas e oposições, socialmente impostas pela lógica cisheterossexista, entre maternidade e lesbianidade; os vários métodos contraceptivos disponíveis para lésbicas/sapatonas e os papéis sociais, atores tecnológicos e cargas legais e morais que cada um deles traz consigo; ou ainda as diferentes legitimações sociais hierarquizadas que recebem as mães lésbicas e sapatonas a partir de seus níveis de “proximidade biológica” com os bebês, tal como as estratégias (por parte destas mães) de negociação e manipulação desta mesma “biologia” - através de tecnologias científicas e hormonais - e que fazem tensionar a forjada lógica dualista de natureza e cultura. Neste contexto, a inseminação caseira vem tendo expressiva adesão no Brasil graças a seus custos quase nulos, a autonomia frente aos aparatos médicos e, ainda, à sua crescente facilitação propiciada pelas redes sociais. No entanto, a inseminação caseira também não deixa de vir acompanhada de suas próprias problemáticas, como: a falta de legislação específica; a possibilidade de doadores que falsificam exames médicos, como espermogramas; os doadores que exigem conceber pelo “método natural” (termo dos próprios), ao invés do “método seringa”; ou, ainda, a falta de legitimação deste método contraceptivo por parte da comunidade médica, que tem raízes tanto econômicas (uma vez que este procedimento é gratuito, em contraposição às reproduções assistidas, que custam entre R\$ 3.000 a R\$ 25.000) quanto no fato de que essas práticas se fazem de maneira autônoma e à margem das intervenções médicas. Outro ponto importante é que cada vez mais a internet e os grupos das redes sociais parecem se tornar atores e agentes intrínsecos nos processos de concepção e maternidade lésbica/sapatonas. A agência desses atores nessas redes de relações sociotecnológicas se expande a cada dia, em um processo que não se inicia com a inseminação caseira, mas que se intensifica drasticamente a partir dessas práticas. Assim, me parece que não basta dizer que a internet vem cumprindo um papel de intermediação das práticas de maternidade lésbica no Brasil, mas, sim, que devemos tentar entender também como este papel vem sendo desempenhado, quais atores humanos, tecnológicos e/ou ciborgues fazem parte destes processos, quais repercussões e problemáticas são (ou podem ser) levantadas e geradas a partir dessas interações sociotecnológicas e virtuais.

Palavras-chave: Redes sociais. Maternidade lésbica. Tecnologias reprodutivas.



‘Antes’ e ‘depois’: O uso de imagens de pacientes na área da saúde e as cirurgias plásticas no *Facebook*

Camila Silveira Cavalheiro¹

Fabíola Rohden²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo investigar a produção e circulação das imagens de ‘antes’ e ‘depois’ que buscam ilustrar e enfatizar mudanças ocorridas nos corpos após procedimentos estéticos, cirúrgicos ou não. São também utilizadas para registrar perda de peso e/ou ganho de massa muscular. Estão presentes na divulgação de produtos e serviços de estética, explicitando a alteração dos contornos corporais produzidos através da manipulação do tecido ou inserção de materiais exógenos, como as próteses de silicone e o *botox*. O compartilhamento de imagens dos/as pacientes é uma questão ética para a área da saúde – através dos Códigos de Ética e Resoluções, as entidades representativas de cada categoria norteiam os usos possíveis destas imagens. O Conselho Federal de Medicina (CFM), a partir da Resolução CFM 1.974/2011, autoriza o uso de imagens dos/as pacientes para publicações científicas e fins educacionais, desde que com autorização do/a paciente ou responsável legal. Mas veta a exposição do/a paciente como forma de divulgar técnica, método ou resultado de tratamento, ainda que com autorização expressa. Ou seja, a proibição também se aplica às imagens de ‘antes’ e ‘depois’, que circulam amplamente em diversos espaços. O presente estudo se insere no projeto intitulado “Novas formas de circulação de conhecimento e de acesso a tecnologias biomédicas: cenários contemporâneos para transformações corporais e subjetivas”. Visa refletir sobre as transformações corporais em contextos onde a procura por procedimentos representa sobretudo uma busca pelo aprimoramento de si, com ênfase nos contornos corporais e na performance física. Para tanto, considera-se fundamental observar as interações e produção de discursos públicos em torno de tecnologias biomédicas tidas como inovadoras. As redes sociais não atuam somente como ferramentas de comunicação, integram cada vez mais a vida dos indivíduos e possibilitam a criação de redes que não seriam possíveis em outros espaços. Neste contexto, entende-se as redes sociais como integrantes da realidade cotidiana, peças essenciais nas análises desenvolvidas (Hine, 2015; Miller, 2012). Visando dar conta do uso crescente das redes sociais e da internet, busca-se enfatizar

¹ camila.silcavalheiro@gmail.com

² fabiola.rohden@com



as alterações significativas que este uso vem trazendo às formas de interação entre produtores/as de conhecimento e tecnologias biomédicas de intervenção. O conceito de biomedicalização também é central. Entende-se biomedicalização na perspectiva de Clarke et al (2010), enquanto um processo complexo, multissituado e multidirecional, através do qual a medicalização é redefinida constantemente em função de inovações biomédicas. O uso do prefixo “bio” busca enfatizar transformações que só são possíveis por conta de invenções tecnocientíficas, promovidas por elementos humanos e não-humanos (Rohden, 2017). No que se refere à metodologia, este trabalho tem como foco discursos sobre cirurgias plásticas, estabelecidos e veiculados entre usuários/as reunidos/as em 77 grupos da temática, na rede social *Facebook*. Almeja-se: a) compreender o campo das cirurgias plásticas no Brasil, a partir das expectativas e experiências dos/as pacientes; b) mapear os grupos que abordam a temática, na rede social *Facebook*; c) investigar o fenômeno do ‘antes’ e ‘depois’; e d) mapear as controvérsias em torno do uso das imagens de ‘antes’ e ‘depois’ na área da saúde. A inserção nos grupos se deu em setembro de 2020 e os dados foram coletados até junho de 2021. Após acompanhamento das publicações e comentários, chegou-se a um conjunto de categorias mobilizadas e a identificação das temáticas centrais debatidas pelos/as usuários/as. Apesar da temática em comum, cada grupo possui uma dinâmica própria, mas é possível identificarmos algumas continuidades, como a publicização dos relatos de consultas médicas, pós-cirúrgico e recuperação, e as imagens de ‘antes’ e ‘depois’ dos procedimentos. Quando postadas nos grupos, estas imagens são as publicações que geram maior engajamento, ou seja, possuem maior número de curtidas e comentários de outros/as usuários/as. Conclui-se que em todas as esferas do campo é possível observar a materialização de um padrão estético específico, classializado, racializado e generificado. Cirurgias plásticas que visam modificar os contornos corporais com maior ênfase, como as próteses de silicone, a lipoaspiração e a abdominoplastia, por exemplo, são mais visadas. Apesar de moderadores/as e dos/as profissionais se isentarem da circulação das imagens de ‘antes’ e ‘depois’, os grupos parecem ser uma maneira pela qual se ‘desloca’ a proibição, já que as postagens são realizadas pelos/as próprios/as pacientes. Este trabalho explora, portanto, não só o caráter controverso do uso das imagens de ‘antes’ e ‘depois’, que remetem à produção de normativas estritas e excludentes no que se refere aos padrões corporais almejados; mas também procura por em cena as instabilidades envolvidas no processo de exposição dessas imagens, especialmente nas redes sociais.

Palavras-chave: Antes e depois. Aprimoramento de si. Cirurgias plásticas. *Facebook*.



Controvérsias sobre o diagnóstico e o tratamento da obesidade: análise socioantropológica de um protocolo clínico no Brasil

Lisa Helena Corrêa de Moura¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Em um período não muito distante, o excesso de gordura corporal era apenas uma questão estética e não um problema de saúde. A partir do século XIX, algumas mudanças sociais provocaram um aumento na vigilância sobre os corpos gordos. Paralelamente, a biomedicina passou a disseminar um discurso científico sobre a gordura e o corpo, produzindo novos conhecimentos e estabelecendo um *corpus* de especialistas autorizado a instituir uma nova doença: a obesidade. Apesar do esforço para definir a obesidade sob parâmetros estritamente biomédicos, ainda existem muitas controvérsias acerca de sua causalidade, proporção epidêmica, diagnóstico e tratamento. Entre os meses de julho e agosto de 2020, a Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde (Conitec), do Ministério da Saúde, realizou uma consulta pública relativa ao Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) do Sobrepeso e Obesidade em Adultos, a qual obteve 699 contribuições de profissionais de saúde, especialistas, pacientes e seus familiares, amigos ou cuidadores e interessados no tema. Sabendo da importância educativa e reguladora que documentos como protocolos clínicos e diretrizes terapêuticas exercem na área da saúde, o objetivo deste trabalho é situar os principais interlocutores envolvidos no debate público sobre a obesidade e o sobrepeso no Brasil, compreendendo suas distintas posições. A partir de uma perspectiva socioantropológica, busco analisar as principais controvérsias científicas sobre o tema presentes no PCDT de Sobrepeso e Obesidade em Adultos, publicado pelo Conitec/MS em outubro de 2020. Após a análise da consulta pública, foi possível perceber que as principais controvérsias giravam em torno do diagnóstico e do tratamento farmacológico da obesidade. No documento apresentado para consulta, alguns interlocutores questionaram o uso do Índice de Massa Corporal (IMC) como único parâmetro de avaliação da obesidade. O IMC é um índice impreciso de avaliação da composição corporal, criticado por muitos profissionais, mas que permanece sendo utilizado em uma ampla gama de contextos, como em consultas e cirurgias médicas, nas tentativas de vigilância da saúde pública para medir os níveis de excesso de peso e obesidade em uma população, em campanhas de

¹ lisahcmoura@gmail.com



promoção da saúde, em escolas, por companhias de seguro, em relatos da mídia popular sobre o peso corporal, entre outros. Devido ao seu impacto social, pode-se perceber que o IMC não se trata de um índice neutro, muito menos livre de conflitos. No entanto, apesar de suas limitações, continua a ser utilizado rotineiramente em serviços e políticas de saúde no Brasil, corroborando para a perpetuação da medicalização da obesidade e do sobrepeso e do estigma ao corpo gordo. Na consulta, houve uma mobilização intensa de pacientes, familiares, profissionais de saúde e sociedades médicas a favor do tratamento farmacológico, já que a Conitec se opôs ao uso de medicamentos no tratamento de sobrepeso e obesidade, devido a sua baixa eficácia/efetividade na perda e manutenção da perda de peso e o alto risco de eventos adversos. Os conflitos em relação ao uso e a regulamentação de medicamentos voltados para perda de peso não são um fenômeno novo e já foram etnografados no Brasil. Em 2011, a regulamentação dos psicotrópicos anorexígenos foi tema de um longo debate entre a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e associações médicas especializadas no manejo clínico da obesidade. Na época, a Anvisa avaliava a retirada de quatro medicamentos do mercado, mas após pressão de algumas associações médicas e farmacêuticas, optou por manter o registro de um deles, a sibutramina. Quase 10 anos depois, a sibutramina voltou a ser foco de debate entre Ministério da Saúde, associações biomédicas e profissionais de saúde. Dessa vez, apesar de ter seu registro mantido, o medicamento passou a ser formalmente não recomendado pelo Ministério da Saúde. A leitura minuciosa dos comentários que abordavam o tratamento farmacológico também permitiu observar como a obesidade, os medicamentos e o posicionamento contrário ao uso de medicamentos são entendidos por pacientes e profissionais de saúde. Por fim, a análise da Consulta Pública no 25 possibilitou a identificação de algumas demandas sociais, controvérsias, tensionamentos políticos e éticos e articulações econômicas feitas em torno da obesidade e do sobrepeso no Brasil.

Palavras-chave: Obesidade. Medicalização. Diagnóstico. Fármacos antiobesidade.



A relação entre a meritocracia e a gordofobia em circulação no digital

Néliane Catarina Simioni¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Este trabalho investiga, por meio da Análise de Discurso (AD) de Linha Francesa, proposta por Michel Pêcheux, a relação entre a meritocracia e a gordofobia em discursos que estão em circulação no ambiente digital, especificamente nas redes sociais. A pesquisa é também o tema de minha dissertação de mestrado, que está em construção. De acordo com o filósofo Michael J. Sandel, “em uma sociedade desigual, aqueles que alcançam o topo querem acreditar que seu sucesso tem justificativa moral. Em uma sociedade de meritocracia, isso significa que os vencedores devem acreditar que conquistaram o sucesso através do próprio talento e empenho” (SANDEL, 2020, p.22). Trata-se da sociedade capitalista e neoliberal em que vivemos; a mesma que culpabiliza e julga pessoas gordas, cujos corpos são vigiados sob a proteção do discurso da preocupação com a saúde. Gordofobia é a termo que dá nome ao preconceito. Embora seus efeitos sejam velhos conhecidos para quem sente a gordofobia no corpo, apenas recentemente a palavra foi inserida em nosso léxico. Em fevereiro de 2021, a Academia Brasileira de Letras a apresentou em seu site, na seção ‘Novas Palavras’, junto à definição: “Repúdio ou aversão preconceituosa a pessoas gordas, que ocorre nas esferas afetiva, social e profissional.” Há muitas imbricações e controvérsias relacionadas ao tema. A começar pela noção de “corpo”, uma construção histórico-social, bem como a língua, ambos elementos constituintes de um sujeito. E como afirma ORLANDI (1998), o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído. Para a Análise de Discurso palavras não significam em si, mas em sua textualidade. Na metodologia, análise e teoria são inseparáveis, uma vez que é no discurso que o homem produz a realidade com a qual está em relação. Em busca de compreender as possíveis ligações entre os discursos do mérito e a gordofobia é necessário olhar para o século XX e seus contextos. Inúmeras foram as mudanças que ocorreram no processo produtivo, nos meios de trabalho, sociais, na política e na economia ao longo do período que marca a passagem ao modo de vida urbano. As transformações no comércio se intensificaram com a consolidação e expansão da industrialização, que acelerou o processo de urbanização, no Brasil especialmente a partir da década

¹ neliane.simioni@gmail.com



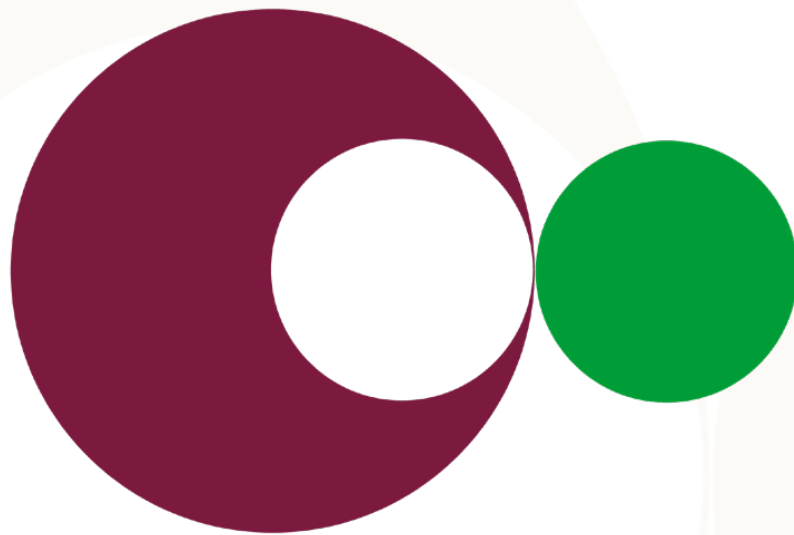
de 60. Segundo Sant'Anna (2016), foi nessa época que as balanças para pesar o corpo ganharam maior visibilidade nas drogarias brasileiras, junto ao florescimento dos primeiros supermercados e similar à ideia de pegar e pagar. Desde então, a identidade pessoal, além de ser formada pelo sexo, cor da pele, altura e idade, tendeu a incorporar o peso. Principalmente ao longo do século XX, a experiência da alimentação também foi transformada em espetáculo midiático e o corpo em um grande produtor de identidades. A era consolidou o que ficou conhecido como capitalismo financeiro, e todo o desenvolvimento proporcionado pela introdução da biotecnologia, robótica, avanços na área da genética, telecomunicações, eletrônica, transporte, entre outras áreas, relaciona-se com a globalização. Desta forma, na virada ao século XXI, a tecnologia passou a fazer parte dos modos de existência do sujeito e, de acordo com DIAS, da produção de seus sentidos e afetos. “Essa compreensão da tecnologia como condição de produção dos processos de subjetivação e não como um suporte também procura se afastar de uma tendência à aplicabilidade da tecnologia, sobretudo, no que se refere às tecnologias digitais, que não seriam, desse modo, um suporte através do qual os sujeitos de realizam, mas seriam aquilo através do que o sujeito imagina realizar aquilo que nele falta” (DIAS, 2018, p. 73-74). Este trabalho explora, portanto, as condições de produção que formam os discursos meritocratas e gordofóbicos, que de acordo com a AD incorporam materialidades históricas e funcionam a partir da relação de sentidos, que hoje estão em circulação nas redes sociais. A pesquisa é relevante para refletir o lugar a partir do qual fala o sujeito, constitutivo do que ele diz (ORLANDI, 2009), e assim indagar os efeitos que a meritocracia e a gordofobia movimentam em nossa sociedade. Por fim, questionar: quem dá os sentidos?

Palavras-chave: Análise de Discurso. Meritocracia. Gordofobia. Digital.



EDICC 8
CONTROVÉRSIAS

8º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura
19 - 21 de outubro de 2021
Universidade Estadual de Campinas



SESSÃO 2

TERÇA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO, 10h



As representações de ciência e cientistas em uma franquia de jogos digitais de entretenimento

Eduardo Freitas Nobre da Silva¹
Flavia Garcia de Carvalho ²
Marcelo Simão de Vasconcellos³
Fundação Oswaldo Cruz

RESUMO: O campo da divulgação científica abrange as diversas formas que assuntos das ciências são compartilhados ou discutidos com o público. Aqui, considera-se a ciência de forma ampla – seus processos, resultados, implicações e controvérsias – incluindo, também, os desenvolvimentos tecnológicos. A presente pesquisa, utiliza uma abordagem cultural, com menor enfoque na possível transferência de informação ou na aferição da efetividade de determinada ação e mais nos aspectos experienciais e emocionais inerentes à divulgação científica (DAVIES et al., 2019). Considera-se, portanto, que a atitude do público em relação à ciência pode estar mais relacionada aos significados construídos sobre a ciência do que propriamente a alfabetização científica das pessoas. Nesse sentido, as produções culturais nas diferentes mídias, sobretudo naquelas capazes de alcançar amplo público, representam grandes fontes de influência nessas construções de significado - produzindo, cultivando ou reforçando os significados culturais da ciência (KIRBY, 2014). A partir dessa perspectiva cultural em relação à divulgação científica, fundamenta-se o estudo das representações de ciência e cientistas nas diferentes mídias. A imagem da ciência e de cientistas em mídias diversas - nos filmes, nas artes plásticas, na literatura, etc. - é recheada de elementos simbólicos, sendo complexa e por vezes contraditória, evocando narrativas históricas e míticas, mas também relacionadas aos impactos da ciência na sociedade (REZNIK et. al, 2019), Portanto, ainda que não concebidas como deliberadamente divulgadoras da ciência, as representações presentes nas mídias, sobretudo naquelas de entretenimento capazes de alcançar um grande número de pessoas, contribuem para o interesse, identificação e percepção do público em relação à ciência. (DUDO et al., 2014). Kirby (2008) aponta que a ciência na ficção não é somente definida pela existência de conceitos factuais, mas sim pelo que ele chama de “sistemas da ciência” (tradução nossa), que inclui diversos aspectos relacionados à ciência: os seus métodos, a interação social entre cientistas, equipamentos de laboratório, bem como os aspectos que existem, em parte, para além da própria comunidade científica – política científica, divulgação científica, significados culturais, etc. Embora

¹ eduardo.fnfs@gmail.com

² flaviagc78@gmail.com

³ marcelodevasconcellos@gmail.com



nos últimos anos venham sendo realizados diversos estudos sobre as representações de ciência e cientistas, seus focos têm sido mais voltados para mídias como cinema e televisão, havendo uma lacuna na utilização dos jogos nesse tipo de pesquisa (DUDO et al., 2014). A presente pesquisa aborda os jogos digitais de entretenimento, partes de uma indústria global, os quais alcançam milhões de pessoas e que no ano de 2020 movimentaram uma quantia de quase 175 bilhões de dólares (WIJMAN, 2020). É importante ressaltar que os jogos digitais não se limitam à dimensão tecnológica, possuindo também uma dimensão cultural. Nessa perspectiva, a partir da constante expansão dos jogos digitais nas últimas décadas, há um aprofundamento da relação dos jogos com a construção de identidades individuais e culturais, constituindo-se o que podemos chamar de identidades lúdicas ou “ludificação” da cultura. (RAESSENS, 2006). A presente pesquisa visa a investigar as representações da ciência e de cientistas ao longo dos títulos da franquia de jogos digitais de entretenimento *Fallout*. A franquia é composta por 8 títulos, cujo primeiro lançamento ocorreu em 1997 e o mais recente em 2018. Trata-se de uma série de jogos de RPG com histórias de ficção científica ambientadas em um mundo pós-apocalíptico entre os séculos XXII e XXIII e apresenta um bom potencial para a análise por ter como tema central o impacto da ciência e de tecnologias na sociedade, sobretudo em suas aplicações bélicas, possuindo diversos personagens cientistas em suas narrativas. A metodologia da pesquisa foi construída em consonância com as considerações de Aarseth (2003), o qual aponta para a necessidade de se considerar as especificidades inerentes aos jogos, desta forma, não bastando que os mesmos sejam lidos, ouvidos ou assistidos, sendo necessário jogá-los. A análise dos jogos, lançará mão de uma abordagem de análise “textual” qualitativa baseada em dois modelos principais: o proposto por Carvalho et al. (2018) e o proposto por Consalvo e Dutton (2006). Nessa abordagem, o texto é considerado em sentido amplo, levando em conta que a análise de um jogo não deve ser realizada da mesma forma que seria feita em outras mídias. Há também a necessidade de o pesquisador jogar, analisando cuidadosamente alguns elementos específicos do jogo, definidos previamente ao ato de jogar. Dentre esses elementos podemos destacar quatro pontos que podem ser analisados por si próprios, mas que em conjunto ajudam a compor uma análise ampla do jogo, são eles: Inventário de objetos, interface, mapa de interação e jogabilidade. Ao fim da pesquisa, esperamos identificar as representações da ciência e de cientistas e sua possível evolução ao longo dos títulos da franquia. Dessa forma, contribuindo para melhor compreensão de como funciona, em nossa cultura, a construção de conhecimento e a relação entre ciência e sociedade, levando em conta os aspectos míticos, os símbolos, as metáforas e o imaginário social mobilizados na construção do imaginário científico (REZNIK, 2019).

Palavras-chave: Divulgação científica. *game studies*. representação da ciência. jogos digitais.



Matemática em cena: um estudo com o público da peça infantil ‘O problemão da Banda Infinita’

Ana Clara Dupret Vassallo do Amaral Baptista¹

Carla Da Silva Almeida²

Casa de Oswaldo Cruz (COC)- Fiocruz

RESUMO: Este trabalho é um estudo de recepção conduzido com o público de *O problemão da Banda Infinita*, espetáculo infantil sobre matemática produzido pelo Museu da Vida/Fiocruz. O objetivo foi investigar o potencial do teatro como estratégia de divulgação científica, observando como o diálogo entre o espetáculo e o espectador se constrói em uma peça teatral sobre matemática. O objeto do estudo, a peça infantil *O problemão da Banda Infinita*, conta a aventura de cinco amigos que formam a Banda Infinita. Eles estão prestes a se apresentar em um show e descobrem que quatro das cinco partes da corneta Max-Mega-Super-Ultra-Sonora sumiram e, então, vão procurar o resto do instrumento em diferentes lugares. Ao longo da aventura, eles se relacionam com vários conceitos da matemática, objetivo principal da obra. A peça produzida pelo Museu da Vida é um exemplo de diálogo entre ciência e teatro no contexto da divulgação científica, um diálogo que vem se intensificando nos últimos 20 anos impulsionado por uma série de motivações. Por meio do teatro, seria possível abordar temas científicos – muitas vezes duros e complexos – de forma envolvente (BAUM e HUGHES, 2010; BLACK e GOLDOWSKY, 2000; RICHARDS, 2008). O campo teatral trabalha “a sensibilidade, a percepção, a estética, a intuição e as emoções”, propiciando “novas perspectivas de ver a ciência, a tecnologia e o seu caráter humano” (MOREIRA et al., 2020, p. 556). Ao colocar no palco representações extraídas da sociedade, permeada pela C&T, o teatro teria o potencial de fazer as pessoas refletirem sobre a sua própria realidade. As interações entre ciência e teatro poderiam também contribuir para despertar tanto o interesse do público pela ciência quanto pela arte (LOPES, 2005). Com essas e outras motivações, o teatro tem se tornado uma estratégia cada vez mais usada na divulgação da matemática, ciência que, ao mesmo tempo em que ganha crescente relevância, é vista como assustadora por grande parcela das pessoas. Relacionar a matemática ao teatro pode se constituir em uma possibilidade de apresentar uma nova forma de olhar essa disciplina, capaz de aproximá-la da sociedade, contribuindo para uma percepção social mais positiva da mesma. Por meio

¹ acldvab.acd@gmail.com

² carla.almeida@fiocruz.br



da linguagem teatral, temas complexos como a matemática podem ganhar os palcos mesmo quando o público-alvo são crianças. Ao participar ativamente da troca proposta entre palco e plateia, esse pequeno espectador cria junto a obra no momento em que a assiste, “é ele quem constrói sentidos, significados e sensações a partir de seu repertório e da relação travada com o objeto” (FERREIRA, 2011, p.46). O estudo, conduzido entre junho e outubro de 2018, adotou a perspectiva da pesquisa quanti-qualitativa, com a triangulação de diferentes metodologias (MINAYO, 2004), a saber: entrevista com a diretora da peça para explicitação das suas escolhas e dos seus objetivos; acompanhamento dos ensaios e apresentações da peça para familiarização com seus elementos; e ficha voltada ao público infantil, com três perguntas (sexo, idade e nível de diversão) e um espaço para se expressarem, por forma de texto e/ou desenho, sobre o espetáculo, aplicada ao término de cada apresentação da peça. Instrumento principal do estudo de recepção, a ficha foi aplicada em sete apresentações abrangendo o público escolar do Museu da Vida, resultando em 250 fichas preenchidas por espectadores entre seis e onze anos (faixa etária alvo da peça). Para este trabalho, analisamos estatisticamente as respostas das três primeiras questões das 250 fichas preenchidas pelo público escolar e, por meio de análise de conteúdo, os 160 desenhos realizados no espaço destinado ao registro de suas impressões sobre a peça. Os resultados sugerem que o espetáculo teve uma recepção positiva por parte desses espectadores. De diferentes formas, eles retratam uma experiência significativa – tanto cognitiva quanto afetiva – no teatro do Museu da Vida. Primeiramente, os dados evidenciam um alto nível de diversão da plateia. Depois, indicam uma grande adesão dos estudantes consultados ao jogo teatral, sobretudo no que diz respeito ao enredo e aos seus protagonistas. Estes últimos foram retratados em quase todos os desenhos analisados, relevando uma relação de forte empatia entre os atores e o público. Depois dos protagonistas, os elementos mais representados foram aqueles que remetem ao universo da matemática, cuja presença extrapolou o texto, sendo incorporada a diversos elementos cênicos e ao figurino da peça, representada sobretudo por formas geométricas. O universo da música também foi representado de forma recorrente pelos estudantes e novamente aqui os elementos mais registrados foram aqueles que mais aparecem em cena, no caso, os instrumentos musicais e particularmente a corneta, que desempenha papel relevante no enredo do espetáculo. Isso pode contribuir para que desenvolvam uma percepção positiva da matemática (e do teatro) ao longo da vida, que era a principal intenção do espetáculo. Evidenciamos, assim, a potência da interação entre ciência e teatro como estratégia de divulgação científica e cultural.

Palavras-chave: divulgação científica. ciência e teatro. matemática. estudo de recepção.



COVID-19: vozes para um mundo futuro

Renato Salgado de Melo Oliveira¹
Allana Santos Nascimento²
Ana Beatriz Oliveira Rodrigues³
Henzo Lopes Almeida⁴
Marcela Santos Silva⁵
Instituto Federal Baiano

Sessão 2 | Terça-Feira, 19 de outubro, 10h

RESUMO: O contexto é o da pandemia da COVID-19, causada pelo vírus Sars-CoV-2, que teve seus primeiros registros na China, no final de dezembro de 2019 e que, em pouco tempo, atingiu todo o mundo, por volta de março de 2020, levando a OMS a decretar estado de pandemia. Desde então, o mundo se viu em uma situação bastante complexa: de um lado um número crescente de mortos, UTI's lotadas, falta de medicamentos e de outro um escalonamento do negacionismo dos estudos científicos e uma resistência às medidas sanitárias de proteção. Enfrentando estes dois extremos, diversos divulgadores científicos buscaram alertar a população dos riscos graves trazidos pela pandemia e promover medidas seguras de cuidados com a saúde. Tendo este contexto em voga, o presente trabalho deseja apresentar três projetos de pesquisa desenvolvidos no Instituto Federal Baiano (*Campus Itaberaba*), que envolveram três alunas e um aluno do Ensino Médio para debater controvérsias nas próprias estratégias de Divulgação Científica a respeito da COVID-19 no Brasil. O primeiro projeto, financiado com bolsa PIBIC-EM/CNPq, "Ideias para o fim da normalidade: um debate sobre as perspectivas pós-COVID-19", desenvolvido pela aluna Marcela Santos Silva, trouxe a questão do "novo normal" em diálogo com obras de personagens náufragos que precisaram "recriar o mundo" a partir de suas ilhas perdidas. Assim apontamos três caminhos: a reconstituição do antigo mundo (representado pelo Robinson Crusoe de Daniel Defoe), o aprendizado de um novo mundo em contato com o diferente (proposto pela versão de Michel Tournier para a obra de Defoe) e o sonho, mas sem a metafísica utópica, de um mundo futuro (inspirado pela peça *O Marinheiro* de Fernando Pessoa). Motivada pelo pensamento de Ailton Krenak, Marcela Silva busca desenvolver a questão do "novo normal" trazendo para a análise os desejos capturados e mobilizados pelo consumo, pelo sistema de trocas e pelos meios produtivos. Propor a dúvida do que vem a ser o "novo normal", mais do que pensar em um fenômeno social dado, é investigar os meios sociais, culturais e afetivos que

¹renato.oliveira@ifbaiano.edu.br

²allanasn23@gmail.com

³br978136@gmail.com

⁴henzo0073@gmail.com

⁵marcelasantos7777@gmail.com



mobilizam a relação com o mundo cristalizando uma noção de “normal”. Para alguns, prevalece uma vontade de retornar aos “números” do pré-pandemia, como o Turismo, por exemplo; para outros, marca o ressurgir de uma “nova era”, já fundada pela própria pandemia em si, sem a necessidade de mais nada, discurso que aparece muito na Educação, especialmente no uso dos métodos Híbridos de ensino. No entanto, esta pesquisa gostaria de apresentar a mudança como um processo que demanda interesse e se faz em devir. O segundo projeto, também financiado com bolsa PIBIC-EM/CNPq, “Da Revolta da Vacina ao negacionismo da COVID-19: estratégias para a divulgação científica”, desenvolvido pela aluna Allana Santos Nascimento, procura fazer um estudo comparativo entre a Revolta da Vacina (1904) e o negacionismo atual da vacina da COVID-19. A estudante, orientada pelos Estudos Sociais da Ciência desenvolvido por Latour, propõe investigar a socio-lógica do negacionismo atual, procurando escapar de um Tribunal da Razão que confina o negacionismo ao irracionalismo, provocando, ainda mais, a resistência dos detratores da vacina. Allana Nascimento nos convida a pensar a diferença entre o aspecto social da Revolta de 1904 e os argumentos individualistas do atual negacionismo, que insiste em fundamentar uma verdade a partir das convicções pessoais políticas, religiosas, ou mesmo afetivas. Por fim, o projeto, financiado com bolsa PIBIC-EM/IF Baiano, desenvolvido pela aluna Ana Beatriz Oliveira Rodrigues e pelo aluno Henzo Lopes Almeida, ainda está em fase de desenvolvimento teórico, mas baseia-se em uma investigação da sociologia do medo, a partir de Bauman em diálogo com A peste de Camus, para debater os medos envolvidos em uma pandemia, para além do medo direto da morte pela doença. A suspeita é de que a própria pandemia potencializa outros medos gerados por uma sociedade polarizada politicamente como a nossa e que passam a vestir a questão da recusa à vacina ou da promoção de medicamentos ineficazes como bandeira de luta. Em comum, os três projetos, levantam a necessidade de a Divulgação Científica pensar as questões do negacionismo para além de uma irracionalidade ou mesmo uma incapacidade cognitiva, mas compreender que elementos afetivos disparam mecanismos de resistência que se proliferam nos discursos negacionistas. Ainda em fase de execução, os três projetos pretendem produzir episódios de podcast e inaugurar uma proposta de rádio virtual batizado de “andoAR”, em homenagem ao bode voador do livro “Sexta-feira ou os limbos do Pacífico” de Tournier. Estes seriam os primeiros episódios de um trabalho do *Campus* Itaberaba a fornecer material de Divulgação Científica para a comunidade.

Palavras-chave: Divulgação científica. Literatura. COVID-19.



Os Projetos: PROVA e EDUCAM e a divulgação científica e cultural

Sílvia Cipriano¹

Universidade Estadual de Campinas

Sessão 2 | Terça-Feira, 19 de outubro, 10h

RESUMO: As Oficinas de audiovisual empregam tecnologia digital de informação e comunicação, facilitando a aproximação da arte com outras áreas de conhecimento, como a comunicação e a educação, funcionando como um recurso estratégico de partilha de conhecimentos diversificados e de divulgação científica e cultural. Conseqüentemente, o presente trabalho objetiva apresentar o papel desempenhado pelos atravessamentos entre arte, comunicação, tecnologia e educação e a divulgação científica e cultural no desenvolvimento e formação das crianças e jovens envolvidos nas oficinas de audiovisual das propostas educacionais: Projeto de Vivência Audiovisual (PROVA) e Educação, Cultura e Mídia (EDUCAM). O estudo das oficinas do PROVA e do EDUCAM podem favorecer a compreensão de como a interface citada anteriormente funciona enquanto estratégia para a construção de um percurso para a mediação cultural, social e científica. A popularização da ciência e da cultura tem forte potência como instrumento democrático de acesso ao conhecimento e tecnologias, podendo contribuir com a melhoria nas condições de vida das populações vulneráveis, pois as instrumentaliza na luta contra a desigualdade social e em defesa de seus direitos. Além disso, o envolvimento ativo dos sujeitos que frequentaram as oficinas, juntamente com seus pais/responsáveis e demais membros da comunidade do derredor, possibilitou um rico material para se compreender a importância do papel do sujeito no seu desenvolvimento crítico e emancipatório e no estudo da intencionalidade comunicativa em ambientes mediados por tecnologias de informação e comunicação, em uma perspectiva educomunicativa. O estudo desenvolve-se embasado no enfoque da educomunicação – cujas bases são a educação, a comunicação e a tecnologia –, aqui aplicada a partir do estudo de caso, ou seja, da experiência com as oficinas de audiovisual dos Projetos PROVA e EDUCAM, realizada entre os anos 2001 e 2019, na cidade de Campinas/SP. Em 2001, quando iniciamos as oficinas do PROVA essas interfaces não eram tranquilas, pois as argumentações da Escola de Frankfurt sobre o teor ideológico da mensagem na comunicação, envolvendo principalmente a Dialética do Esclarecimento e a Indústria Cultural, eram plenamente aceitas (LOBATO e SANTOS, 2020), porque a educação era voltada para

¹ alipiela@gmail.com



a instrução e formação técnica ou para a preparação e aprovação no vestibular. Uma década depois, com a propagação dos estudos nessa área, a Educomunicação passa a ser compreendida como um campo epistemológico que, para além dos processos de ensino e aprendizagem, tem o desafio de romper limites com os processos meramente instrutivos e expandir seu alcance a quase todos os âmbitos da vida (OROZCO, 2014, Apud LOBAT e SANTOS, 2020). Nesse sentido, vale lembrar que a educomunicação compreende “*um conjunto de ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos*” (SOARES, 2013 apud SOARES, 2011, p. 36) ecossistemas que dizem respeito aos diferentes ambientes sociais onde as pessoas se relacionam (família, escola, centros culturais, espaços virtuais). A pesquisa é qualitativa e se embasa em dados visuais, tendo, portanto, como referencial teórico a obra de Banks (2009). De caráter qualitativo, os dados que estamos levantando são parte de uma pesquisa exploratória e foram obtidos a partir de fichas de inscrição, questionários, roteiros cinematográficos escritos pelo coletivo e obras filmicas gravadas, além de entrevistas. A análise dos dados está em fase inicial, porém, já foi possível constatar que a apropriação da linguagem audiovisual e de seus recursos ocorreu, ainda que sem uma consciência plena do fato. E, isso, favoreceu o usufruto do direito à comunicação e expressão, promovendo a elevação da autoestima e mudanças na forma de pensar dos sujeitos envolvidos. Também foi possível perceber que os grupos sociais próximos aos educandos - familiares, amigos e membros da comunidade - que se envolveram com os projetos e acessaram os conhecimentos científicos e culturais compartilhados, apresentaram mudanças na percepção da sua realidade, passando a questionar as representações midiáticas da periferia e a valorar sua construção identitária.

Palavras chaves: Divulgação Científica e Cultural. Arte. Comunicação. Tecnologia. Educação.



Controvérsias, ciência e arte: o uso de paródias musicais na divulgação científica

Fernanda Veneu¹

Marcelo Borges Rocha²

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Alanza Mara Zanini³

Gabriel Mendes⁴

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Márcia Soares⁵

Centro Integrado de Educação Pública 329 Juan Martinho Carrasco

Sessão 2 | Terça-Feira, 19 de outubro, 10h

RESUMO: As controvérsias desempenham um papel fundamental na construção do conhecimento científico, bem como no estabelecimento e validação de novas teorias (DASCAL, 1994; 1998; REIS, 2009; VENTURINI, 2010; VALLVERDÚ, 2002). Paródias musicais são amplamente utilizadas no ensino de ciências com o intuito de facilitação e memorização de conteúdos (BORGES; DA MATTA, 2016; LUPINETTI; PEREIRA, 2017; BORGES, 2018; SILVA, 2018; FLOR et al., 2020). Dessa maneira, este estudo buscou analisar o potencial do uso de paródias musicais na Divulgação Científica (DC) sobre controvérsias. A partir do diálogo entre diferentes autores da área, defendemos, neste estudo, que as paródias musicais podem ser instrumentos para a DC de temáticas controversas. Controvérsias são temáticas complexas, multidisciplinares e têm impactos consideráveis na sociedade (Pedretti et al., 2018). Nelas, estão incluídos aspectos que vão desde o próprio fazer científico até o efeito de empreendimentos científicos na sociedade. Por isso, trabalhar controvérsias na DC possibilita a abordagem de temas sociais relevantes, de forma a tornar o conhecimento científico compreensível ao público em geral. Os meios de comunicação social exploram diariamente temáticas controversas. Além disso, com os avanços da ciência e da tecnologia, os cidadãos são confrontados com decisões cotidianas que demandam algum tipo de conhecimento científico, como ao decidir entre um alimento transgênico ou não; ao optar por um determinado tratamento para algum tipo de doença (RAMALHO et al., 2017), especialmente considerando o contexto atual de pandemia. Assim, as atividades de DC são fundamentais para a difusão da ciência para os diferentes públicos, de forma acessível e coerente. A abordagem de controvérsias na DC perpassa os processos cognitivos e afetivos, e contribui

¹fvene@gmail.com.

²rochamarcelo36@yahoo.com.br.

³alanzabiologia@gmail.com.

⁴mendesbio88@gmail.com.

⁵marciasoares.bio@hotmail.com.



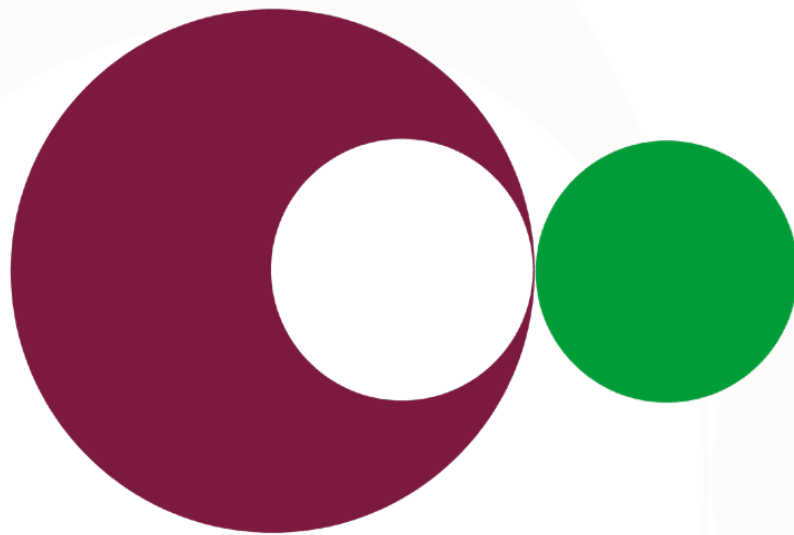
para a tomada de decisão e o posicionamento crítico dos atores sociais frente às diversas situações (REIS, 2013; FRAGA; ROSA, 2015; PEDRETTI; ALBE, 2016). A Arte é a busca por um sistema que dê conta de todas as relações possíveis, pois as técnicas artísticas são técnicas de ideação a partir de um fazer autônomo (ARGAN, 1992). Fazer arte é muito mais do que executar uma tarefa, pois requer uma dimensão reflexiva, uma fenomenologia da forma, uma percepção conformadora e formadora, que expande a percepção do mundo e produz uma reflexividade que pressupõe diferentes possibilidades de sentidos. Defendemos que as linguagens artísticas possuem forte potencial para o trabalho das controvérsias na DC. Por meio de uma música, de uma paródia, de um espetáculo, da produção e leitura de um quadro, conceitos científicos e elementos que constituem a Natureza da Ciência podem ser trabalhados e disseminados para o público em geral. A música é uma das linguagens artísticas para a DC, podendo promover a aproximação do indivíduo com a ciência (MOREIRA; MASSARANI, 2006). Ela promove reações afetivas e emotivas, pois é uma linguagem que faz parte da vida dos seres humanos. Seu aspecto lúdico ultrapassa as fronteiras da educação formal. Diante disso, a utilização de música também é uma estratégia de DC, criando pontes entre a ciência e o público. O tipo de música sobre o qual vamos nos debruçar aqui é a paródia, definida como “uma imitação engraçada ou crítica de uma obra (literária, teatral, musical)” (AULETE, 2004, p. 595). Há vários estudos com o uso de música por meio de paródias. Porém, estes trabalhos estão voltados para o processo de ensino e aprendizagem em ciências (PYE, 2004; TREZZA et al., 2007; MARTINS et al., 2009; JUNIOR; LAUTHARTE, 2012; BORGES; ALMEIDA, 2015; SILVA et al., 2015; BORGES; DA MATTA, 2016; LEMOS et al., 2018). Quando nos voltamos para a literatura, percebemos que o tema DC e paródias é pouco explorado, tendo em vista que não encontramos, em bancos de periódicos, durante o primeiro semestre do ano de 2021, trabalhos relacionados à DC e paródia. As paródias podem ser um recurso importante para abordar conceitos científicos (BORGES; ALMEIDA, 2015), constituindo-se em uma forma criativa e crítica de trabalhar ciência. As características da paródia, como a presença de humor, a flexibilidade nos temas e a criticidade são elementos que podem auxiliar o trabalho do divulgador científico. Pelo fato de ser uma paródia musical, ela está conectada com os afetos humanos, propiciando uma experiência pessoal, única e divertida do tema tratado. Entre os conceitos a trabalhar nas paródias musicais, destacamos as controvérsias, por todas as características vistas até aqui. Falar de controvérsias pode aproximar o público de conceitos como natureza da ciência, bem como de ideias como a não neutralidade da ciência. Tratar as controvérsias via paródia musical pode oferecer ao público uma visão de ciência mais próxima à discutida atualmente na academia, o que pode ajudar também no combate às *fake news* sobre ciência, entre outros aspectos.

Palavras-chave: Arte. Ciência. Controvérsias. Paródia musical. Divulgação científica.



EDICC 8
CONTROVÉRSIAS

8º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura
19 - 21 de outubro de 2021
Universidade Estadual de Campinas



SESSÃO 3

TERÇA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO, 13h



Dilma Rousseff e Cristina Kirchner: representação das Presidentas nas capas dos jornais Folha de S. Paulo e Clarín

Adriana Silvestrini Santos¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Nas últimas décadas do século XIX, as mulheres europeias e as estadunidenses encabeçaram a luta pela igualdade na participação política por meio do movimento sufragista. Diante de uma supremacia masculina, elas enfrentaram dificuldades para que o voto feminino se tornasse realidade. No ano de 1893, a Nova Zelândia foi o primeiro lugar no mundo que permitiu a mulher ir às urnas. Na América Latina, a primeira conquista ocorreu no Equador, em 1929. Na sequência vieram Brasil (1932), Argentina (1947) e demais países da região. Porém, só votar não era suficiente. As mulheres queriam também ser votadas para ocupar aquele lugar de poder que nunca foi pensado para elas: chefe de Estado ou de Governo. A primeira Presidenta latino-americana foi a argentina María Estela Martínez, conhecida como Isabelita Perón, que assumiu a presidência da Argentina de 1974 a 1976 após a morte de seu marido Juan Domingo Perón. No total, até os dias de hoje, a América Latina já teve 12 Presidentas. Entre os 20 países que pertencem ao bloco, 10 já foram governados por mulheres eleitas ou interinas. A Argentina e a Bolívia tiveram duas mulheres cada ocupando o cargo de chefes de Estado. A partir da primeira década do século XXI, as mulheres passaram a ganhar destaque no cenário político na América Latina e, conseqüentemente, no mundo. Em um total de 12 anos, de 2006 a 2018, a região teve sempre pelo menos uma mulher como mandatária. No ano de 2014, especificamente durante os meses de março, abril e maio, quatro Presidentas governaram simultaneamente suas nações. Foram elas: Cristina Kirchner (Argentina), Dilma Rousseff (Brasil), Laura Chinchilla (Costa Rica) e Michelle Bachelet (Chile). A representação das mulheres latino-americanas ocupando o cargo político mais alto de seus países justifica o interesse da elaboração desta pesquisa. Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir a representação das Presidentas sul-americanas Dilma Rousseff e Cristina Kirchner nas capas dos jornais. Cristina Kirchner ganhou as eleições na Argentina em 2007 e foi reeleita em 2011. Dilma Rousseff venceu nas urnas brasileiras em 2010 e novamente em 2014. Nesta comunicação apresento, de maneira sucinta, um recorte da pesquisa que traz a análise da capa do jornal Folha de S. Paulo sobre a posse do segundo mandato

¹dri.silvestrini@gmail.com



de Dilma Rousseff, comparando-a com a capa da posse do segundo mandato de seu antecessor Luís Inácio Lula da Silva. Compartilho também os achados na capa do Clarín sobre a posse do primeiro mandato de Cristina Kirchner contrapondo com a capa do primeiro e único mandato de Néstor Kirchner. A pergunta da pesquisa é saber como elas, na condição de Presidentas, foram noticiadas e representadas nos periódicos durante os 10 primeiros dias e os 10 últimos dias de seus dois mandatos. Além disso, interessa também a cobertura jornalística na capa do dia seguinte à vitória nas eleições e da cerimônia de posse. O *corpus* da pesquisa é formado pelas capas dos diários Folha de S. Paulo e Clarín, considerados os jornais de maior circulação nacional no Brasil e na Argentina, respectivamente. Diante dos elementos textuais e fotográficos contidos nas capas, a pesquisa tem como foco observar a manchete e a foto de destaque, que geralmente faz referência à chamada principal da capa. Para analisar os achados jornalísticos na capa é utilizada a metodologia de Análise de Discurso que considera que a linguagem não é transparente e que há necessidade de entender como um texto ou uma imagem significam (ORLANDI, 2007). É olhar além do esquema elementar da comunicação: emissor, mensagem e receptor. As instituições políticas moderna são atualizadas como espaços masculinos, ou seja, de exclusão às mulheres e outros grupos sociais considerados subalternos (BIROLI, 2018). A mídia não só reflete essa realidade como também acaba reproduzindo as práticas sociais (BIROLI, 2011). Diante dessas considerações, o estudo faz uma comparação entre as capas das Presidentas Cristina Kirchner e Dilma Rousseff com algumas das capas dos Presidentes Néstor Kirchner e Luís Inácio Lula da Silva, seus respectivos antecessores. Os jornais são os mesmos Clarín e Folha de S. Paulo. Para Lula são considerados dois mandatos (2003 e 2007) e um para Néstor Kirchner (2003). De acordo com o recorte estipulado para investigação, somam-se 154 capas. Destas, 140 são referentes aos 10 primeiros dias e 10 últimos dias de governo das duas Presidentas e dos dois Presidentes, além das outras 14 que noticiam as vitórias e as posses. Estudos das capas já estão em curso assim como o aprofundamento da fundamentação teórica.

Palavras-chave: Presidentas. Representação. Gênero. Jornalismo. América Latina.



Direito social e seus discursos: entre uma mera propaganda de governo e uma necessária divulgação de direitos

Mônica de Oliveira Pasini¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Esta pesquisa tem por finalidade contribuir para a comunicação de direitos sociais, sendo tema da dissertação de mestrado em curso. A proposta é realizar análise de discurso (AD) dos discursos sobre os benefícios sociais em circulação nos períodos de exceção da democracia brasileira. Para isso, conceitua-se cidadania, concentrando-se no reconhecimento dos direitos sociais pelo Estado brasileiro nos períodos de 1937 a 1945 (Estado Novo) e de 1964 a 1985 (Ditadura Militar), em contexto capitalista e de restrição de direitos civis e políticos. Com a premissa que direitos são criados em um campo de conflito e da mesma forma que novos direitos são conquistados, outros são retirados (MONDAINI, 2008; RUIZ, 2014), identifica-se um forte incremento da legislação previdenciária e trabalhista nos períodos de exceção democrática no Brasil (SAES, 2003; GOMES, 2007; CARVALHO, 2013). No período do Estado Novo, havia uma propaganda sistemática e sofisticada que acompanhava as políticas públicas de inovação referentes ao campo social (GOMES, 1994; 2005). Também é nesse período que a legislação protetiva dos trabalhadores e das trabalhadoras se consolida com o Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Já, no período da Ditadura Militar, havia uma grande censura às notícias, com exceção da cobertura de economia que tinha a tendência de evitar questões polêmicas apontando para direções positivas. As notícias de economia, de certa forma, atendiam à necessidade de uma imprensa que divulgasse “conquistas e avanços”, contribuindo para legitimidade política e do regime (LENE, 2010). Na Ditadura Militar, a legislação de proteção aos trabalhadores e às trabalhadoras fica mais abrangente, com o Decreto nº 60.501, de 14 de março de 1967, ampliando a cobertura aos trabalhadores e às trabalhadoras por conta própria e do meio rural. O *corpus* de análise é composto pelas falas do Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, Alexandre Marcondes Filho, no período de janeiro de 1942 a julho de 1945. As “falas das quintas-feiras”, no programa de rádio “Hora do Brasil”, transmitido pela Rádio Nacional, totalizando mais de duzentos discursos que contribuíram à atribuição do título “pai dos pobres” a Getúlio Vargas (GOMES, 1994). Para o segundo período de análise, compõem o *corpus*, os editoriais de economia de veículos de imprensa

¹monicadeoliveirapasini@gmail.com



comprometidos com os interesses do regime militar, “O Jornal” e “O Globo” (SANTOMAURO, 2015). Utiliza-se a AD para identificação de elementos linguísticos que aproximam o ouvinte / leitor, em mensagens referenciais, quase técnicas, buscando encontrar enunciados com palavras já ditas, que dê “a impressão” do ouvinte ou leitor estar “dentro de uma história” (BARBAI, 2011). É com este aparato teórico, cuja materialidade discursiva do texto traz “indícios, pistas, vestígios”, que se marca os “traços ideologicamente interpretáveis” (COSTA, 2009). Também com os dispositivos teóricos da AD, considera-se o aparelho de estado da informação que funciona pela ideologia (ALTHUSSER, 1980) e a nomeação ou mesmo equívoco que traz a expressão “políticas públicas”, na busca da compreensão sobre a individualização do sujeito pelo Estado (ORLANDI, 2010). Por fim, vem para o centro da análise a propaganda liberal burguesa, que tem sua fundação na Declaração dos Direitos do Homem, e que traz uma aparente separação entre os “estados-maiores” e a “massa”, quando o que realmente existe é um evidente “corpo teórico-político” (PÊCHEUX [1979], 2015). A faceta do capitalismo de agir à distância sobre as massas com a propaganda, contribuindo para anestesiar as resistências e através do consenso dissolver as revoltas (*ibid*), leva este trabalho à controvérsia existente entre a necessidade de divulgação de benefícios sociais à população e uma explícita propaganda de governos autoritários que buscam sua legitimação. Alcançando, dessa forma, dois possíveis desdobramentos: o assujeitamento inerente no processo da cidadania no contexto capitalista e o papel do Estado na implementação dos direitos sociais, nos regimes ditatoriais do Brasil, em detrimento dos direitos civis e políticos. Portanto, com os dispositivos teóricos da AD aplicados aos discursos autorizados pelo Estado brasileiro, espera-se, nos achados de pesquisa, evidenciar as diferenças entre a necessária divulgação de direitos sociais e uma explícita propaganda de governos ditatoriais.

Palavras-chave: Direito social. Capitalismo. Ditadura. Análise de discurso.



Imprensa feminista na internet: quem e sobre o que falam?

Carolina Busolin Carettin¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Este trabalho traz alguns resultados de minha pesquisa de mestrado que tem como tema a imprensa feminista na internet. Nela, analiso como as mudanças tecnológicas promoveram alterações nos movimentos sociais, especificamente no feminismo, e na imprensa. O movimento feminista, nos últimos anos, utilizou e ajudou a construir tais tecnologias para se organizar nas redes sociais digitais e também no espaço físico. Exemplo disso é o ciberfeminismo, movimento que “unia arte e virtual”, mas que se transformou num “movimento para designar uma variedade de iniciativas, estratégias e tendências” que usa as novas tecnologias para “libertação, liderança e empoderamento das mulheres” (MIRANDA; BITAR, 2019, p. 27). Assim também aconteceu com o jornalismo, que sofreu mudanças organizacionais, o que resultou no aparecimento de sites como os analisados na pesquisa: independentes, com ou sem financiamento coletivo e mais diversos. Penso os conceitos objetividade feminista (HARAWAY, 2009; HARDING, 1992, 2019), perspectiva feminista (HARTSTOCK, 1983) e interseccionalidade (CRENSHAW, 1991; AKOTIRENE, 2020) no campo do jornalismo, articulando-os para debater se é possível fazer um jornalismo situado e mais inclusivo (HARAWAY, 2009; GUSTAFSON, 2019) utilizando das ferramentas digitais. Minha pesquisa analisa o perfil de quem produz conteúdo jornalístico feminista na internet e quais os principais temas abordados por dois veículos: Lado M e AzMina. Ambos foram criados nos anos 2010, mais precisamente 2014 e 2015 respectivamente, momento de efervescência do movimento feminista no Brasil (REIS, 2017), também conhecido como Primavera das Mulheres (REIS, 2017, p. 2). Escolhi analisar os textos e autoras que publicaram no segundo semestre de 2018, por ser um período em que os movimentos sociais – inclusive o movimento feminista – se organizaram acerca da eleição presidencial, que resultou nas manifestações contra o então candidato Jair Bolsonaro (ROSSI; CARNEIRO; GRAGNANI, 2018). Com tal escolha é possível articular o feminismo como movimento social e a imprensa feminista, analisando como os assuntos relacionados à política apareceram nos sites nesse período. Para realizar a pesquisa com as autoras, apliquei um questionário online via Google Formulário com perguntas

¹carol.carettin@hotmail.com



sobre raça, identidade de gênero, cidade de nascimento e de residência, idade, orientação sexual, relação com o veículo (se é contratada, freelancer ou voluntária), há quanto tempo contribui para o site e qual avaliação faz da sua colaboração. Além disso, realizei entrevistas com as fundadoras dos sites – Mariana Miranda do Lado M e Carolina Oms d’AzMina - e com algumas autoras, a fim de aprofundar o conhecimento sobre os veículos e também articular o conceito de interseccionalidade com o cotidiano das colaboradoras. Os dados obtidos pelo questionário mostram que a maioria das autoras são mulheres brancas, heterossexuais e cisgênero (não havia nenhuma autora transexual no período analisado), na faixa etária dos 26 a 30 anos e mora ou nasceu na região Sudeste. Com isso foi possível perceber que o jornalismo feminista reflete o perfil dos/as/es jornalistas/es brasileiros/as/es, mapeado em pesquisas anteriores (BERGAMO; MICK; LIMA, 2013). A maioria dos profissionais é branco e mora na região Sudeste – principalmente no Estado de São Paulo -, e, apesar da maioria ser mulher, 64%, ainda são poucas as que ocupam lugares de poder dentro das empresas de comunicação. Além disso, chama a atenção a grande quantidade de autoras que são voluntárias, não tendo nenhum vínculo empregatício com o veículo. A partir desse dado é possível refletir sobre como isso se dá nas características dos textos e também na periodicidade. Uma vez que não tem compromisso com o veículo, acabam escrevendo menos vezes e de forma mais espaçada. Concluo que, apesar de serem dois veículos que se propõem a ter corpos editoriais mais diversos – como as fundadoras disseram em entrevista -, os dois sites ainda refletem o padrão encontrado no jornalismo tradicional. A grande diferença pode estar na questão da política – que ainda vou analisar com maior profundidade – e também na quantidade de textos opinativos que são publicados pelos veículos.

Palavras-chave: Jornalismo. Feminismo. Imprensa Feminista. Internet.



Um passeio pela “terceira via”: a polarização assimétrica e o ressentimento social no cenário político brasileiro

Fernando Ferreira da Silva Ananias¹

Universidade Estadual de Campinas

Deborah Pereira²

Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO: Partiremos nessa análise, ainda em estágio inicial, da premissa de que a polarização política sinalizada como a grande crise contemporânea pela mídia brasileira é, na realidade, uma polarização assimétrica (NUNES, 2020) entre um campo progressista democrático e um campo conservador que, apesar de eleito de acordo com os ritos constitucionais, ensaia romper com as instituições ao longo de todo o mandato. Assim sendo, o *corpus* será composto por enunciados presentes em *memes* e *tweets* que circularam nas redes sociais por meio das hashtags #Elesnão e #NemLulaNemBolsonaro, incluindo uma postagem do Movimento Vem Pra Rua e outra do pré-candidato à presidência Ciro Gomes. Nestes enunciados, destacamos, em uma primeira análise, uma tentativa de unir as figuras de Lula e Bolsonaro por meio de montagens ou charges que fundem os dois em um só corpo/rosto, propondo que ambos simbolizam “o mesmo projeto de poder” e devem ser igualmente combatidos. Assim, através de nosso tímido gesto de leitura, identificamos que estes enunciados se alinham, político-ideologicamente, aos entusiastas da “terceira via”. Esta “terceira via” se trata, supostamente, de um candidato/partido/campo político que superará a “polarização” e solucionará a crise enfrentada pelo Brasil no campo político, econômico e social. Deste modo, nossa pergunta de pesquisa é a seguinte: é possível entender a chamada *terceira via* a partir do ressentimento? Na tentativa de respondê-la, ou pelo menos refletir sobre ela, nos apoiaremos no conceito do ressentimento social como trabalhado por Kehl (2020) e no dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso materialista. Com isso, tomaremos, principalmente, as seguintes noções: i) materialidade significante (LAGAZZI, 2010) – para pensar a respeito das três imagens que compõem nosso corpus; ii) circulação de sentidos (ORLANDI, 2005) – uma vez que a materialidade em análise está presente nas redes sociais digitais, conceber o modo como ela produz sentidos pela circulação nos é bastante caro; iii) paráfrase (ORLANDI, 1999) – já que a paráfrase é entendida pela autora como um retorno aos “mesmos espaços de dizer” (p. 38), lançaremos mão do exercício parafrástico nas análises dos enunciados e,

¹fernandoanacias32@gmail.com

²deborah.p16@gmail.com



deste modo, tentaremos compreender os “já-lá da enunciação” que ecoam nestes dizeres. A incursão na obra de Kehl (2020) para pensar o discurso da *terceira via* se justifica pela abordagem política que a autora confere ao ressentimento, pensado como sintoma social característico do impasse entre “as configurações imaginárias próprias do individualismo e a igualdade simbólica própria das democracias liberais” (p.172). O não-cumprimento das promessas de igualdade ao passo em que essa promessa permanece sustentada simbolicamente resulta em condições favoráveis para a configuração de uma sociedade ressentida. A manifestação desse afeto, a autora aponta, pode ser verificada de algumas maneiras a depender do grupo social sobre o qual nos debruçamos. Aqui, nosso gesto de análise se dirigirá para “os ressentidos que perdem seus privilégios” (p.174) diante da possibilidade de ascensão social das classes excluídas historicamente e passam a enxergar essa “ascensão como usurpadora de seus direitos naturais” (p.173). Então, propomos que a *terceira via* se encaixa nessa categoria, sendo composta pelo conjunto das “classes abastadas” (p.173) que não aceitaram o fracasso nas urnas em 2014 (resultando no golpe de 2016) e temem pela iminência da derrota em 2022, percebendo-se agora obrigados a dividir “um lugar que, de direito, deveria ser seu” (p.36). É o ressentimento das elites que nos interessa aqui, as elites que, mesmo tendo efetivamente apoiado o candidato que venceu (Bolsonaro), ainda atribuem, como é típico do princípio narcisista do ressentimento, a culpa ao PT ou ao campo da esquerda que precisaria realizar uma autocrítica. Nesse gesto acusatório, o ressentido preserva “a convicção de sua integridade” e desloca para o outro as responsabilidades de suas ações, “projetando as representações do mal no mundo à volta” (p.34). É o ressentimento do grupo que, face às tentativas falhas de eleger um representante que agregue adesão popular suficiente para liderar a *terceira via*, investe no discurso da pureza moral, outro traço marcante do narcisismo ressentido, posicionando-se como o campo que não é corrupto e que não é explicitamente anti-democrático, o único ponto de equilíbrio capaz de restaurar o Brasil. O traço da pureza moral é sintetizado por Kehl (p.61) como um “ganhar o jogo sem entrar no jogo”: não escolhendo nem um dos lados, a *terceira via* deseja se enunciar como aquela que é livre de máculas e que não pertence ao jogo sujo político. Portanto, voltando à nossa questão de pesquisa, podemos compreender que o ressentimento pode ser uma das chaves (não a única e tampouco a principal) para conceber os discursos da “*terceira via*”.

Palavras-chave: Polarização. Ressentimento. Terceira Via. Circulação de Sentidos.



Pandemia e Povos Indígenas: Controvérsias no enunciado-manchete jornalístico na Amazônia: Brasil, Peru e Colômbia

Maiber Silva Pedroza¹
Universidade Estadual de Campinas

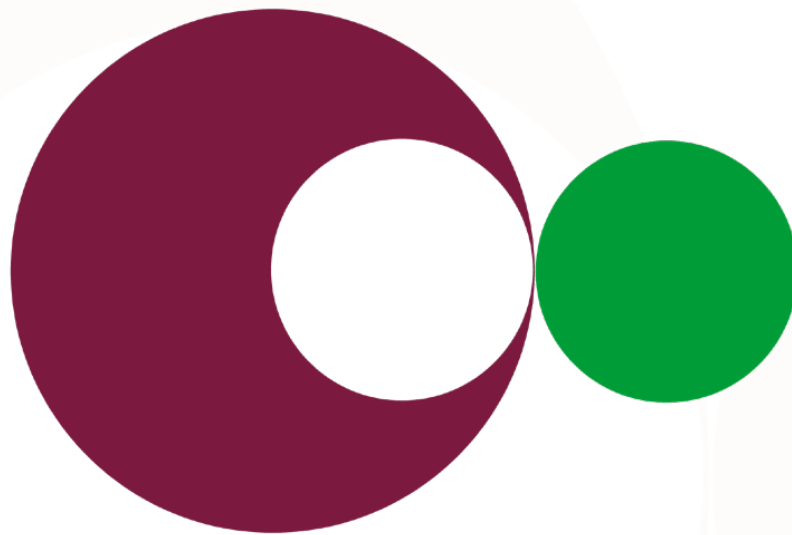
RESUMO: Após a chegada da pandemia do novo coronavírus ao Amazonas, declarada no dia 13 de março de 2020. A doença causada pelo (*SARS-CoV-2*) se espalhou rapidamente entre as populações indígenas da região tri fronteira do Alto Rio Solimões, sendo esta potencializada devido ao fluxo de viajantes pelo rio Amazonas. Esta pesquisa analisa as posições dos sujeitos, os efeitos de sentidos e a discursividade a partir de três manchetes de notícias em sites nacionais referentes a cada país da tríplice fronteira amazônica: Brasil, Peru e Colômbia. Dessa forma, analisa-se o enunciado-manchete. Para isso, optou-se primeiramente pelo G1: Índios protestam em frente a hospital do AM durante visita de Nelson Teich que publicou seu conteúdo no dia 04 de maio; por conseguinte, o enunciado-manchete da TVperu: Indígenas de la Amazonía lanzan llamado de ayuda por Coronavirus e, por último, o enunciado-manchete do CaracolTV: Más atención al Amazonas en época de Coronavirus, el clamor para proteger a los Indígenas onde os dois últimos sites jornalísticos fizeram suas publicações no dia 06 de maio e todos foram respectivamente no ano de 2020. Diante do exposto, o objetivo desta pesquisa é analisar discursivamente as manchetes de três notícias dos jornais: G1, TVperu e CaracolTV, que noticiaram através de texto escrito *online* a preocupação dos povos indígenas com a chegada do novo coronavírus. As populações indígenas dessa região, e não tão diferente da situação de tantas outras, são povos que sofrem em suas potencialidades com a chegada da pandemia do *Covid-19*, pois apresentam vulnerabilidades específicas, principalmente quando considerada a infraestrutura de saúde pública. Hipoteticamente, pode-se afirmar que são considerados de maior acesso naquela região fronteira, mas não há nenhum registro de levantamento que comprove essa informação, uma observação empírica. Este trabalho se baseia nas noções teóricas da Análise do Discurso de Linha Francesa, abordando o funcionamento do discurso jornalístico e refletindo sobre sujeitos e posições inscritos na discursividade. Isso contextualiza as condições de produção que, segundo Orlandi (2005, p. 30), “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”. Esta análise se limita a “posição-sujeito” na discursividade das manchetes. Conforme a análise acontece

¹maiber_silva@hotmail.com



algumas aproximações (controvérsias) acontecem entre os enunciados, por questões de que se trata de uma mediação jornalística e estarem compostas por uma narrativa comum, envolvendo coronavírus e saúde indígena. O que se busca com isso são delineamentos possíveis no caminho entender pela linguagem, contra quem ou o quê os índios protestam? Para isso, a (re) interpretação das manchetes, para (re) conhecer em que posição os sujeitos são inscritos pelo enunciado jornalístico em uma discursividade, mas em uma ordem que constitui a parecer um discurso com efeito homogêneo na sua discursividade. Isso acontece porque o jornalista alinha todas essas vozes ao elaborar uma notícia, dando-lhe o efeito homogeneizado. É nesse movimento que se pensa a posição-sujeito do jornalista como mediadora e, em um segundo momento, contribui para identificar o discurso jornalístico (MACHADO e JACKS, 2001) e o discurso indígena (SOUZA, 1994). Assim, partir da produção jornalística observa-se a discursividade dos enunciados noticiosos, identificando sujeitos, posições e formações discursivas (PÊCHEUX, 2014). Todavia, neste trabalho a pandemia não será tomada pelo viés da saúde ou do econômico, por exemplo, mas pela entrada discursiva e ideológica em funcionamento na linguagem (PÊCHEUX, 2014b). Para isso, a pior pandemia do século XXI é compreendida enquanto acontecimento discursivo, a partir do qual os sentidos se metaforizam, ainda que exista uma “indistinção, agora formulada em silêncio, que se espalha na metaforização do susto global do capitalismo, mas, sobretudo, nosso” (ORLANDI, 2020, n.p.). Interessa observar a imagem, a relação persona índio e indígena (FERNANDES, 2008; BORGES, 2014), para Orlandi (2005, p. 30) “incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” tomando o discurso jornalístico realizando gestos de cientificidade, divulgando ciência. Como mencionado ao longo deste trabalho, não interessa apontar medidas de saúde ou econômica, por exemplo, mas observar o funcionamento da discursividade. Desse modo, o percurso realizado neste trabalho apresenta possibilidades para reflexão sobre como ainda é representada, retratada ou criada à imagem-indígena na sociedade, também pelo jornalismo e mais especificamente na divulgação de ciência neste cenário pandêmico. O indígena protesta todos os dias, clama por viver. O coronavírus é apenas um dentre tantos outros riscos de vida que os povos indígenas enfrentam todos os dias, desde a invasão dos portugueses até a chegada deles no continente. Sendo assim, entende-se que a maior contribuição deste trabalho vai ao encontro de mostrar que o jornalismo exerce um papel importante, tanto em ser canal de voz para os indígenas como para ciência. Mais interessante ainda é endossar a pesquisa em torno da questão indígena, principalmente através do fio condutor da teoria usada nesta abordagem.

Palavras-chave: Amazonas. Análise do Discurso. Controvérsias. Indígenas. Manchete. Pandemia.



SESSÃO 4

TERÇA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO, 15h



Divulgação científica remota: utilizando as redes sociais para discutir estudos críticos animais e ecojustiça

Alisson Felipe Moraes Neves¹

Bárbara Letícia Ribeiro²

Kelly Su³

Mariah Peixoto⁴

Luís Paulo de Carvalho Piassi⁵

Universidade de São Paulo

RESUMO: Compreendendo que o conhecimento científico deve ser difundido e que a dominância humana exercida sobre ecossistemas e outras espécies trouxe consigo efeitos nefastos que gravemente ameaçam o bem-estar planetário, o presente projeto visa relatar a experiência de divulgação científica do projeto D.I.A.N. (Debates e Investigações sobre Animais e Natureza) por meio das redes sociais. O D.I.A.N. é um grupo de pesquisa e extensão universitária criado em 2015, vinculado ao projeto Banca da Ciência (PIASSI et al., 2019), que propõe conscientizar públicos de diferentes faixa etárias a respeito das relações entre o homem e a natureza, discutindo assuntos como direitos animais, questões éticas de consumo, veganismo e educação ambiental. Na via presencial, o grupo propõe o desenvolvimento de atividades pedagógicas na Zona Leste da cidade de São Paulo. Temos como premissa o desenvolvimento educacional por meio de uma perspectiva não-antrópica e anti-especista, contemplando a libertação humana e não-humana. No contexto globalizado, o crescente fluxo informacional e tecnológico demonstram o quanto mister é a disseminação de informações qualificadas e fidedignas para a democratização do acesso. Dessa forma, o D.I.A.N. objetiva difundir estudos da academia para as mídias sociais de maneira didática e acessível, haja vista que os objetivos da divulgação científica devem seguir princípios educacionais, cívicos e mobilizatórios, como Albagli (1996) expõe. Sendo assim, as características das redes sociais são vistas como aliadas ao interesse do projeto em proporcionar reflexões relevantes e atrativas, de modo que o internauta deixe de realizar interações momentâneas com as publicações e passe a refletir a partir da fonte teórica exposta (MEDEIROS; COSTA, 2017). Tendo como escopo de análise os indicadores de engajamento da plataforma Instagram, o conteúdo da página passou a ser frequentemente atualizado no período pandêmico, em que o projeto verificou um ensejo para expandir suas discussões via internet. Esta rede social passou por atualizações

¹alissommoraes@usp.br.

²barbaraleticia@usp.br.

³kellysu99@usp.br.

⁴mariah.santos@usp.br.

⁵lppiassi@usp.br.



que trouxeram ainda mais ferramentas para a plataforma, possibilitando, além da criação de novas relações sociais, o compartilhamento de materiais científicos, artigos acadêmicos e diversas informações (PEREIRA, 2021). De acordo com uma pesquisa realizada em janeiro de 2021 pela “We Are Social”, em parceria com a Hootsuite, a plataforma tem mais de 1,22 bilhão de usuários ativos, sendo que, no Brasil, o alcance chega até 99 milhões de usuários. Tendo em vista que, principalmente, no contexto pandêmico, as relações por meio de mídias sociais têm se tornado cada vez mais presentes, o artigo visa apresentar e discorrer sobre a divulgação científica realizada no Instagram do Projeto D.I.A.N, acerca das temáticas de Ecojustiça, Pedagogia Crítica Animal e Ativismo Sociocientífico. O perfil @projetodian foi criado no dia 28 de agosto de 2018, com o objetivo de divulgar as atividades realizadas pelo projeto D.I.A.N. nos diferentes ambientes de atuação presencial e, além disso, incentivar a luta pelos direitos animais. Ademais, com o início das atividades remotas, o mesmo passou a publicar, também, conteúdos informativos referentes à educação e à relação entre os animais e a sociedade. Atualmente, o perfil possui 67 publicações e 477 seguidores, sendo que este público é, em maioria, do estado de São Paulo, contabilizando por distribuição de gênero 67.8% mulheres e 32.2% homens, com uma faixa etária, principalmente, de 25 a 34 anos, seguida de 18 a 24 anos. Por meio de tais informações, os membros do grupo têm buscado desenvolver publicações que não somente desenvolvam os conceitos que permeiam os objetivos do projeto, mas também que atraiam o público-alvo visual e conceitualmente, promovendo, assim, um espaço de interação científica. Dentro da conjuntura atual, podemos citar a crise climática, os altos níveis de poluição, a crise hídrica e a já em curso sexta extinção em massa (CEBALLOS; EHRlich; RAVEN, 2020) como alguns dos mais urgentes problemas que globalmente enfrentamos. Temos, destarte, que a miríade de desafios e crises existentes diante do Antropoceno - termo cunhado pelo químico holandês Paul Crutzen para nomear a era mais recente da história planetária, significando a “Era dos Humanos”, torna imperativa a necessidade de uma profunda e extensa revisão de condutas sociais, econômicas, políticas, culturais e também alimentares. Com isto posto, o projeto aborda temáticas relacionadas ao que Reis (2013) denomina “controvérsias sócio-científicas”. Essas são questões resultantes da interação entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente e que são compreendidas de formas conflitantes e incompatíveis, baseadas em crenças que envolvem dimensões morais e éticas. Em vista da complexidade do panorama, o projeto D.I.A.N. surge como um facilitador, em que a divulgação científica acerca dos Estudos Críticos Animais e Ecojustiça elucidam as consequências das escolhas e decisões ecologicamente predatórias e buscam reduzir as controvérsias acerca dessas temáticas. No presente artigo, então, discutiremos as estratégias utilizadas e suas efetividades.

Palavras-chave: Divulgação Científica. Direitos Animais. Educação Ambiental.



Análise preliminar da abordagem da mídia sobre aquicultura e segurança alimentar

Rebecca Ribeiro Crepaldi¹
Malena Beatriz Stariolo²
Juliana Schober Gonçalves Lima³
Universidade Estadual de Campinas

Sessão 4 | Terça-Feira, 19 de outubro, 15h

RESUMO: Segundo a declaração da Cúpula Mundial da Alimentação (1996) da *Food and Agriculture Organization of United Nations* (FAO), a segurança alimentar existe quando as pessoas têm, a todo momento, acesso físico e econômico a alimentos seguros, nutritivos e suficientes para satisfazer as suas necessidades. A aquicultura, que pode ser definida como o cultivo de plantas e animais aquáticos, é um setor de produção de alimentos que tem se destacado globalmente por aumentar de forma significativa a oferta de pescado para o consumo humano. De acordo com a edição de 2020 do relatório da FAO *The State of World Fisheries and Aquaculture* (SOFIA), entre 1990 e 2018 a aquicultura cresceu 527%, o que a colocou na posição do setor de produção de proteína animal que mais expandiu no mundo. Ainda segundo esse relatório, no ano de 2018 cerca de 88% das 179 milhões de toneladas de pescado produzido no mundo (incluindo a pesca de captura e a aquicultura) foram utilizadas para consumo humano direto. Vale salientar que o pescado é reconhecido como um importante alimento devido a sua qualidade nutricional (BÉNÉ et al., 2015), sendo de grande relevância para a garantia da segurança alimentar. Apesar do valor nutricional do pescado e o crescente reconhecimento da aquicultura como uma atividade de grande importância para a garantia da segurança alimentar e nutricional mundial (Ahmed 2002, Bondad-Reantaso 2012, Hoof 2009, Naylor 2021, SOFIA 2021), essa atividade é também associada a diversos impactos socioambientais negativos, gerando preocupações sobre a sua expansão. Outro aspecto a ser considerado é o fato de que o aumento da produção (em volume) de pescado pela aquicultura não significa necessariamente que esta atividade esteja contribuindo de forma efetiva para a segurança alimentar global (SCHOBER, 2021). Nesse cenário, são desenvolvidas narrativas variadas que interpretam de modos diferentes a expansão da aquicultura no âmbito do sistema agroalimentar global. No contexto da comunicação, a mídia desempenha um papel muito importante para a construção de uma visão crítica da sociedade a

¹crepaldi.rebecca@gmail.com

²stariolo-m@hotmail.com

³jsglima@gmail.com



respeito da Revolução Azul, expressão que tem sido utilizada para referenciar o aumento da produção de pescado pela aquicultura nos últimos anos (SCHOBER, 2021). Segundo Caldas (2011), a mídia tem um papel fundamental na construção da opinião pública, sendo, portanto, central enquanto plataforma de debate sobre os sistemas agroalimentares, seus impactos e a crescente fome no mundo - apesar da produção de alimentos nunca ter sido tão elevada, como ilustra o relatório *The State of Food Security and Nutrition in the World 2021* da FAO (SOFIA, 2021). Dentro da mídia está inserido o jornalismo científico que, segundo Caldas (2011), é o responsável por comunicar a ciência a partir de uma visão informativa, crítica e analítica, embasada em pesquisas e suas reflexões. Nesse sentido, este estudo preliminar visa realizar um breve levantamento de dados sobre a abordagem da mídia a respeito da aquicultura e a segurança alimentar, com ênfase em reportagens de jornalismo científico. A metodologia consistiu no levantamento de notícias do jornal O Estado de S. Paulo que, junto com outros cinco meios de comunicação, formam o grupo dos principais jornais referências no Brasil. A data de 1º de setembro de 2015 foi estabelecida como marco inicial, visto que configura o mês de criação da Agenda ONU 2030; e a data 1º de setembro de 2021 foi selecionada para o marco final. Os seguintes critérios foram selecionados para a escolha das publicações: i) citar o termo aquicultura; ii) trazer a aquicultura enquanto produção de alimentos; iii) enfatizar a segurança alimentar em conjunto com a aquicultura; iv) referenciar fundamentação científica sobre segurança alimentar e/ou aquicultura. O termo-chave “Aquicultura” foi inserido no banco de dados do jornal e, como resultado do filtro (i), foram encontradas 172 matérias. Na etapa (ii), 23 reportagens trouxeram a aquicultura enquanto produção de alimentos. Já no item (iii), 11 matérias enfatizaram a segurança alimentar associada à aquicultura. Como resultado final, apenas 6 notícias se enquadraram como jornalismo científico (iv), ou seja, trouxeram pesquisas e vozes da ciência para abordar a questão da segurança alimentar e da aquicultura. A partir destes resultados preliminares, é possível perceber a falta de cobertura jornalística acerca dos debates científicos que envolvem a aquicultura enquanto sistema inserido no campo da segurança alimentar, o que pode resultar na lacuna da compreensão popular sobre as controvérsias acarretadas por essa relação.

Palavras-chave: Aquicultura. Segurança Alimentar. Jornalismo Científico.



Contar histórias entre artes e ciências como um fazer ninho: a divulgação científica diante da surdez perceptiva que marca o Antropoceno

Susana Oliveira Dias¹
Larissa de Souza Bellini²
Karolyne Stefanny de Souza³
Universidade Estadual de Campinas

Sessão 4 | Terça-Feira, 19 de outubro, 15h

RESUMO: Nossos estudos se concentram neste tempo que tem sido chamado de Antropoceno, marcado por mudanças climáticas, destruição da vida humana e não-humana e modos comunicantes humanos demais que estão falhando. Como podemos abrir nas imagens e sonoridades novas escutas diante do Antropoceno? Como escutar os gritos de uma Terra danificada sem recair nas mesmas lógicas dos gestos, movimentos e apostas destrutivas? E se aprendêssemos a escutar com os pássaros? Na relação com a noção de “espécies companheiras” (Haraway, 2021) arriscamo-nos a tornar os pássaros companheiros de pesquisa em divulgação científica e cultural, aprendendo a dar atenção ao que pode um pássaro? E, a partir dessa pergunta, pensar no que podem imagens, palavras e sons com os pássaros? Buscando escapar à História branca, ocidental, moderna e antrópica, que relega os animais à condição de meros autômatos sem logos, pressupomos que eles fazem e expressam seus próprios mundos, que dão a pensar, pensam e criam, e que o encontro com eles pode reativar importantes movimentos por entre imagens e sons. Marta Catunda é uma das estudiosas que nos move nesse sentido. Dos seus encontros com os pássaros ela extrai uma questão vital: a escuta. Catunda percebia que a maioria de nós sequer nota a paisagem sonora em que estamos mergulhados. Vivemos uma “surdez perceptiva”, expressão que ela trazia de Murray Schafer. Ela sabia que “a audição é um sentido eminentemente geográfico e ligado a dois outros sentidos interdependentes, o de equilíbrio e orientação” (1994). Sabia, portanto, que essa surdez perceptiva gera consequências ainda mais graves: imobilidade, desconexão, tristeza, impotência, perda de orientação, desequilíbrio. Os trabalhos de Marta nos fazem pensar em imagens-ninhos, imagens muito diferentes das imagens-denúncias e imagens-julgamentos, tão comuns nos sistemas comunicantes dominantes. Um estudo publicado na *Behavioural Processes* (2011), mostrou que a arte de fazer ninhos não é inata, é aprendida pelos pássaros. Eles não produzem ninhos a partir de um projeto dado previamente,

¹susana@unicamp.br

²larissa.sbellini@gmail.com

³k219581@dac.unicamp.br



mas na relação ativa e criativa com materiais existentes, atentos às materialidades e desenvolvendo procedimentos únicos a cada vez. O Laboratório de Biométrica Mecânica e Design Aberto Hunter King pensa o ninho como um “meta-material” (2020), onde funciona uma delicada mecânica de tecer filamentos aleatoriamente embalados, capaz de armazenar energia suficiente para manter juntos gravetos desordenados. Pássaros sabem aprender a colocar materiais heterogêneos para viver junto, e contar histórias, seja em uma notícia, um livro, um filme, uma trilha sonora, um desenho, é aprender a colocar para viver junto materiais desordenados, sem homogeneizações e hierarquizações. É criar um viver junto, gerar processos de coabitação e coevolução, que guardam uma potência de nidificação, de aninhar novas vidas. Ninho é o que sentimos que faz a série “Flecha Selvagem”, organizada por Anna Dantes e com orientação e narração de Ailton Krenak. Os episódios se propõem a criar coexistências entre saberes ancestrais, científicos e artísticos e nos ajudam a pensar em como fazer da divulgação científica um espaço-tempo de experimentação da escuta como invenção de relações, como um meio propício para criação de um novo modo de pensar o humano que coabita-coevolui com outros seres. Em seu livro, *O manifesto das espécies companheiras* (2021), Donna Haraway nos apresenta a relação entre humanos e cachorros e nos leva a pensar que nada vive só, tudo vive em coevoluções complexas. “O mundo é um nó em movimento”, diz ela (p. 15). Experimentando cocriações entre artes e ciências, o artista Walmor Corrêa gera imagens de pássaros que coabitam com as flores. Em muitas de suas obras o artista retrata não seres isolados, mas relações de interdependência construídas entre esses seres durante sua coevolução. Outro artista que nos interessa é Mário Martins, que compartilha no projeto *Arvorecer de casa em casa* seus “peixes-folha”. Ambos os trabalhos nos fazem pensar em como tornamos o outro não-humano significativo, como escapamos dos binarismos sujeito-objeto, natureza-cultura, fato-ficção, ou seja, como atingimos uma potência feminina de viver junto, de aninhar. Escapando àquilo que domestica a divulgação científica e a impede de dialogar com uma dimensão selvagem da divulgação, na qual artes e ciências unem-se criando algo nunca visto, fugindo a perpetuação do mesmo. Contar histórias entre artes e ciências pode produzir monstros, como no documentário *Donna Haraway: Cuentos para la supervivencia terrenal* (2016) onde a edição une elementos de fala e imagens que não concordam dentro da gramática audiovisual habitual, provocando um estranhamento e proporcionando uma nova forma de perceber-ouvir. Gerando uma percepção ativa que pode, ao mesmo tempo, contar uma história e nos fazer escutar a própria escuta, fazer uma imersão na escuta, seus problemas e potencialidades.

Palavras-chave: Divulgação científica. Artes-ciências. Estudos multiespécies. Pássaros. Escuta.



Crise ambiental em cena: jogar fora de onde?

Pamella de Caprio Villanova¹
Universidade Estadual de Campinas

Sessão 4 | Terça-Feira, 19 de outubro, 15h

RESUMO: Esta proposta de comunicação oral pretende compartilhar parte da pesquisa intitulada “Fora de onde? Teatro e arte educação ambiental em tempos de crise”, que está em andamento no Programa de Pós Graduação em Artes da Cena pela Unicamp, com orientação da Profa Dra Gina Monge Aguilar e co-orientação da Profa Dra Veronica Fabrini. A pesquisa busca estratégias poéticas para estabelecer espaços-tempo propícios às trocas de saberes. Em cena, aparecerão questionamentos sobre a atual crise ambiental, ecológica, climática, de diversidades, que estamos enfrentando, com especial enfoque nas problemáticas do lixo. Afinal, quando jogamos alguma coisa fora, jogamos fora de onde? Partindo da percepção que não há fora para se jogar algo, que esses “foras” são “ondes” localizados em determinados pontos do território, esta comunicação oral vai apresentar trechos do experimento “Fora de onde?”, que é uma performopalestra, um formato híbrido entre uma palestra e uma peça de teatro. A proposta das performopalestras ou palestras performances ligadas a esta pesquisa, é dar a ver a performatividade de quem comunica, de quem se propõe a compartilhar saberes. Como uma pesquisa da área das artes da cena, estamos comprometidas com os aspectos cênicos das comunicações acadêmicas, explorando possibilidades poéticas de encontro entre os saberes objetivos e subjetivos, entre dados, ciências e histórias, poesia, mitos. Trata-se de espaços de fronteiras, de bordas que serão ocupadas e valorizadas. Os esforços desta pesquisa, ligada ao Instituto de Artes da Unicamp, se encaminham para estudar a divulgação científica, entendendo sua importância para a integração dos saberes acadêmicos com as comunidades e, a partir de tal aproximação, contribuir com aspectos artísticos, técnicos e poéticos, dos saberes das artes da cena, em estratégias de comunicação, diálogos polissêmicos, que sensibilizem corpos e imaginários à reflexão diante de uma tragédia contemporânea que se impõe. É urgente somar esforços para repensar e agir diante de tantos incentivos ao consumo e ao descarte. Perguntando para a audiência sobre onde seria o “fora” para o qual vão os descartados, temos a intenção de suscitar as percepções acerca de nossas práticas cotidianas. Quais os futuros dos descartados? A nível pessoal, local, regional, mas também global. Para onde vai o saquinho de lixo que sai da sua casa? E quais as soluções sistêmicas que já conhecemos para encarar essa crise? Trata-

¹pamellavillanova@gmail.com



se de uma atriz pesquisadora que experimenta conceitos, que joga com saberes de outras áreas do conhecimento na cena teatral. Para tanto, as explorações acontecem nas leituras, no corpo da atriz, no embate com a construção textual da dramaturgia das performopalestras e no encontro com as plateias. Neste momento de crise pandêmica, em que a maior parte dos teatros ainda permanecem fechados, as explorações também acontecem em ambientes cibernéticos, como plataformas de videoconferência e imagens de satélite. A proposta da pesquisa como um todo é construir performopalestras que sejam ao mesmo tempo uma apresentação teatral e um texto acadêmico, uma espécie de dramaturgia acadêmica em que o próprio texto da tese seja apresentável, performável a audiências diversas – de pares a comunidades em geral. É uma tentativa de se comprometer com a comunicação entre academia e sociedades, a partir da percepção da urgência de tais diálogos diante de cenários em que tanto as ciências como as artes estão sob ataque político. Mais ainda, esta pesquisa é desenvolvida a partir da percepção de que nós, artistas, ao produzir e circular com arte, carregamos ideias, propostas, contextos, linguagens, repertórios de ação. E, em cena, reafirmamos ou questionamos estruturas que apoiam as performatividades cotidianas dos corpos da plateia. Com tal consciência e enxergando a urgência das problemáticas dos resíduos nos centros urbanos, esta pesquisa pretende articular saberes de diversas ordens, procurando promover olhares multidisciplinares para tais desafios, em busca de futuros mais esperançosos.

Palavras-chave: teatro. lixo. palestra-performance.



Se você viu, você sabe: análise semiótica de uma campanha de sensibilização sobre crimes ambientais no Facebook

Alex Braz Iacone Santos¹

Marcelo Borges Rocha²

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Sessão 4 | Terça-Feira, 19 de outubro, 15h

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo realizar uma análise semiótica da campanha “Se você viu, você sabe.”, veiculada no Facebook do Programa Linha Verde/Disque Denúncia do Estado do Rio de Janeiro com o propósito de sensibilizar as pessoas para a adoção de uma postura ativa frente aos crimes ambientais, alertando para a responsabilidade de cada indivíduo ao presenciar um delito contra o meio ambiente. Em curso desde fevereiro/2019, a campanha é composta por cinco peças de comunicação com diferentes temáticas (caça irregular, carvoaria clandestina, construção irregular, extração mineral clandestina e pesca irregular), que abordam atividades ilícitas previstas na Lei de Crimes Ambientais. Na análise das peças gráficas divulgadas, foram elaboradas tabelas de observação seguindo o modelo de análise semiótica, na qual se faz um registro visual, define o ícone (ic), a denotação (d) e a conotação (c). A denotação refere-se ao significado entendido objetivamente, enquanto a conotação indica as apreciações do intérprete, aquilo que a imagem sugere e/ou faz pensar o leitor. Todas as peças partilham os seguintes elementos de comunicação visual: (1) fotografia de plano de fundo com elementos alusivos à temática; (2) a frase de efeito (*slogan*) “Se você viu, você sabe.”; (3) um título análogo à temática; (4) o logotipo do Programa Linha Verde; (5) *mockup* com uma mão segurando um *smartphone* e registrando na tela uma fotografia idêntica à imagem de plano de fundo. Em seguida, é apresentada a análise semiótica pormenorizada de cada uma das peças da campanha e suas características peculiares: (ic1) apetrechos de caça – (d) fotografia composta por diversos materiais espalhados sobre solo gramado (espingardas, revólver, munições, faca, bolsa, boné camuflado, recipientes, sacola plástica, apitos e cartucheiras); (c) imagem com apetrechos de caça espalhados no solo, geralmente registrada em ações de fiscalização, para evidenciar instrumentos encontrados em flagrantes da prática irregular da atividade de caça em ambientes naturais; (ic2) carvoaria em área rural – (d) no plano principal, insumos (troncos e galhos de árvores cortados), produtos (carvão em sacos de rafia) e forno utilizados no carvoejamento, no plano de fundo,

¹iacone.alex@gmail.com

²rochamarcelo36@yahoo.com.br



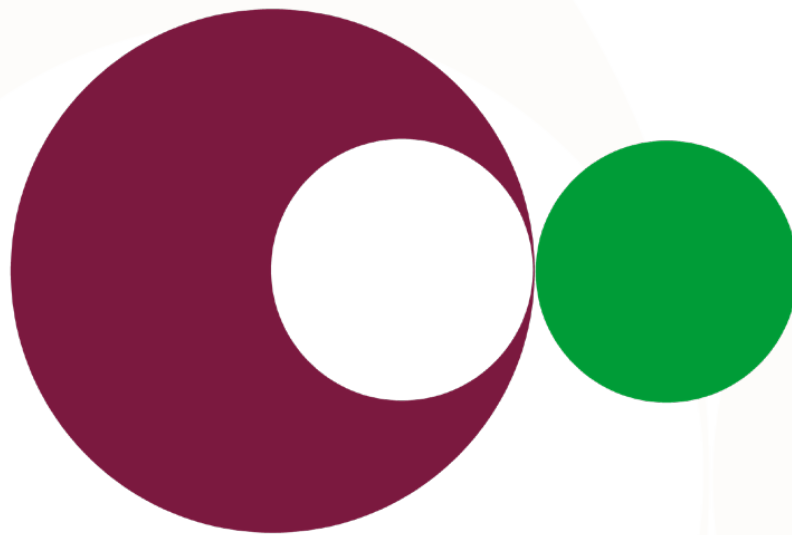
paisagem composta por espécies vegetais de áreas antropizadas; (c) empreendimento clandestino de carvoejamento em área rural, simbolizando a ameaça da atividade sobre a vegetação nativa; (ic3) edificação em ambiente natural – (d) foto tomada de cima para baixo, centralizando uma edificação composta por tijolos cerâmicos, laje de concreto e ferragens, enquanto o entorno é representado por vegetação de diferentes tipos (gramíneas, bananeiras e árvores nativas); (c) construção inacabada sendo erguida em meio a um ambiente densamente arborizado, provavelmente um ecossistema florestal de Mata Atlântica com restrições legais para edificações; (ic4) mineração de material arenoso – (d) fotografia de um equipamento, em operação, utilizado na extração mineral, com destaque para peneira classificadora de grãos suspensa por uma estrutura de ferro e madeira, tubulação, esteira e pilhas com minérios de diferentes granulometrias; (c) extração clandestina de material arenoso realizada em ambiente fluvial ou lacustre, com destaque para o processo de dragagem, peneiramento, carregamento e disposição final em pilhas; (ic5) pescador lançando tarrafa – (d) foto tomada de cima para baixo, destacando um pescador em pé, na extremidade de uma canoa de madeira, realizando um lance de tarrafa em ambiente aquático de águas lânticas; (c) pescador tarrafeando em ambiente aquático de águas paradas (ex. reservatórios, baías, lagos ou lagoas), apetrecho não autorizado na pesca recreativa, mas permitido na modalidade artesanal ou de subsistência. O material analisado é caracterizado como uma publicidade social, que ao contrário da publicidade comercial, não tem o propósito mercantil, mas busca gerar uma mudança de ideias, comportamento e atitudes frente aos problemas sociais, para gerar o bem-estar coletivo e melhorar a qualidade de vida. Considerando a lacuna existente entre a preocupação pública com o meio ambiente e suas ações, as redes sociais oferecem oportunidades para expandir o alcance e o impacto das iniciativas ambientais. A maioria das organizações faz uso da mídia digital com imagens e vídeos que podem influenciar a atenção, cognição, emoção e ações subsequentes de uma pessoa. Assim, as redes sociais são vias potenciais para influenciar a atenção, cognição, emoção e ações subsequentes da coletividade em prol do equilíbrio ecológico e da sustentabilidade ambiental.

Palavras-chave: meio ambiente. tecnologia. redes sociais.



EDICC 8
CONTROVÉRSIAS

8º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura
19 - 21 de outubro de 2021
Universidade Estadual de Campinas



SESSÃO 5

QUARTA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO, 8h



Cinema-uívo: feminismo, esquizoanálise e cartografias desviantes no audiovisual

Carolina Fernandes Lobo Silva¹
Célia Helena Centro de Artes e Educação

RESUMO: Esta pesquisa faz uma reflexão sobre o cinema enquanto um agente cognitivo e sensível potencialmente transformador da realidade e criador de imaginários sociais. Para tanto, elabora a possibilidade de um devir – cinema criado a partir de modos de fazer feministas – com potencial rizomático e desviante – capaz de traçar linhas de fuga que subvertam a lógica falocêntrica no audiovisual e, como consequência, gerem desvios na superfície do mundo, nos permitindo imaginar, para além do sufoco, novos mundos possíveis. A partir dessas reflexões e de estudos sobre o “Cinema da Crueldade” (2018), de Fagner França – com base no “Teatro da Crueldade” (1993), de Antonin Artaud – além do aprofundamento em esquizoanálise, através de “O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia” (2010) e “Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia - Vol.1, Vol. 3 e Vol. 4” (1995), os resultados encontrados apontam para a possibilidade de um cinema revolucionário, que cartografa novos mundos possíveis, por meio de movimentos de desterritorialização capazes de transgredir as noções estabelecidas da arte e do próprio cinema. Para tanto, as obras “Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada” (2019), de Suely Rolnik, e “Louise Bourgeois e os modos feministas de criar” (2017), de Gabriela Barzaghi de Laurentiis - também influenciadas pela filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari – são o guia de ação deste estudo, uma vez que as autoras compreendem a fundamental importância da arte que encara a multiplicidade da vida como potência criadora. Nesse sentido, os encontros entre o ser humano e um devir-cinema feminista podem gerar efeitos significativos no corpo social, pois, como apontou Rolnik (2018, p. 53) ao tratar dos efeitos que são resultado dos encontros que fazemos com as obras de arte, “resultam desses encontros mudanças no diagrama de vetores de forças e das relações entre eles, produzindo novos e distintos efeitos. Introduzem-se outras maneiras de ver e sentir (...)”. Com isso, a vida encontra-se em potência de germinação - desterritorializada, múltipla, imanente - livre. Logo, algumas reflexões desenvolvidas até então não sugerem modelos, tendo em vista que a esquizoanálise e seus desdobramentos partem da experimentação, e sim apontam direções possíveis, por meio de exemplos e do delineamento de

¹karolalobo@gmail.com



alguns dispositivos cinematográficos, tais como: Cinema rizoma - filmes que apresentam diversas conexões em sua multiplicidade singular, produzindo e afirmando a multiplicidade que é a vida. Diversos temas, diversos corpos, diversos modos de existir descosturam o mundo enraizado em ficções que fingem multiplicidade, por meio de cartografias de novos mundos possíveis. Os filmes da cineasta japonesa Naomi Kawase apresentam esses rizomas, os quais convocam o poético e o múltiplo, e vivem - como analisa Bianca Dias (2019, p. 74) no artigo “Na pele do mundo, o abismo de cada um” - “na pulsação da imanência das coisas”, resgatando a imanência do gesto e a experiência de si em permanente desterritorialização. Gênero e forma movediços - filmes híbridos, que não se fixam em uma determinação única, visto que borram as fronteiras entre o real e o ficcional, friccionam a atuação e a performatividade, desconstroem a estrutura narrativa clássica e colocam os diversos gêneros em diálogo, como Janaína Leite em suas peças teatrais “Festa de Separação”, “Conversas com meu pai” e “Stabat Mater”, em que perfura a trama com autoescrituras performativas, por meio de um jogo “performativo e político cuja a intenção é desativar dispositivos de poder.” (FERNANDES, 2020, p. 23) Cinema da crueldade - filmes que dialogam com a ideia da crueldade de Artaud, em busca de uma potência regeneradora da civilização, ou seja, de uma libertação - por meio da ruptura com a lógica de funcionamento do corpo no mundo e da criação de um Corpo sem Órgãos, que está implicado em um devir, na elaboração de um corpo sem funções pré-estabelecidas. Com isso, o foco está na experimentação do filme e não na interpretação, o que permite aos produtores e ao público lidarem com a obra não apenas pela lógica da razão, mas também pela lógica da sensação, o que gera uma experiência liminar. Modo de fazer feminista - filmes que buscam uma desestabilização das identidades, “por meio da transformação e elaboração de si como um sujeito ético e liberado das amarras identitárias” (de LAURENTIIS, 2017, p. 70), assim como as obras de Louise Bourgeois analisadas por Gabriela de Laurentiis, as quais problematizam as categorias em que se funda a noção de humano e criticam a “própria concepção de humanidade, como uma categoria estanque e imutável, correspondente ao sujeito universal como homem, branco, heterossexual” (de LAURENTIIS, 2017, p. 134). Há, a partir disso, zonas de desconstrução. Respiro. Sensações. Conspirações. Possibilidades. Devires...

Palavras-chave: Cinema. Feminismo. Esquizoanálise.



Uma invenção sem futuro? A(s) morte(s) e a sobrevida do cinema, do cinematógrafo ao digital

Lucas Bandos Lourenço¹

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO: Ao menos desde os anos 1960, quando Marshall McLuhan (2008) postulou que “o ‘conteúdo’ de qualquer meio é sempre outro meio”, tem prevalecido no campo dos estudos comunicacionais a ideia – aqui sintetizada por Philippe Dubois (2019, p. 26) – de que “cada meio porta em si um traço de um (ou de vários) antigo(s) meio(s), de forma visível ou não”. A prevalência dessa ideia se deve, em grande medida, ao trabalho de autores como Jay David Bolter e Richard Grusin (2000), cujo conceito de “remediação” [*remediation*] – uma “lógica formal pela qual cada meio remodela as formas midiáticas anteriores” – não apenas retoma, mas prolonga as teses de McLuhan, já em plena virada do milênio. Ora, a despeito de toda influência exercida por esse arcabouço teórico, Dubois (2019, p. 22) chama atenção para o fato de que ainda há quem insista no “retorno (tão eterno quanto vão) do discurso sobre a morte: o fim da fotografia, o desaparecimento do cinema etc.” – discurso este que, a seu ver, “não tem mais escuta nem crédito” atualmente. Entretanto, segundo relata Fernão Pessoa Ramos (2016, p. 39), “autores centrais e tradicionais da teoria do cinema e audiovisual debruçaram-se sobre a questão”, em especial no campo francófono. Dentre eles, destacamos aqui os nomes de Jacques Aumont (2020) e da dupla André Gaudreault e Philippe Marion (2016), cujos respectivos questionamentos nos servem como ponto de partida para esta comunicação. Enquanto Aumont indaga à queima-roupa, já no título de uma de suas obras mais recentes, “o que resta do cinema?” [*Que reste-t-il du cinéma?*], Gaudreault e Marion, por sua vez, vão mais a fundo e perguntam: “o que restou do cinema naquilo que o cinema está se tornando? Ou melhor, o que restou daquilo que pensávamos, até ontem, ser o cinema, naquilo que o cinema está se tornando?”. Tais questões obviamente nos conduzem a diversas outras, anteriores e subjacentes a elas próprias: afinal, de que cinema estamos falando? Em que, exatamente, este cinema está se tornando? Em que pensávamos que ele consistia, até então? Na tentativa de responder, se não a todas, ao menos a parte dessas inquietações, recorreremos não só aos autores e conceitos supracitados, mas também à obra de André Parente (2009), cuja abordagem da noção de “dispositivo” nos permitirá repensar a própria ideia de cinema, “evitando clivagens e

¹lucasbandos@gmail.com.



determinismos tecnológicos, históricos e estéticos”. Segundo Parente, aquilo que convenciamos chamar de “cinema” – um espetáculo baseado na projeção de imagens em movimento sobre uma grande tela, no interior de uma sala escura, e que procura contar uma história em cerca de duas horas – “é apenas a forma particular de cinema que se tornou hegemônica”, ou seja, “um modelo estético determinado histórica, econômica e socialmente”. Modelo este que, como se sabe, não nasce com a invenção técnica do cinematógrafo, tendo levado mais de uma década para se consolidar enquanto sistema de representação. Nesse sentido, e ainda à luz do que propõem Gaudreault e Marion (2016, p. 23), procuramos aqui compreender o cinema a um só tempo como “uma espécie ameaçada de extinção” e como “meio de comunicação em situação de expansão”. Afinal, se por um lado, fatores como o advento do digital surgem como elementos perturbadores dos paradigmas (técnicos, estilísticos, formais etc.) estabelecidos anteriormente; por outro, não há como negar que toda a história do cinema foi regularmente pontuada por momentos de questionamento radical da sua identidade enquanto meio de comunicação. Não à toa, Gaudreault e Marion listam “um total de oito mortes, que teriam acontecido desde o advento das imagens animadas”. A primeira delas teria sido proclamada por ninguém menos que Louis Lumière, para quem o cinema seria “uma invenção sem futuro”, sujeita a cair no esquecimento do público, em meio às diversas atrações tecnológicas que vicejavam no final do século XIX. Isto posto, concordamos com Fernão Ramos (2016, p. 49) quando afirma que essa primeira morte do cinema, anunciada por Lumière, “talvez seja a mais essencial”, na medida em que revela “a face dupla de um dispositivo diverso, voltado, desde sempre, para o seu fim como superação”. Em outras palavras, acreditamos, tal como Sérgio Dias Branco (2020, p. 81), que, se “a tradição de afirmar que o cinema está à beira da morte” é tão antiga quanto a sua própria invenção, ele já “não pode mais morrer”, condenado que está “a transformar-se sucessivamente, tal como suas imagens”. À luz disso tudo, se há algo que podemos concluir é que: se por um lado, o cinema, enquanto meio de comunicação não está, de modo algum, morto; por outro, é certo que ele já não é o que costumava ser. Como bem sintetizado por Gaudreault e Marion (2016, p. 20): “houve o cinema do século XX, haverá o ‘cinema’ do século XXI. Verdadeiros primos em certos aspectos, parentes distantes em outros”.

Palavras-chave: Cinema. Digital. Dispositivo. Pós-cinema. Remediação.



A influência de José Veríssimo na formação da obra *Brazilian Literature* (1922), de Isaac Goldberg

Matheus Salviato Gomes¹

Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo aproximar dois críticos que escreveram obras sobre a formação da literatura brasileira. Assim sendo, busca-se analisar a influência e os pontos de vista oriundos da **História da literatura brasileira** (1916), de José Veríssimo (1857-1916), adotados por Isaac Goldberg (1887-1938) ao escrever sua obra *Brazilian Literature* (1922). Ao acompanhar as ideias de Veríssimo, o crítico norte-americano projeta um processo de independência cultural que se inicia com o nativismo, nas obras pré-românticas, transforma-se em indianismo, na primeira fase romântica, em nacionalismo e culmina no universalismo de Machado de Assis (1839-1908). Segundo Veríssimo, nosso nativismo, observado desde Gabriel Soares de Sousa (1540-1591), manifestado no livro **Tratado descritivo do Brasil** (1587), já demonstra as principais ramificações de uma independência literária, através de um sentimento de amor à pátria e distanciamento de Portugal. Essa perspectiva também será adotada por Isaac Goldberg e servirá de ponto de apoio para a apresentação da literatura brasileira para um público de língua inglesa. José Veríssimo em sua **História da literatura**, introduz em seu método crítico um apanhado histórico para descrever o contexto na qual as obras analisadas foram concebidas, em conjunto a um apanhado biográfico dos autores que as escreveram, inserindo o leitor de fato em um estudo histórico do Brasil, desde sua concepção colônia até sua modernidade. Sendo assim, Veríssimo adota um caráter técnico e literário, em conjunto à um caráter também social (inspirado em bom grau pela geração de 1870 e os ideais românticos do século XIX, que entendiam a literatura como expressão de um povo e com isso, um importante instrumento de transformação social), importante para a academia no julgamento de obras e autores. Isaac Goldberg, por sua vez, escreve o primeiro livro de história da literatura brasileira para um público de falantes em inglês, amparado nos ideais de Veríssimo, contribuindo assim para a universalização da nossa literatura, levando posteriormente, a publicação do primeiro livro de contos brasileiros traduzidos em outro idioma. Também é possível traçar a falta de estudos sobre Isaac Goldberg, este que formado em Harvard e com um acervo de obras de cunho crítico, trouxe um grande prestígio para a crítica norte-

¹matheussalviatogomes@gmail.com



americana, porém carece de estudo e tradução. A metodologia desta pesquisa seguirá pelo comparatismo bibliográfico em conjunto a leitura da bibliografia de interesse, para além da comparação dos métodos críticos disputados por ambos os autores, entender como foi realizado este processo de apresentação da literatura brasileira para um público estrangeiro. Os resultados esperados baseiam-se muito também nos objetivos declarados. A pesquisa teve início recente, não contando ainda com resultados finais ou conclusões já retiradas, porém é possível perceber com clareza a inspiração que o Isaac Goldberg atribui a Veríssimo. O crítico brasileiro é citado diversas vezes na construção da história literária de Goldberg, em conjunto a diversas citações, tanto diretas, quanto indiretas advindas de Veríssimo. Outro resultado esperado, é observar como se deu a entrada da literatura brasileira em solo americano. Pelo que se espera, teve duas peças muito importante neste processo de entrada e influência para com o crítico norte-americano, sendo estes Gilberto Freyre, que na época estava estudando antropologia na Columbia University, e pouco posterior, de Monteiro Lobato. Este que desempenhava importante papel de redator e editor de importantes jornais de veiculação nacional, teve papel decisivo para também introduzir livros de contos brasileiros no exterior. Por último, ao estudar a história da literatura brasileira, é possível entendermos melhor a nossa própria história, e, ao compreender a metodologia adotada por Veríssimo, que se esforça a realizar um apanhado da história vigente até o momento, em conjunto a leitura feita de todas as obras analisadas por conseguinte, demonstram um compromisso pelo desenvolvimento nacional que advém de um sentimento romântico, verdadeiramente patriótico, que ressignificam o termo nos moldes atuais e declaram um amor e uma preocupação com o melhor desenvolver desta terra que pisamos.

Palavras-chave: Isaac Goldberg. José Veríssimo. cânone literário brasileiro. crítica literária. história da literatura.



Entre nós: tecendo uma versão de divulgação poética dos fragmentos de Safo entremeada às controvérsias da “Grande Questão”

Maria Carolina Scartezini Cruz¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: O presente trabalho divulga os resultados finais da pesquisa “*Entre nós: experimentos-rituais de divulgação poética afetados pela corporreativação de escritas sáficas*” realizada durante o mestrado em Divulgação Científica e Cultural concluído por esta autora no Labjor/Unicamp em novembro de 2020. Ao longo da elaboração dela, tornou-se possível a criação de uma *versão* (DESPRET, STENGERS, et al. 2014) de divulgação poética que, sendo tecida em *parceria* (STENGERS, 2017) com os fragmentos da poeta grega arcaica Safo (séc. VII-VI AEC), pode ajudar a tramar, entre as *ficções de Safo* (DEJEAN, 1989) já existentes, uma que escape às disputas características da vontade de *poder-sobre* (SCARTEZINI CRUZ, 2020) envolvidas na “Grande Questão” que vem contrapondo historicamente os estudiosos do tema: Safo de Lesbos *ou* Safo Lésbica? Uma poeta mélica notável, herdeira das tradições homéricas, cuja brilhante técnica tem exercido verdadeiro fascínio nos eruditos de várias épocas ou uma memorável amante de mulheres, cujo desejo por suas companheiras tem resistido há milênios pelo meio de versos apaixonados que sobreviveram, ainda que extremamente fragmentados, para inspirar até hoje outras mulheres que amam mulheres? Seguindo o sábio conselho de Virgínia Woolf (2007) cuidadosamente herdado pelas filósofas da ciência Vinciane Despret e Isabelle Stengers (et al. 2014), a escrita desta pesquisa entendeu que era preciso pensar para se ver livre dessa armadilha, mas não sozinha: pensar junto, convidar muitas mulheres e muitas escritas para pensar com ela. Aprender a *poder-com* (SCARTEZINI CRUZ, 2020) essas parceiras de pensamento e, assim, se deixar atravessar pelas potências eróticas e afrodisíacas dos fragmentos de Safo. Desse modo, muitas escritoras, poetas, compositoras, cantoras, dançarinas, atrizes, fotógrafas e mais algumas *amadoras* (DESPRET, STENGERS, et al. 2014) profissionais – inclusive algumas bruxas – trouxeram suas artes para a criação desta dissertação. Dentre elas, acompanhou o trabalho a potente *bruxa da palavra* (HORTA, s/d., SCARTEZINI CRUZ, 2020) Audre Lorde, cujo conceito de *erótico* (LORDE, 2019) nutriu a criação de cada *experimento-ritual de corporreativação poética* (SCARTEZINI CRUZ, 2020) praticado: acontecimentos participativos de magia erótica literária, cultivados em parceria com as pessoas, seres e coisas que foram se chegando à

¹carolscartezini@gmail.com



pesquisa durante sua elaboração. Essas práticas tinham por objetivo a divulgação poética de fragmentos de poemas de poetisas mulheres e a cura amorosa da memória dos corpos das formas de vida envolvidas. Invocada pela prática erótica de fazer pontes entre os diferentes de Stengers (2017), a bruxa e ativista Starhawk trouxe à pesquisa saberes que tornaram possível *reativar* (STARHAWK, 1999, STENGERS, 2008, 2017) uma escrita capaz de ir e vir entre a luz focal da lanterna da objetividade e a luz difusa, cintilante e estelar da criatividade, tecendo relações entre o que antes estava dividido e classificado pelas disputas do poder-sobre. Assim, a escrita se fez herdeira de dons que permitiram que ela transitasse entre autores, conhecimentos e desejos de ambos os lados da “Grande Questão”, buscando honrar amorosamente a uns e outros, a umas e outras. Esses mesmos dons possibilitaram ainda que a pesquisa e o corpo da dissertação que se tramou junto com ela pudessem ser divulgação poética desde o início, fazer essa divulgação acontecer por todo o caminho pelo qual *divagou* (MELO OLIVEIRA, 2011) até a *Nossa Lesbos* que, como a *Ilha Desconhecida* de Saramago (1998), esperava ser criada. E pôde fazer isso de um jeito que não apenas a razão tivesse lugar, abrindo caminho para outros modos de conhecer o mundo pelo meio dessa outra velha controvérsia acadêmica que, herdeira da Inquisição (STENGERS, 2017), insiste em pré-determinar o que pode ou não ser considerado válido em um trabalho acadêmico sério. A razão é muito importante, porém, como sabiamente indicam Starhawk (1999, 2010, 2018), Isabelle Stengers, Phillip Pignarre (2011), Suely Rolnik (2018) e Aílton Krenak (2019), para que se possa ajudar a descolonizar inconscientes e libertar desejos do domínio imposto pelo modo de pensar e operar do capitalismo – não era desejo da pesquisa que *Nossa Lesbos* se tornasse mais uma colônia desse poder-sobre – é preciso ir além do conhecimento racional. Por isso, reativando práticas da bruxaria trazidas por Starhawk (1999), potências do pensamento foram invocadas juntamente com potências da fé, da emoção, da ação e com o toque transformador das divindades, especialmente de Oxum e Afrodite, que, dançando e fazendo diplomacia entre diferentes, permitiram aos fragmentos de Safo estar, em perfeito amor e perfeita confiança, numa relação de *anarquia ecológica* (STENGERS, 2017) com corpos diversos. *Tocados-e-transformados* (SCARTEZINI CRUZ, 2020) divinamente, muitos corpos mulheris e poéticos e imagéticos e musicais e aquáticos e insulares e vegetais e... puderam se escrever pelas superfícies (TOURNIER, 2020) uns dos outros, criando juntos uma trama de escritas eróticas e afrodisíacas que divulgaram fragmentos e ficções de Safo ao mesmo tempo em que ajudaram a manter vivas na *verdade amiga da memória* (SCARTEZINI CRUZ, 2020) a poesia e os amores de diversas outras amadoras, inclusive os da própria autora dessa dissertação-experimento-ritual.

Palavras-chave: Safo. Feitiçaria. Poesia erótica. Escrita. Escritoras.



Crônicas de (auto)divulgação literária: Hilda Hilst para o *Correio Popular* de Campinas

Bianca Martins Peter¹
Universidade Estadual de Campinas

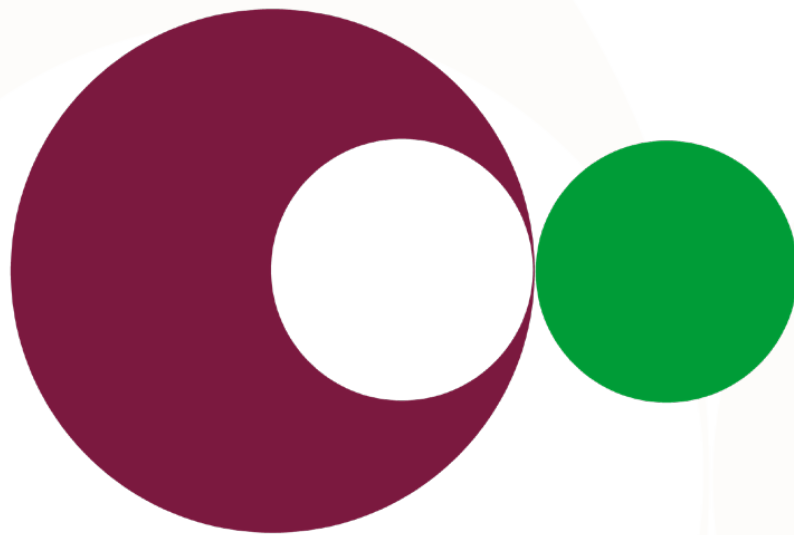
RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar o movimento de (auto)divulgação literária nas crônicas da escritora Hilda Hilst para o jornal campinense *Correio Popular*, entre os anos de 1992 e 1995. No periódico, a autora reconhecida por sua produção poética e dramática desempenhou a escrita cronística pela primeira vez, e possibilitou uma circulação significativa de sua obra. A coluna de Hilst para o *Correio Popular* aproximou a autora de um público mais vasto do que ela conhecia, e sua cronística se notabilizou pela regular intertextualidade com seus escritos anteriores, num gesto de (auto)divulgação literária. Nas crônicas, textos seus e de outros autores se apresentavam vezes em trechos, vezes integrais, e, mais raramente, como aforismos. Outras crônicas são, na sua completude, a transcrição de alguns poemas, com a exceção do título próprio daquela publicação. Seus textos para o *Correio* construíam um antagonismo em relação à própria crônica como texto que circula por meio de jornais, oferecido à leitura de um público heterogêneo, o qual a autora interpela sempre de forma irônica e provocativa (“Machucou-se, leitor? Escandalizou-se, leitor? (coitaaado!)”). E o faz enquanto tece comentários aos mais diversos acontecimentos do Brasil dos anos 90 com excertos de seu trabalho e de outros intelectuais e escritores, a quem se refere como os “raros”, os “pródigos”, os “geniais”. Considerava que “só a poesia salva” (HILST, 2018, p. 65), e tratava de colocar o assunto centralmente nos textos para o *Correio* como possível saída diante dos cataclismos políticos, sociais e culturais dos anos 90 no país. Sendo assim, por meio do dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de filiação pecheutiana, busca-se compreender os processos parafrásticos e polissêmicos em jogo na textualidade cronística de Hilda Hilst. Considerando a relação constitutiva do texto com sua exterioridade, com as condições de produção do discurso, objetiva-se percorrer a produção de sentidos nas crônicas em que há essa intertextualidade formal para, por conseguinte, observar os gestos de interpretação superficializados na escrita. Para Orlandi (2007), a linguagem tem uma relação necessária com os sentidos e, conseqüentemente, com a interpretação. Ainda, esses sentidos não são evidentes, e os gestos de interpretação materializam as errâncias (de movimento e

¹biancamapeter@gmail.com



de equívoco) do sentido na prática simbólica do sujeito (ORLANDI, 2007). Dessa forma, na tensão entre a paráfrase e a polissemia (o mesmo e o diferente), o texto enquanto forma material do discurso é constituído por esses gestos de interpretação. Enquanto, em termos formais, as crônicas do *Correio* fazem circular textos já publicados da obra de Hilst, um “mesmo” texto (sua dimensão parafrástica), em termos discursivos essa repetição sempre proporciona deslocamentos (sua dimensão polissêmica). Sobretudo com os sentidos da autoria, mobilizando contrastes entre *ser poeta* ou do *ser cronista*, o que indica a relação constitutiva entre um texto e sua exterioridade, nunca indiferentes às condições de produção. As crônicas apresentam-se como uma cena na qual a autora trabalha as expectativas dos autores quanto à sua escrita e explora a polissemia de seus textos. Em termos discursivos, o político da leitura se mostra nas crônicas operando por meio de diferentes formações (lugares) que se impõem. A volatilidade dos sentidos é antecipada pela autora quando seu “mesmo” escrito é colocado em outro enquadramento, circulando de uma outra maneira, oferecendo/disponibilizando outra leitura daquilo que já foi escrito. Esse movimento mobiliza sentidos múltiplos, vestígios de gestos de interpretação que acompanham o sujeito no discurso, uma vez que a relação entre homem, mundo e pensamento não é direta (PÊCHEUX, [1975] 2014). Por outro lado, esse movimento de (auto)divulgação não se corporifica apenas na citação direta, mas também, por exemplo, nos dizeres sobre o *ser poeta* enquanto ofício maior (“É assim que seria para mim o verdadeiro homem político: poeta no seu sentido mais fundo, intenso e livre”, HILST, 2018). As crônicas de Hilst indicam o criativo da linguagem que, para Orlandi (2020), “implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente”. As crônicas de Hilda Hilst, na especificidade da escrita literária, consistem em enunciados que se legitimam pelo uso não usual da língua, por uma expressão criativa, pelos deslocamentos.

Palavras-chave: Cascos & Carícias. Análise de Discurso. Hilda Hilst. Crônica.



SESSÃO 6

QUARTA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO, 10h



Vozes do Espectro: documentário sobre identificação e satisfação de autistas com a representação do autismo na série *Atypical*

Helen Marinho Rodrigues Ribeiro¹
Universidade de Brasília

RESUMO: A referida pesquisa teve como intuito verificar, por meio do registro audiovisual, como um grupo de pessoas autistas percebe a representação do autismo na série *Atypical*, do serviço de streaming Netflix. A verificação foi feita com a produção do documentário *Vozes do Espectro* (2021) e teve como foco os sentimentos de identificação e satisfação com a representação na série. A escolha da narrativa audiovisual documental deve-se à intenção de se reforçar o papel desse gênero como ferramenta de mobilização social, papel este que é abordado por Zandonade e Fagundes (2003) na obra *O vídeo documental como instrumento de mobilização social*. A razão para a escolha de *Atypical* reside na constatação de que mesmo as três primeiras temporadas da série tendo alcançado uma média de aprovação de 66% a 87%, por parte da crítica especializada e do público, com base em agregadores de críticas de cinema e televisão; houve espaço, ainda no ano de seu lançamento, para apontamentos, feitos por pessoas que se encontram no espectro autista, a respeito de uma representação imprecisa e, em alguns casos, estereotipada da condição. Para o aparato teórico da pesquisa, foram explorados os conceitos de representação, identificação e satisfação, assim como a história do documentário e seus tipos. Já a metodologia envolveu pesquisa documental, revisão bibliográfica, pré-produção, produção e pós-produção. Dentro desse contexto, foi realizado um levantamento, através de entrevistas semiestruturadas (ou seja, série de questionamentos pré-estabelecidos mas não inflexíveis) com as pessoas no espectro, e as informações obtidas foram exibidas no produto comunicacional em questão. O documentário possibilitou um aprofundamento nos principais aspectos da representação autista em *Atypical* que suscitaram identificação no grupo entrevistado. Esse aspectos foram: crises autistas do protagonista (Sam Gardner); não entendimento de palavras, expressões, ironias, sarcasmo e brincadeiras; *stims* (formas expressivas do corpo manifestar uma tentativa de equilíbrio); dificuldades para socializar/fazer amizades, com o adendo da questão do *masking* (tentativa de encaixe social ou de resistir às pressões sociais de ser uma pessoa atípica), que é explicado por uma psicóloga, que também se encontra no espectro autista, no documentário e apontado, por uma das entrevistadas, como muito recorrente na

¹contatohelenmarinho@gmail.com



comunidade autista; preferência por assuntos do próprio gosto; hipersensibilidades auditiva e visual; expectativa de que algo vá dar errado; padrões ritualizados de comportamento; e sofrimento de *bullying* no ambiente escolar. No que tange ao sentimento de satisfação — explorado com base na visão de Kotler e Keller (2012), de forma adaptada — com a representação autista na série, o resultado obtido foi heterogêneo. Essa heterogeneidade, já esperada devido à natureza qualitativa da obra, deu margem tanto para apontamentos positivos, quanto para comentários sobre estereótipo, exageros, dramatização na representação e a necessidade de uma abordagem um pouco mais diversa do espectro nas telas, com a última incluindo a manifestação diferenciada dele em mulheres. Nas entrevistas, o grupo protagonista não hesitou em elucidar as principais razões para os seus posicionamentos. Os resultados de todo esse processo têm o potencial de contribuir para o direcionamento da atenção dos espectadores e das espectadoras do documentário aos apontamentos dos entrevistados, que, de certa forma, reforçam a necessidade de análises como a realizada por Prochnow (2014) sobre a representação do autismo na mídia. A título de esclarecimento, a mencionada autora afirma que o cinema e a televisão estão limitados no que escolhem ilustrar e destacar sobre o autismo em suas programações, exibindo poucos aspectos dele para serem considerados representativos, o que vai ao encontro do exposto por alguns dos entrevistados. Outros depoimentos do documentário coincidiram com o que Nordahl-Hansen, Tøndevold e Fletcher-Watson (2017) apontaram na obra *Saúde mental na tela: uma dissecção do DSM-5 de retratos dos transtornos do espectro do autismo em filmes e TV*, na qual ressalta-se que “as pessoas podem confiar nas representações da mídia para entender como a experiência se relaciona com a ampla gama de apresentações, contribuindo para as atitudes estereotipadas que prevalecem” (DRAAISMA, 2009; GARNER, 2014; apud NORDAHL-HANSEN; TØNDEVOLD; FLETCHER-WATSON, 2017, p.1). Possibilidades de posteriores exploração e ampliação, no mesmo formato, dos resultados da presente produção talvez possam aprofundar-se em tópicos como os exageros, estereótipos, a dramatização excessiva e a diversidade na representação autista em telas de televisão e cinema. Do mesmo modo, talvez possam dispor de um número maior de realizadores e/ou realizadoras, entrevistados e entrevistadas, e/ou um método de pesquisa quantitativo. Por fim, vale mencionar que o documentário não buscou constituir uma obra com vozes representativas de todas as pessoas que estão no espectro autista, pois isso seria impossível, mas sim reunir e expor as vozes distintas presentes em um determinado grupo quanto à representação autista em *Atypical*, com foco nos sentimentos de identificação e satisfação; contribuindo para repercuti-las.

Palavras-chave: Documentário. Representação. Autismo. *Atypical*. Netflix.



“Um modelo de superação!”: O discurso da superação funcionando na/pela telenovela

Thaís Ribeiro Alencar¹
Universidade Estadual de Campinas

Sessão 6 | Quarta-Feira, 20 de outubro, 10h

RESUMO: Baseado nos pressupostos da Análise de Discurso materialista, a discussão que proponho com esse trabalho faz parte da minha dissertação de mestrado, na qual tenho buscado compreender o processo de significação do corpo da mulher com deficiência, tendo por lugar de observação, a telenovela *Viver a Vida*, produzida e posta em circulação pela Rede Globo de Televisão entre os anos de 2009 e 2010. A obra foi escrita por Manoel Carlos e apresentada no horário nobre da emissora. Tomo a telenovela enquanto um objeto simbólico, ou seja, um aquele que produz sentidos, de acordo com Orlandi (2004). Para delimitar ainda mais o meu corpus e análise, escolhi me deter à trajetória da personagem Luciana, interpretada pela atriz Aline Moraes. A personagem era a irmã mais velha de três irmãs, de uma família abastada que residia na área nobre do Rio de Janeiro, como é comum nas obras de Manoel Carlos. O sonho da moça era alcançar o estrelato no mundo da moda e ser reconhecida internacionalmente, assim como era Helena (Taís Araújo), protagonista da trama e de quem Luciana era a principal rival. A jovem, porém, vê a sua vida mudar completamente após sofrer um acidente enquanto voltava de sua primeira viagem internacional à trabalho. O carro no qual estava capotou e por conta do ocorrido, Luciana ficou tetraplégica. A partir de então, a modelo terá o seu corpo marcado por uma diferença que é dada a ver pela ausência de movimentos de boa parte dos seus membros. A partir de então, é possível observar o funcionamento do sentido de deficiência, principalmente na relação com o que não está dito. Escolho pensar o processo de significação do corpo da mulher, tomada então ideologicamente como uma mulher com deficiência na relação com o olhar, entendendo-o enquanto um gesto interpretativo (HASHIGUTI, 2008), aquele que diante de uma materialidade simbólica, convoca a memória para produzir sentidos e o faz a partir de determinadas condições de produção. Observar a trajetória da personagem possibilita explicitar como o olhar para o corpo muda, a partir do momento que este é marcado por uma diferença, significada como uma deficiência, principalmente quando a discursividade médica está em funcionamento. Todas essas questões são abordadas no meu trabalho e estão diretamente relacionadas com o que proponho discutir nesse evento. O efeito de superação

¹thais.alencar2013@gmail.com



que se constrói na trajetória da personagem a partir do momento que ela sofre o acidente, passa a ter um corpo diferente e a lutar por superação. Explicitar o discurso da superação, tendo por base a trajetória da personagem Luciana, pensando os sentidos produzidos principalmente na relação com a formação social capitalista, condição de produção na qual estão inseridos esses discursos, me faz pensar principalmente naquilo que se apaga, o que se deixa de dizer. A novela em seu funcionamento significa na/pela trajetória da personagem Luciana, a superação e, ao fazê-lo produz sentidos sobre a mulher, que também são postos em questão, afinal a superação não é significada da mesma maneira para homens e mulheres. O recorte dessa pesquisa se restringe à mulher. Porém, é buscando explicitar o que se apaga nesse processo, que somos colocados diante das controvérsias que se desenham quando olhamos para os discursos sobre a deficiência, sobre a inclusão e a superação no contexto social e político do Brasil de 2021. Embora o meu foco aqui seja a superação. Explicitar tais sentidos é o meio de buscar produzir sentidos outros que sejam fortes o suficiente para romper com os que já estão estabilizados.

Palavras-chave: Discurso; deficiência; novela; superação.



Laureados da Óptica

Matheus Henrique Reule¹
Camille Vitória Unger²
Rebeca Gonçalves Pereira³
Yohan Szuszko Soares⁴
Marcelo Prado Cionek⁵
Marcelo Jean Machado⁶
Maria Jackeline Rodrigues dos Santos⁷
Universidade Federal do Pará

RESUMO: A divulgação científica é uma característica fundamental do processo de pesquisa e extensão universitária. As grandes pesquisas, invenções e descobertas que basearam grande parte do conhecimento científico contemporâneo ainda fazem parte de um campo obtuso da visão da população geral. Mesmo no ambiente acadêmico e escolar, as premiações do Nobel permanecem em uma nuvem de desconhecimento, causando um distanciamento entre pesquisa e divulgação. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo aproximar os eixos da pesquisa e da divulgação científica procurando explicar e explicar as grandes descobertas e invenções na área da Óptica que foram reconhecidos pelo prêmio Nobel. Essa aproximação é feita por meio da criação de divulgação de materiais gráficos no estilo “Tiras e Cartuns” onde é explicado, um a um, as invenções e trabalhos que foram laureados com o Nobel de Física e estejam relacionados com a área da Óptica. Esses materiais são, então, divulgados através das redes sociais do “UFPR Student Chapter”, entre elas: *Instagram*, *Facebook* e em site próprio. Essas tiras e cartuns ficam disponíveis para a visualização por qualquer interessado na área da Óptica e da pesquisa científica, sejam da educação básica ou superior. O UFPR Student Chapter é uma instituição vinculada à Universidade Federal do Paraná e patrocinada pela OPTICA (antiga *The Optical Society* – OSA) visando a divulgação da área de Óptica e Fotônica, desenvolvimento de estudantes de graduação e pós-graduação e divulgação científica e tem por objetivos promover a difusão, conscientização, ensino e divulgação da área de óptica e

¹matheus.reule@ufpr.br

²camilleunger@ufpr.br

³rebeca.goncalves@ufpr.br

⁴yohan.szuszko@ufpr.br

⁵marcelo.cionek@ufpr.br

⁶marcelomachado@ufpr.br

⁷mariajackeline@ufpr.br



seus agregados entre a comunidade acadêmica local e externa e na sociedade em geral. O projeto, além de ser da área de Física, abrange a área de ensino, educação, pesquisa e divulgação de ciência e tem como seu foco norteador a criação do pensamento científico nos participantes e espectadores das atividades e eventos realizados. Então, utilizando-se da plataforma proporcionada pelo UFPR Student Chapter e aproveitando da grande abrangência do vínculo institucional e extensionista da Universidade Federal do Paraná, o projeto “Laureados da Óptica” divulga o processo de criação do conhecimento científico e suas implicações na ciência e tecnologia moderna. O material utilizado é criado por meio da pesquisa em fontes biográficas de cada laureado e na literatura correspondente com a área específica da física no qual o trabalho em questão se encaixa, então é criado um esboço dos quadros que, posteriormente, são repassados para a comissão artística do UFPR Student Chapter que cria o material gráfico final que é, então, divulgado para o público geral. O processo criativo do projeto procura sempre levar em conta não apenas o caráter estritamente científico que levou determinada premiação, mas também o contexto histórico e social da época e do(s) pesquisador(es) e quais influências tiveram esses contextos na pesquisa do laureado. Um exemplo disso é no caso do pesquisador e laureado Philipp Lenard que, além de sua pesquisa na área da óptica de raios catódicos e luminescência, também foi apoiador e incentivador do regime nacional socialista alemão, tendo grande participação na “ciência nazista” e, dessa forma, discriminava e repudiava pesquisas feitas por pesquisadores de origem judaica, como Albert Einstein. Atualmente o projeto “Laureados da Óptica” já obtém em suas postagens centenas de visualizações e tende a aumentar seu escopo de visualizações e compartilhamentos nas redes. Por fim, o projeto “Laureados da Óptica” pretende expandir a sua abrangência de divulgação consolidando os quadros e postagens gráficas produzidas em um material didático em meio impresso e virtual possibilitando, assim, uma compilação de materiais didáticos que serão, então, distribuídos para a utilização docente e nos processos educativos proporcionando mais uma ferramenta no arcabouço de materiais disponíveis aos professores do ensino básico e superior para explicar e contextualizar suas aulas e preparações didáticas.

Palavras-chave: Óptica. Nobel. Divulgação Científica. Projeto de Extensão.



“Quem fala no Apocalipse?”: A produção de efeitos de sentidos em uma telenovela a respeito do discurso científico e o religioso

Wanderson Rodrigues Morais¹

Caroline Heloisa Sapatini²

Beatriz Almeida Gabardo³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Sessão 6 | Quarta-Feira, 20 de outubro, 10h

RESUMO: Este trabalho possui como objetivo compreender o funcionamento discursivo em cenas da telenovela “Apocalipse”, reprisada no ano de 2020 na rede RecordTV, no que diz respeito à circulação de discursos que tencionam a esfera do científico e o religioso, assim como seus possíveis agenciamentos no imaginário social. Partimos do pressuposto de que a telenovela é um dos grandes portais midiáticos com grande destaque em nosso país, e assim, a forte influência dessa forma artística evidencia seu papel de agente de mediação cultural em sociedade, moldando representações de mundo e valores. Nesse sentido, muitas áreas do conhecimento se debruçaram nas complexidades das Artes, e entre elas, a Psicanálise. A referência à Arte na Psicanálise é constante, compreendendo-a como algo que é irredutível ao simbólico e é nessa hiância que nos colocaremos pensando sobre o desdobramento das práticas de entretenimento nos modos de viver e significar as relações sociais em meio uma nova era tecnológica, marcada pela controvérsia e a disputa de sentidos. Na Psicanálise, os discursos podem ser compreendidos como um liame social, agenciando as posições subjetivas, e nesse contexto, Jacques Lacan desenvolve uma discussão sobre o funcionamento de um discurso religioso e outro científico. Em “O triunfo da religião precedido de discurso aos católicos” (LACAN, 2005), o psicanalista fez apontamentos sobre o discurso psicanalítico a partir da retomada de Sigmund Freud, trilhando um caminho sobre a origem da verdade do sujeito na estrutura e na impossibilidade de inscrição desse real. O autor marca e chama a atenção para o imensurável poder da religião, pontuando que esta triunfará sobre todas as coisas, inclusive sobre a própria psicanálise, cabendo a esta apenas tentar sobreviver. Assim compreendemos enquanto problemática a forma destes discursos, e como eles operam na narrativa da telenovela, a partir da produção de efeitos de sentidos. A escolha pela obra artística Apocalipse se deu pela captura de nossa atenção ao trazer uma releitura tecnológica do apocalipse bíblico e como este aconteceria na atualidade, criando um

¹w.rmorais13@gmail.com

²carolhsapatini@gmail.com

³b210059@dac.unicamp.br



cenário de controvérsia entre aspectos tecnológicos e científicos, e aqueles ligados à fábula e à fé. O trabalho que se volta à compreensão dos mecanismos discursivos de uma materialidade e sua espessura semântica demanda uma perspectiva teórico-metodológica que versa sobre os processos de significação e a linguagem. Assim, nos filiamos à Análise de Discurso (AD) materialista, cujo um de seus precursores foi Michel Pêcheux, compreendendo que é no deslize, na falha e na ambiguidade constitutiva da língua, que a questão do sentido surge do interior da sintaxe. No diz respeito a nova era tecnológica, também consideramos importante a noção de memória metálica proposta por Orlandi (2010), caracterizada pelo acúmulo, a repetição e a quantidade, no qual o que foi dito aqui e ali, e mais além se junta formando uma rede de filiação de sentidos. Para Pêcheux (1995), o discurso está subordinado às operações de encaixe e articulação, a partir dos quais procuraremos compreender o agenciamento dos discursos enunciados em algumas das cenas em que observamos o tensionamento entre o discurso científico e o religioso. A partir da análise de algumas das cenas da telenovela em estudo, compreendemos que tanto os antagonistas quanto os protagonistas fazem uso do discurso científico na narrativa da novela. Isso nos parece evidenciar o triunfo do discurso religioso, que por um efeito da memória metálica, do acúmulo do dito e sua amplificação, esvazia sentidos do discurso científico e o ressignifica. Também observamos o que pareceu o agenciamento do discurso religioso, ofertando sentidos unânimes, arrebatadores e apaziguadores. Outro aspecto interessante a se notar, é que a veiculação da telenovela se deu em um cenário de atrito entre religião e ciência intensificado na conjuntura histórica e agravada pela crise sanitária, política, ambiental e científica do COVID-19. Sendo a obra artística proveniente de uma emissora marcada pela religiosidade, é curioso observar possíveis efeitos que a novela desdobra ao agregar a figura da ciência e da tecnologia como obras de um “anticristo”, e o “povo escolhido” enquanto guerreiros da “santa resistência” em uma era demarcada pelo negacionismo científico.

Palavras-chave: Psicanálise. Análise de Discurso. Memória Metálica. Controvérsias.



Por uma nova narrativa na comunicação pública da ciência e cultura

Verônica Reis Cristo¹
Universidade de São Paulo

RESUMO: Este estudo tem como ponto de partida uma controvérsia: investigar um possível declínio dos efeitos das narrativas tradicionais da divulgação científica para a popularização da Ciência e da Cultura junto à sociedade pós-moderna – fortemente impactada por um contexto de abundância informacional, de questionamento de tradições, de desinformação e *fake news* e de maior projeção de movimentos de negacionismo da Ciência. Diante de tal cenário, propõe-se uma reflexão sobre a necessidade de uma nova narrativa para a comunicação pública da Ciência e da Cultura com a sociedade – mais humanizada, dialógica, plural, afetiva e diversificada. Este estudo faz parte de uma pesquisa em andamento da autora, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP e divulgadora científica e cultural da Escola de Comunicações e Artes da USP. A comunicação pública da ciência é compreendida pelos processos de mediação e diálogo entre instituições científicas e a sociedade com vistas à formação de uma cultura científica (SANTOS; ALMEIDA; CREPALDI, 2020). Na visão dos autores, a comunicação pública da ciência ultrapassa a divulgação científica, dedicada à população da ciência, pois coloca no centro do processo comunicacional o diálogo entre cientistas e cidadãos não especializados em ciências. A opção deste estudo pela narrativa para abordar a temática é estratégica: ela é central, em nossa análise, nos processos comunicacionais, em todas as suas dimensões. A narrativa é compreendida como um artefato da linguagem que registra as transformações que ocorrem no mundo e que organiza a nossa experiência no tempo e no espaço (RICOUER, 2012). Tem, portanto, papel fundamental no processo de gerar representações sociais (MOSCOVICI, 2003) e para a constituição de identidades individuais e coletivas. Isso posto, observa-se, na sociedade contemporânea, a emergência de uma indústria da narrativa que, ao optar por uma lógica de produtividade, abundância informacional e esvaziamento de significados, impossibilita o indivíduo de usufruir experiências e construir sentidos (FARIAS; CARDOSO; NASSAR, 2020). Predominam as “velhas narrativas” (NASSAR, 2016): desencantadas, construídas a partir de dados e algoritmos e sobrecarregadas de intencionalidades (visíveis e invisíveis) que resultam em problemas de ordem diversa – a infotoxidade, o déficit de atenção, a aceleração dos eventos e a ausência de sentidos são alguns deles. A divulgação científica,

¹veronica.cristo@usp.br.



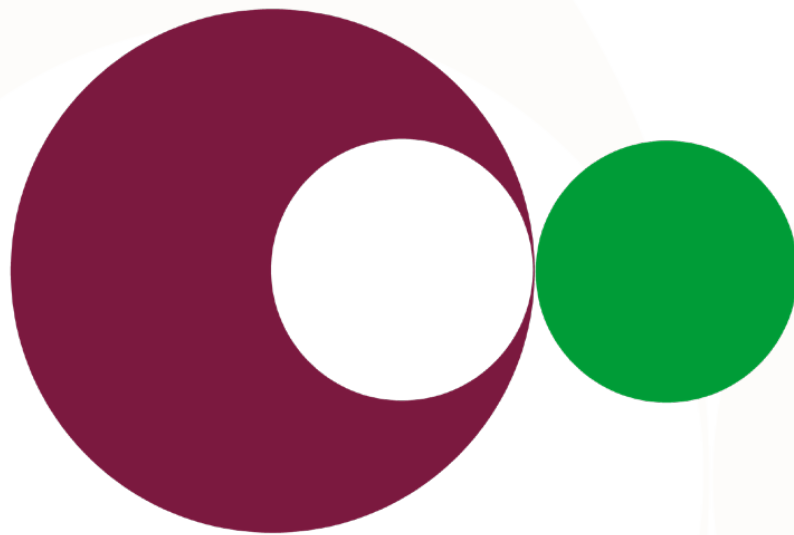
ao repetir as estratégias de um modelo de narrativa essencialmente informacional, é igualmente prejudicada neste cenário de disputa por espaços no campo das narrativas. Uma das expressões desse fenômeno é o questionamento da verdade científica fora da academia. O negacionismo científico – a ideia de negar fatos comprovados pela Ciência na tentativa de escapar deles – é encontrado de forma recorrente ao longo da história. No contexto atual, o que ocorre é uma multiplicação desse negacionismo científico em função da amplitude dos espaços de circulação das narrativas. Moscovici (2003) explora o assunto quando trata da mutação de uma teoria científica ao circular no senso comum. Para o autor, a informação científica tem sua narrativa mais modificada justamente quando se choca com as identidades e saberes já estabelecidos na sociedade. Chagas e Massarani (2020) explicam que o negacionismo ocorre quando os indivíduos se deparam com informações que contradizem verdades pessoais, crenças e valores. Dentro dos muros da Universidade, o cenário é igualmente desafiador: o profissional de divulgação científica precisa lidar com uma instituição “partida” pelas especificidades dos campos de conhecimento, por estruturas engessadas, e, por uma concepção que distingue o “comunicar” e o “divulgar” Ciência – atribuindo valores muito diferentes a cada um deles. Todo cientista, a rigor, faz comunicação científica por meio de uma narrativa muito bem protocolada, documentada e inquerida pelos pares em rituais próprios da comunidade acadêmica. Chagas e Massarani (2020) defendem que todos os cientistas também façam divulgação científica – o que está longe de ser um consenso entre pesquisadores e pesquisadoras. Na definição de Bueno (2010), a divulgação científica compreende a utilização de recursos e técnicas para a veiculação de informações para o público, a fim de democratizar o acesso ao conhecimento científico e promover uma alfabetização científica, enquanto a comunicação científica dissemina a informação para aos pares, a fim de compartilhar avanços e descobertas. Em nossa análise, a comunicação pública da Ciência e da Cultura deve aproximar comunicação e divulgação científica, humanizando a figura do pesquisador, valorizando os rituais de ensino, pesquisa e extensão e a escuta ativa dos atores sociais. Para tanto, poderá se beneficiar de um modelo narrativo com maior ênfase nos rituais da experiência, cujos efeitos demandam mais tempo para serem sentidos pelos públicos, mas, por outro lado, apresentam resultados mais duradouros (NASSAR, 2016). As narrativas rituais – narrativas construídas por meio de elementos simbólicos e marcadas pela repetição, pela organização no espaço e tempo e pela intenção retórica (NASSAR, RIBEIRO, 2012) – têm um papel importante na construção de identidades individuais, na ação coletiva e na afirmação de uma cultura científica na sociedade, podendo dar significado às experiências de vida e favorecer a partilha de conhecimentos.

Palavras-chave: Comunicação. Comunicação Pública. Divulgação Científica. Narrativas.



EDICC 8
CONTROVÉRSIAS

8º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura
19 - 21 de outubro de 2021
Universidade Estadual de Campinas



SESSÃO 7

QUARTA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO, 13h



Pibid e a divulgação científica em tempos de pandemia: a experimentação de baixo custo em vídeo

Ranielli Morais de Abreu¹
Taísa Veloso Barreto Bezerra²
Luana Beatriz Lucena Gomes³
Rafael Simão da Silva⁴
Vitor Amorim⁵
Rui Manoel de Bastos Vieira⁶
Universidade Federal de São Paulo

RESUMO: Com a necessidade sanitária do distanciamento social imposta pela pandemia do coronavírus, novas demandas por adaptações nos meios de atuação foram necessárias na educação do país. Desta forma, na comunidade escolar buscou-se amparo em mídias digitais objetivando abranger o estudante de forma a minimizar as perdas ocasionadas pelo período de isolamento social. Neste sentido, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), campus Diadema, no ano de 2021 buscou atuar na produção de material audiovisual de Divulgação Científica que possa atender as necessidades da educação básica em ciências, consonante com o currículo flexibilizado da rede municipal de São Caetano do Sul-SP. Este trabalho tem como objetivo descrever o processo de produção audiovisual de licenciandos em Ciências do Pibid para auxílio do professor de ciências da rede pública e para a divulgação científica com a experimentação de baixo custo, e tutorial de replicação em vídeo. A partir da utilização de smartphone e aplicativos gratuitos para a edição de vídeos como o “*You Cut*”, o subgrupo de ciências do Pibid produziu atividades visando a difusão científica e a familiarização dos estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental das escolas públicas com a linguagem científica. Para o aperfeiçoamento da qualidade técnica das produções, utilizamos elementos como: proposta pedagógica, material de acompanhamento (cartilhas), linguagem e aspectos técnico-estéticos nos vídeos didáticos. O processo de elaboração das atividades para esta edição do programa passa por uma sistematização das produções em vídeo e pela aplicação das atividades no âmbito escolar nas plataformas de ensino remoto empregadas no sistema público de educação. Toda a produção audiovisual aqui descrita

¹morais.abreu@unifesp.br.

²taisa.veloso@unifesp.br.

³luana.lucena26@unifesp.br.



está sintetizada em dois grandes eixos com intuito de instrumentalizar o professor da rede básica em ciências: o vídeo instrucional, com a utilização de elementos gráficos e apresentação narrada para a exposição dos conceitos científicos abordados, e o vídeo tutorial no qual os experimentos de baixo custo são expostos na produção audiovisual com etapas de construção e demonstração para a replicação em sala de aula, ou na residência do estudante. O resultado final das produções percorrem três grandes pilares: a popularização e difusão da ciência, o fomento à investigação pelo estudante do Ensino Fundamental a partir das novas concepções, e o auxílio e aparelhamento do professor de ciências da rede pública de ensino. As aplicações das atividades produzidas ocorrem por meio de reuniões/encontros virtuais síncronos, via *Google Meet*, com a presença de estudantes de ciências do Ensino Fundamental e o professor responsável pela turma em questão. Cada atividade é composta por um vídeo, uma cartilha para replicação do experimento e um plano de aula com a forma de interação e aplicação pretendida pelos membros do programa durante as discussões do tema em aula. Em cada aplicação são utilizadas as produções audiovisuais para o apoio à temática debatida, de forma a trazer novos elementos de interação às aulas remotas, e uma dinâmica atrativa para os estudantes no contexto educacional atual. Além disso, todas as produções são divulgadas em conjunto com o projeto “Banca da Ciência”, desenvolvido pela Unifesp em parceria com a Universidade de São Paulo (USP) e o Instituto Federal de São Paulo (IFSP), que objetiva promover a Divulgação Científica por meio de experimentos de caráter lúdico e, assim, despertar o interesse pelas ciências naturais, propiciando reflexões sobre a natureza da ciência. Consideramos, portanto, que dialogar com as necessidades da escola pública e discutir e conhecer a qualidade do produto educacional em vídeo torna-se imprescindível no cenário atual. Conceber material audiovisual para a divulgação científica e auxílio do professor durante o período de isolamento social é necessário no atendimento às novas demandas do ensino público do país.

Palavras-chave: Divulgação científica. Ensino de ciências. Produção audiovisual.



Da câmara escura ao photoshop: investigando visualidades contemporâneas

Carmem Martins Coelho¹
Universidade de Brasília

RESUMO: O presente trabalho pretende examinar a trajetória da visualidade ao longo dos últimos séculos, desde o advento da sociedade industrial até o contexto de proliferação de imagens através das tecnologias contemporâneas. O intuito é delinear o percurso da relação espectador-imagem, ou sujeito-imagem, apresentando algumas mutações que culminam no que podemos chamar de cultura visual contemporânea. A última parte do artigo é dedicada a explorar algumas das tendências ou particularidades encontradas com frequência dentro dessa cultura, a fim de suscitar uma posição mais crítica dentro do contexto de superabundância de imagens e economia da atenção à qual estamos imersos. A imagem adquiriu ao longo dos séculos, um lugar cada vez mais significativo de representação para o mundo. O tato foi perdendo significância na apreensão da realidade conforme a visão foi se apoderando mais e mais desse território. Mesmo a textualidade é condensada em favor do espetáculo das imagens. O processo de industrialização e a consequente aceleração do sistema capitalista resultou em relações cada vez mais mediadas por imagens e esse processo alcança seu ápice com as tecnologias que surgiram a partir da década de 1990. Com a computadorização do mundo, tem-se novamente uma ruptura significativa na visualidade que não se via desde a invenção da fotografia. Como diz Nicholas Mirzoeff, a contemporaneidade transforma a própria existência em imagem. É isso que justifica o artigo: a contestação da urgência de se pensar a visualidade como objeto de estudo e construção de mundo. O aparato teórico necessário para discutir cultura visual deve ser interdisciplinar tal qual o campo: é essencial abarcar comunicação, filosofia, sociologia, história da arte. Este artigo lança mão de contribuições de autores como Foucault, Jonathan Crary, Paula Sibilia, Gilles Lipovetsky, Arlindo Machado e Walter Benjamin, dentre outros. Uma revisão bibliográfica desse apanhado de autores permite deslindar os imbricamentos contemporâneos entre capitalismo, cultura e tecnologia. Além da construção teórica de uma “história da visualidade”, o artigo também obtém como resultado da pesquisa uma cartografia das tendências visuais contemporâneas, tais como: descolamento da realidade material, olhar maquínico, dissolução de fronteiras e multiplicidade de

¹carmemcmartinss@gmail.com



referências. Em relação às duas primeiras, parece predominar na cultura visual contemporânea uma tentativa de superar as barreiras físicas da realidade: imagens de drone, photoshop, filtros de fotos, imagens eletromagnéticas, design gráfico; todos envolvem um nível de superação de limites materiais. Também cabe dentro dessa sede de expansão da visualidade contemporânea, a combinação de diferentes suportes e técnicas. As possibilidades de criação e produção de imagens nunca foram tão amplas. Novas tecnologias surgem a todo instante, mas ao contrário do que se possa pensar, as antigas formas de suporte e materiais não são esquecidas, e sim coexistem com as novas. É cada vez mais difícil determinar a natureza de uma imagem devido a mistura e sobreposição de variadas ferramentas e processos, sejam eles antigos ou atuais, sofisticados ou elementares, tecnológicos ou artesanais, digitais ou analógicos. Em relação a multiplicidade de referências, é um modo de conhecimento que parece ser incentivado pelo mundo contemporâneo. Essa disposição se iniciou junto com a industrialização e desenvolvimento do capitalismo, em que as imagens começam a se referir a uma marca, pessoa ou produto cultural. Essa tendência se aprofundou ao longo de todo o século XX e não cessou nos dias atuais. Cada vez mais as imagens fazem referência a outras imagens, conversam mais entre si e menos com a textualidade. As imagens e referências se sobrepõem. Esse movimento pode ser facilmente identificado na indústria pop, na moda, e sobretudo nos memes. Se é verdade que cada período da história é marcado pelos meios que lhe são próprios, os meios de nosso tempo residem sobretudo no mundo digital, suas imagens e fluxos. Pensar esses movimentos se faz necessário para compreensão de nosso momento histórico.

Palavras-chave: Imagem. Tecnologia. Cultura Visual. Contemporaneidade.



A construção do *ethos* do cientista na cultura infantil digital

Shaila Regina Herculano Almeida Maximo¹

Universidade de São Paulo

Emerson Santos Izidoro²

Universidade Federal de São Paulo

RESUMO: A cultura infantil tem sofrido mudanças significativas com a vinda da internet para dentro dos lares e do cotidiano das crianças. Cada vez mais, elas têm se envolvido, de forma ativa ou passiva, em produções que objetivam alcançar seus gostos e sua atenção e têm participado de forma cada vez mais ativa de conteúdos relacionados a elas (JENKINS, 2009). A internet oferece diversas oportunidades para que isso aconteça de forma simples e eficiente. A produção ativa desses conteúdos tem se dado por meio de diferentes materiais virtuais, mas os vídeos compartilhados no Youtube adquiriram uma fama especial, já que essa plataforma oferece materiais interessantes e variados, e uma navegação simples e eficiente no que diz respeito à coleta de informações e preferências dos espectadores e dos apresentadores. Sites como o Youtube têm transformado a cultura infantil e permitido às crianças contribuírem com a cultura digital, seja no consumo ou na produção dos conteúdos neles inseridos. Os vídeos são produzidos com diversos temas e diferentes finalidades (BURGESS; GREEN, 2009). A ciência tem sido utilizada no discurso de muitas dessas crianças a fim de obterem credibilidade e fama. Mais do que palavras ou frases soltas, o discurso, que está relacionado à pragmática, leva em consideração o texto submetido às questões sócio-históricas que o constroem (BARROS, 2004; MAINGUENEAU, 1997, 2011). A influência da ideologia sobre o discurso “articula-se onde a ciência se destaca sobre o saber” (FOUCAULT, 2004, p. 207). Maingueneau (1997) afirma que, num nível mais profundo, o objetivo real do discurso científico é o de conquistar notoriedade no meio visado, obtendo-se, assim, o monopólio da autoridade. Essa autoridade é reconhecida nos meios científicos e fora deles também. Outra característica desse tipo de discurso é que ele pretende ser verdadeiro independentemente da situação particular em que é enunciado (MAINGUENEAU, 2011). O discurso científico proporciona ao enunciador certa autoridade que é concedida a ele por um *ethos* prévio, encarnado na figura que constitui os grupos sociais que dominam os saberes relativos à ciência, e um *ethos* construído ao longo do próprio discurso, com a apresentação de exemplos, explicações e

¹shaila.almeida@hotmail.com.

²emerson.izidoro@unifesp.br.



argumentações sólidas (AMOSSY, 2010, apud RAMOS; MARQUES; DUARTE, 2015). O discurso científico entra na fala dos *youtubers* mirins que se utilizam dele atualmente de uma forma pouco utilizada anteriormente no campo da ciência. O intuito agora é possibilitar visibilidade deles não só entre o público infantil, mas entre espectadores de todas as idades (SIBILIA, 2008; MONTEIRO, 2018). Essa pesquisa se propôs a verificar como esse discurso científico tem sido utilizado pelas crianças na internet para a construção de um *ethos* do apresentador de temas científicos e quais objetivos ele pode alcançar com as características adquiridas a partir desse caráter e corporalidade desenvolvidos durante esse processo (MAINGUENEAU, 1997; 2011). Foram analisadas falas e imagens de dois vídeos apresentados no Youtube por crianças e que continham temas científicos nos títulos. Foi utilizada a metodologia de estudo de caso na comparação dos vídeos. Poucos são os estudos sobre o discurso infantil relacionado à ciência e a relação entre a participação da criança na produção cultural e a internet no âmbito científico. Enquanto isso, a oferta de produções com fins de divulgação científica por e para crianças só tem se multiplicado nos últimos anos. Pesquisas como as de Dalethese (2017), Marôpo et al (2017), Monteiro (2018), Melo e Guizzo (2019) têm se dedicado a algumas dessas questões, mas ainda há pouca informação sobre a produção de vídeos apresentados ou desenvolvidos por crianças com temas relacionados à ciência. Nos resultados obtidos neste estudo, observou-se que os apresentadores construíram *ethos* diferentes com a imagem do cientista em suas produções, mas os dois alcançaram grande visibilidade na internet. A ciência foi usada para dar credibilidade às falas dos meninos e criar uma imagem de inteligência e coragem, o que os ajudou a alcançarem popularidade na internet.

Palavras-chave: criança. internet. discurso. *ethos*. cultura infantil.



Análise do modo de endereçamento de um vídeo de divulgação científica de prevenção à Covid-19

Luciana Ferrari Espindola Cabral¹

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Luiz Alberto de Souza Filho²

Américo de Araújo Pastor Junior³

Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho⁴

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: O objetivo deste texto é apresentar um estudo sobre os modos de endereçamento de um vídeo de divulgação científica sobre a prevenção à COVID-19. Para esta análise realizamos uma aproximação entre o conceito de endereçamento e os princípios comunicativos da divulgação científica. A divulgação científica tem por função tornar os conhecimentos produzidos pela academia mais acessíveis para a população em geral. Para tanto, é necessário realizar a adequação dos textos acadêmicos para uma linguagem que possa ser compreendida pelos cidadãos, em geral, aqueles que estão fora dos muros das universidades e aos quais sua mensagem de divulgação científica geralmente está endereçada. Para tanto, é necessário que o produtor do texto científico faça pressuposições sobre a sua audiência. As obras destinadas à divulgação científica são produzidas com base em expectativas e características do público-alvo com o qual se deseja comunicar. Para compreendermos melhor essa relação, mobilizamos aqui a noção de endereçamento proposta Elizabeth Ellsworth. A metodologia do estudo é sustentada pelos referenciais teóricos como o endereçamento e a análise fílmica francesa. De acordo com Ellsworth (2000), os filmes, assim como os livros e as cartas, são endereçados a alguém, uma audiência previamente pensada. Este endereçamento ocorre em um espaço psíquico, social ou em ambos, entre o texto e os usos que a audiência faz dele. Para que o produtor de uma obra de divulgação científica consiga estabelecer uma comunicação efetiva com seu público é necessário que ele tome decisões a respeito de com que parcela da população ele deseja falar, e que inclua ou exclua identidades nesse processo e evidencie marcas de endereçamento capazes de serem identificadas por um público mais ou menos específico e imaginado. A análise fílmica francesa parte da premissa de que para analisarmos um filme é necessário desmontá-lo e compreendermos os significados das partes que o compõem. Na presente pesquisa analisamos

¹sluciana.cabral@cefet-rj.br

²bioluizalberto@gmail.com

³americopastor@nupem.ufrj.br

⁴luizrezende.ufrj@gmail.com



o vídeo intitulado “O que é coronavírus? - Prevenção e dicas para crianças - COVID-19” publicado pelo canal Smile and Learn - Português no Youtube. Como resultado, pode-se notar que se trata de um vídeo educativo voltado ao público infantil. A intenção da obra é que, com ela, as crianças possam aprender sobre o coronavírus e sobre medidas de proteção. Neste vídeo de animação, há um apresentador que é uma criança - há aqui já uma marca de endereçamento, pois tem-se um protagonista em idade escolar. Uma criança que fala e interage com os espectadores assumindo que estes também são crianças. Certas falas como “Olá, amigos!”, “Você quer ser um super-herói?” e “Avise aos seus pais ou seus professores” são marcas verbais do endereçamento ao público infantil, que tem aflorado o imaginário da fantasia, e está sob a supervisão de pais e responsáveis. Há também pausas espaçadas na fala do personagem, que configura um recurso para facilitar o entendimento do que está sendo dito. No que tange aos aspectos não-verbais, pode-se destacar que as cores vivas da animação são elementos que reiteram o lugar do espectador, atraindo a atenção infantil. Porém, ainda que se reconheça que o vídeo é endereçado ao público infantil, isso não significa que somente crianças poderão ter prazer visual em sua leitura. Pode-se dizer que, com alguma frequência, o endereçamento erra e atinge públicos outros, para os quais a obra não foi originalmente pensada. Para além disso, diferentemente dessa produção, que é bastante direcionada a um público específico, também existe a possibilidade de as obras de divulgação científica serem propositalmente endereçadas a um público amplo. Sobre a construção de um endereçamento amplo, que possa ser reconhecido como adequado para diferentes grupos ou identidades, entendemos que seria necessário que a mesma produção possuísse marcas de endereçamento destinadas às diversas parcelas da audiência, ou seja, o mesmo vídeo deveria possuir diferentes camadas de endereçamento. Assim, ele poderia se comunicar com crianças e com seus pais, por exemplo. Esse é um princípio aplicado por alguns produtores de cinema, como os da Pixar, em filmes como Procurando Dory, Divertida Mente e Soul. Nessas obras, apesar das imagens e do roteiro mobilizarem elementos do universo infantil, há dimensões de seus enredos que parecem melhor abordar indivíduos adultos, que nessa dimensão, tendem a apreciar a obra. Isso pode ser pensado como uma estratégia de endereçamento secundária voltada aos pais das crianças as quais o vídeo está primariamente endereçado. Entretanto, entendemos que a construção exitosa de obras de divulgação científica com essa característica, exigiria um grande esforço de seus produtores. Pensar a audiência e suas múltiplas camadas é um passo importante na produção de estratégias de divulgação científica. Portanto, considera-se pertinente o estudo do conceito de endereçamento a fim de estruturar propostas que se destinem a um público espectador imaginado.

Palavras-chave: Divulgação científica. Endereçamento. Vídeos.



Silêncio e Voz: Considerações sobre a materialidade de podcasts

Erick Lucas Migoto Teodoro¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Este trabalho pretende discutir a materialidade dos podcasts, objetivando com isso fornecer um caminho produtivo (entre os vários possíveis) para a construção de dispositivos analíticos em análises de discurso (AD) de postura materialista, e movimentando para isso, noções já presentes no dispositivo teórico. A proposta se justifica na medida em que, se tratando de um fenômeno relativamente recente, os podcasts ainda constituem um campo pouco explorado, seja pela dificuldade em encontrar referências teóricas específicas, seja pelos desafios que ele impõe aos analistas. Longe da pretensão de resolver todas as inquietações que tal campo suscita, espera-se trilhar uma abordagem que permita explorar esse formato, mas que não se encerre em si, instigando outros pesquisadores a se interessar pelo objeto, e assim gerar deslocamentos e outras abordagens. Para isso, o trabalho apresentará os pontos centrais de sua proposta quanto a materialidade do formato por meio da análise demonstrativa de um episódio, discutindo a partir dela, os caminhos possíveis para pensar o que há de específico, ou ao menos característico, no funcionamento discursivo desse formato. A materialidade é aqui entendida como aquilo que constitui a forma material dos podcasts e de seus discursos, sendo possível pensar a partir dela o que há de especificidade em se tratando de podcasts, e como as noções teórico-analíticas podem se articular em torno dela. Dessa forma, o que está sendo proposto difere de uma análise descontextualizada do que é dito em um episódio, que adotaria, por exemplo, os enunciados como um texto mais ou menos transcrito, e se debruça sobre como os podcasts significam o que neles é “falado”. A hipótese defendida aqui é a de que a materialidade de um podcast se encontra no ponto de intersecção entre três dimensões teóricas: a do silêncio, a da voz, e a da materialidade digital (DIAS, 2018). Para desenvolvê-la serão movimentados de forma central os trabalhos de três autores: Eni Orlandi, em especial sua perspectiva em *As formas do silêncio*; Pedro de Souza (2014), com seu trabalho sobre “performances enunciativas de natureza prosódica”; e Cristiane Dias, em sua vasta discussão sobre a materialidade digital e os modos de circulação de discursos digitais. Na dimensão do silêncio, que servirá como ponto de entrada, a noção que será trazida de forma mais

¹erickl.m.teodoro@gmail.com



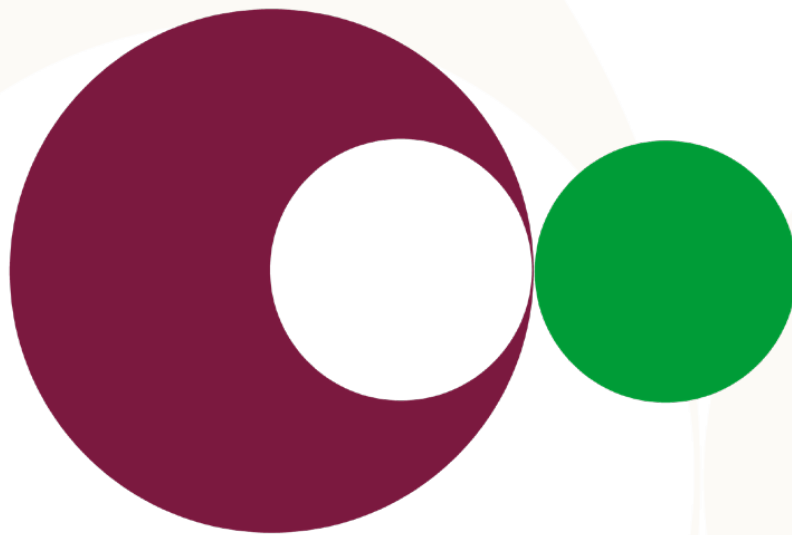
direta para compor a materialidade dos podcasts é a de “silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar” (ORLANDI, 2007, p.24). A postura de Orlandi afasta uma concepção negativa de silêncio, tirando-o do lugar engessado de contraparte da linguagem, e colocando-o como central para o funcionamento da mesma. Para a autora, a palavra recorta o silêncio, ela se imprime “no contínuo significativo do silêncio”(Idem, p.25). Portanto, a primeira questão que a abordagem pretende suscitar ao tratar de podcasts é: como o silêncio é recortado? ou seja, como, em um tempo de duração fixado, um podcast trabalha a relação entre o silêncio e o som? O segundo momento proposto se centraliza na contraparte do silêncio nos podcasts: a voz. Nesse momento, o que está em questão é aquilo que marca o silêncio, no caso, tanto de modo discursivo quanto empírico. A esse respeito são trazidos apontamentos de duas naturezas: a primeira, sob a perspectiva da voz enquanto processo de enunciação, sendo abordada em sua condição sonora, e colocando em jogo a forma como os sujeitos vão se produzindo nesse processo enunciativo, e na relação que estabelecem com os outros sons; a segunda, sob a perspectiva dos enunciados, a condição textual da palavra é trazida para assim, numa perspectiva mais tradicional de análise, procurar vestígios de um funcionamento ideológico e da historicidade na língua. Apesar da divisão didática que se faz para organizar a análise, a relação entre som e palavra, enunciação e enunciado, é indissociável, sendo dois lados de uma mesma materialidade, dois lados de um mesmo texto concebido no e pelo som. No terceiro momento do percurso analítico proposto, o que será observado é a dimensão que distancia a materialidade do podcast da de outros formatos onde o som também é central (como programas de rádio, entrevistas etc.): o digital. O digital será tomado “para além de uma mera forma de produção da tecnologia, mas como uma condição de produção político-ideológica do discurso [...]” (DIAS, 2018, p.28). A postura adotada por Dias, funciona aqui como um critério de demarcação para a especificidade dos podcasts, uma vez que esses são produzidos necessariamente pela materialidade digital. Espera-se ao final, demonstrar as possibilidades e limitações trazidas pela abordagem aqui defendida, e com isso inspirar outros trabalhos a pensar o tema.

Palavras-chave: Análise de discurso. Podcast. Materialidade digital.



EDICC 8
CONTROVÉRSIAS

8º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura
19 - 21 de outubro de 2021
Universidade Estadual de Campinas



SESSÃO 8

QUARTA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO, 15h



Produção científica nacional sobre Covid-19: uma análise de dados

Fernanda Quaglio de Andrade¹

Sabine Righetti²

Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Estêvão Cabestre Gamba³

Universidade Federal de São Paulo

Sessão 8 | Quarta-Feira, 20 de outubro, 15h

RESUMO: A pandemia de Covid-19, decretada em março de 2020 pela OMS (Organização Mundial de Saúde), levou a uma profunda transformação em todos os setores da sociedade em nível global. Esse período foi especificamente novo para a ciência mundial, que se voltou à pandemia, em várias áreas do conhecimento, em uma junção sem precedentes de esforços entre cientistas para entender com o que estavam lidando e como enfrentar esse desafio da melhor maneira possível. Em média, até o final de março de 2020, foi publicado um novo estudo em todo o mundo relacionado à pandemia a cada três horas (RIGHETTI e GAMBA, 2020). Passou-se, então, a observar um aumento evidente na produção científica sobre as causas, características e impactos da Covid-19 em todas as esferas do conhecimento. No Brasil, esse fato não foi diferente: a ciência nacional se organizou para compreender o vírus, a doença por ele causada e suas particularidades. É nesse cenário que essa pesquisa se insere. O presente trabalho faz uma análise da produção científica brasileira especificamente sobre Covid-19, em todas as áreas do conhecimento, durante todo o ano de 2020. A ideia é compreender, de maneira ampla, como a ciência brasileira se inseriu nesse esforço mundial de enfrentamento da Covid-19. Esse mapeamento é importante para entender como o tema tem sido produzido e circulado dentro do cenário científico nacional, como forma de embasar análises futuras sobre a comunicação social da ciência e a percepção pública da produção científica brasileira especificamente sobre Covid-19. Assim, essa pesquisa integra uma grande área de análise de cultura científica brasileira no contexto da pandemia de Covid-19 e a percepção das pessoas sobre tal. Para levantar a produção científica de pesquisadores vinculados a instituições de pesquisa do Brasil sobre Covid-19, foi feita uma busca na base internacional de periódicos Web of Science, que reúne mais de doze mil revistas científicas indexadas de todo o mundo. A pesquisa usou quatro termos de busca: “COVID-19”, “Sars-CoV-2”, “2019-nCoV” e “CORONAVIRUS 2019”. Foram encontrados 1.518 artigos científicos, que foram

¹fernandaquaglio@gmail.com

²sabine@unicamp.br

³estevao.cabestre@gmail.com



inseridos em um banco de dados com cinco principais campos de análise descritivos: i) nomes dos autores; ii) resumo do artigo; iii) palavras-chave; iv) área de publicação na Web of Science e v) instituições do Brasil e de fora do país envolvidas na pesquisa. A partir disso, um campo adicional de análise foi inserido no banco de dados com tipo de colaboração da pesquisa: nacional (entre instituições de pesquisa do Brasil), internacional (entre instituições do Brasil e de fora do país) e uni-instituição/sem parceria (artigos publicados por pesquisadores de apenas uma instituição de pesquisa brasileira). A análise preliminar dos dados, que ainda está em andamento, trouxe reflexões importantes. Neste trabalho, apresentamos dois resultados sobre i) os tipos de colaboração desses artigos científicos e ii) países que mais colaboraram com o Brasil nessas pesquisas. Dentre os 1.518 artigos publicados em periódicos científicos indexados na base WoS tratando da pandemia de Covid-19 analisados, 449 (29,6%) foram realizados sem nenhum tipo de colaboração, enquanto 579 (38,1%) apresentaram colaboração nacional e 490 (32,3%) têm colaboração internacional. Vale destacar que a maioria dos trabalhos (70,4%) tem alguma forma de colaboração, o que indica um cenário interessante para a ciência, com uma maior diversidade e troca de conhecimentos. Os dados mostram também uma concentração de colaborações em dez países da América do Norte, Europa Ocidental e China, de um total de 131 países com artigos científicos sobre Covid-19 com o Brasil. Esse fenômeno indica que as parcerias acadêmicas internacionais estão altamente concentradas em países de alto poder econômico. Ainda é possível notar que os dois países com maior número de artigos em colaboração com o Brasil são os Estados Unidos e a Itália, o que corrobora os dados evidenciados por Figueredo et al (2020), em pesquisa anterior sobre a produção brasileira sobre Covid-19. Além disso, dos dez países listados, oito estão entre os dez países que mais publicaram sobre Covid-19 no início da pandemia, segundo Wang e Tian (2021), o que mostra também uma concentração geográfica da produção do conhecimento sobre o novo coronavírus. Os próximos passos do projeto giram em torno do entendimento de quais instituições brasileiras e periódicos científicos mais concentraram artigos científicos sobre a Covid-19 no período em questão. O entendimento dessas informações trará fundamento para estudos posteriores sobre a comunicação da ciência brasileira sobre Covid-19, sua relação com a sociedade e como ela enxerga a ciência e os cientistas brasileiros. Entendemos que em tempos de negacionismo científico e de ataques à ciência, aos cientistas e às instituições de pesquisa -- muitas vezes vindos de autoridades --, esse tipo de análise e de resultado, que revela a importância da produção científica brasileira, torna-se ainda mais importante.

Palavras-chave: Cientometria. Percepção pública da ciência. Covid-19.



Percepção da Terceira Idade sobre a Pandemia de Covid-19: Atenção Redobrada ou Ageísmo?

Karina Juliana Francisco¹
Universidade Estadual de Campinas

Sessão 8 | Quarta-Feira, 20 de outubro, 15h

RESUMO: A pesquisa que pretendo apresentar é também o tema de minha dissertação de mestrado, ainda em construção, e busca analisar a percepção de um grupo de pessoas acima de 60 anos sobre a pandemia de Covid-19. As pesquisas de percepção na área de Ciência e Tecnologia têm avançado consideravelmente com *surveys* nacionais e internacionais, mas o assunto precisa ser profundamente estudado e trabalhado de maneira qualitativa para podermos observar algumas nuances mais de perto e com mais atenção em uma população específica e, para tanto, a metodologia de pesquisa é a do Grupo Focal. A escolha da faixa etária da população-alvo se deu por serem as pessoas acima de 60 anos consideradas parte do grupo de risco por sua maior probabilidade de complicações e óbito na contração da doença. Com isso, em um momento de incertezas e medo de contágio, a atenção com o cuidado aos idosos foi redobrada, mas, controversamente, acabou ressaltando o ageísmo - preconceito em relação a essa idade -, aumentando situações de infantilização e dependência em relação a esse grupo, ao invés da elaboração de políticas que incluíssem suas necessidades e respeitassem sua autonomia. A grande proporção de assuntos relacionados à saúde e saúde pública na cobertura de ciência e à singularidade do momento que vivemos justifica essa atenção especial a este tema na pesquisa. A pandemia de Covid-19 se tornou um debate político, científico e social, intensificando problemas sociais já existentes no Brasil, como o próprio ageísmo e o despreparo para situações de emergência por parte de órgãos públicos. Além de todas as condições já citadas, a situação de isolamento social para a terceira idade pode trazer um sentimento de abandono e solidão, pois normalmente já é vivenciado nessa idade o abandono de atividades trabalhistas e responsabilidades da família e da casa, transferidas aos filhos, novos chefes do lar. Muitos idosos vivem sozinhos, apenas com seu cônjuge ou até em casas de longa permanência – os antigos asilos. Soma-se a isso as dificuldades de adaptação tecnológica comuns da idade. Com o advento de smartphones e chamadas de vídeo, é preciso aprender rápido e se adaptar ao mundo digital, não comum a pessoas com mais de 60 anos. Todas essas mudanças, de algum modo, tiveram grandes impactos na vida dessas pessoas

¹karinajuliana.kjf@gmail.com



e, por isso, o presente estudo pretende analisar a percepção de como a terceira idade lidou com a pandemia, principalmente em relação a informações recebidas e compartilhadas. Portanto, o objetivo é investigar como essas pessoas recebem, analisam e passam as informações à frente quando o assunto é Covid-19. Buscarei como objetivos específicos compreender como a ciência se incorpora, ou não, ao cotidiano dessas pessoas, voluntários na pesquisa; investigar os sentimentos e reações que essa faixa etária teve ao ser classificada como grupo de risco durante a pandemia tratada; analisar a relação de confiança e compartilhamento de notícias sobre a pandemia de Covid-19; analisar como as notícias tiveram efeitos na noção de risco da população, alterando seus hábitos, levando em consideração a questão cultural durante a pandemia. O estudo será feito através da aplicação de um debate com grupos focais compostos por cerca de 10 pessoas cada, escolhidas por idade. Os participantes serão convidados a assistir reportagens sobre temas relacionados à pandemia, como tratamento, vacinação e isolamento social. Buscar-se-á procurar lugares onde idosos já tenham certa convivência prévia, como grupos de lazer, igreja, clube de leitura ou similar e até mesmo casas de longa permanência. As cidades sondadas até o momento foram Campinas e Botucatu, ambas no estado de São Paulo. O método foi escolhido pois permite explorar conhecimentos e experiências dos participantes e pode ser usado para examinar não só o que as pessoas pensam, mas como elas pensam e por que elas pensam dessa maneira. Também permite a observação de interações que se aproximam das que ocorreriam no cotidiano dos participantes, em uma reunião em circunstância que não fosse a da pesquisa. Acredita-se que esta proposta possa contribuir para o entendimento das questões levantadas por pesquisas do campo da Percepção Pública de C&T, como as realizadas periodicamente no Brasil, por meio de *surveys*. Estudos de percepção feitos com públicos específicos e temas selecionados podem colaborar com o desenvolvimento da Divulgação Científica e com políticas de educação científica. Os resultados esperados permeiam a ideia controversa de que a classificação como grupo de risco fez com que atitudes de ageísmo aumentassem e que foi dada pouca atenção na adaptação de idosos ao isolamento por parte de familiares e órgãos públicos, mesmo esse grupo estando tão em evidência nas mídias e na campanha de vacinação. Também espera-se entender melhor como o sentimento de solidão que o isolamento traz pode afetar mais a faixa etária acima de 60 anos e como dificuldades tecnológicas são um grande obstáculo para esse grupo se informar.

Palavras-chave: Covid-19. Percepção Pública da Ciência. Divulgação Científica. Terceira Idade. Pandemia.



Combate à desinformação sobre a Covid-19: uma análise das estratégias utilizadas para promover informações falsas durante a pandemia no Brasil

Guilherme Jancowski de Avila Justino¹

Patricia de Souza Bellas²
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo identificar algumas das estratégias utilizadas por agentes de desinformação para promover conteúdos falsos sobre saúde, no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil. Entende-se por *desinformação* quando as informações falsas são conscientemente compartilhadas para causar danos, prejudicando a reputação de pessoas e instituições (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017). O conceito se diferencia de tipificações como *informação errada* – quando informações falsas são compartilhadas, mas sem intenção de causar dano, como ocorre com os erros jornalísticos – e *informação mal-intencionada* – quando uma informação verdadeira é empregada para prejudicar alguém. Referida pesquisa se faz importante diante da escala global do problema, em meio à pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, e a gravidade com que o Brasil foi afetado. Nesse contexto, instituições de pesquisa e empresas envolvidas na fabricação de medicamentos são um alvo preferencial na tentativa de construção de descrédito institucional, sendo frequentemente citadas em notícias falsas. Não se pretende analisar o intuito por trás da promoção de desinformação, mas sim identificar estratégias utilizadas por agentes de desinformação para, então, melhor combatê-las. Com impactos possivelmente mortais – eventualmente mais até do que outras áreas sensíveis, como política e democracia –, ao gerar confusão indiscriminada sobre as escolhas pessoais e políticas, a desinformação foi classificada como uma epidemia pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco. A epidemia de desinformação recebeu uma alcunha própria: *desinfodemia* (POSETTI; BONTCHEVA, 2020), configurando um eixo potente que convida à reflexão sobre a ciência, a cultura e a tecnologia na contemporaneidade. Dentro de tal cenário, pretendemos listar e analisar, por meio de análise de conteúdo, algumas das estratégias utilizadas por agentes de desinformação. Especialmente com o uso da tecnologia, a partir de variadas redes sociais, seu propósito é enganar a população. A base para a formulação teórico-metodológica

¹guilherme.justino@outlook.com

²patriciadesouzabellas@gmail.com



da pesquisa é a verificação de informações falsas resgatadas a partir do trabalho de agências de jornalismo brasileiras dedicadas à checagem de fatos. Prática crescente no mercado de informação contemporâneo, dominado por plataformas digitais (BELL; OWEN, 2017), o *fact-checking* surge como resposta à desinformação e resgata valores centrais da ideologia profissional do jornalista, como a objetividade e a disciplina da verificação (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004). Pretende-se analisar uma série de checagens relacionadas à pandemia no Brasil, veiculadas entre julho e dezembro de 2020, para identificar estratégias em comum e listá-las, posteriormente elaborando um guia, para uso do público, sobre como perceber e combater esse tipo de informação falsa. Não se propõe, aqui, a identificar referidos agentes de desinformação, mas analisar suas práticas em diferentes plataformas de mídias sociais e propor meios de combatê-las, apontando algumas das controvérsias envolvidas nessas produções e explicando o motivo pelo qual tais informações falsas têm potenciais efeitos nocivos para a população, em uma área tão delicada quanto a saúde. Análise parcial indica que, entre as estratégias utilizadas, a mais proeminente é a produção de falso contexto: quando uma imagem genuína ou um fato verdadeiro é deslocado de seu contexto original para produzir uma informação falsa, causando, ao leitor desprevenido, uma sugestão de verdade (RECUERO *et al.*, 2021). Os meios preferidos para a disseminação de desinformação sobre a Covid-19 no Brasil são o Facebook e o WhatsApp, conforme apuração inicial, e o formato mais recorrente para compartilhamento dessas informações falsas são a união entre texto e imagem, frequentemente sem relação direta, mas unidas com o fim de confundir por meio da controvérsia, explorando tensionamentos e brechas de estruturas, identidades, relações para promover informações deliberadamente falsas, apelando ao contraditório para causar perturbações. Quanto ao objetivo final da pesquisa, de desenvolver um guia de combate à desinformação, resultados, por ora parciais, obtidos ao longo desta pesquisa, ainda em estágio inicial, indicam que contribuir com campanhas massivas contra a desinformação; investir em letramento digital; cobrar atuação efetiva das próprias plataformas digitais; fomentar o debate público sobre temas como saúde pública e vacinação; e responsabilizar agentes que disseminam o problema são algumas das formas com que se pode combater o processo de desinformação.

Palavras-chave: desinformação. *Fact-checking*. Covid-19. Divulgação científica. Jornalismo.



Divulgação científica, demarcacionismo e a disputa pela estabilização da verdade sobre a cloroquina na pandemia

Luciana Cavalcanti Alvarez¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Tendo como objeto de análise o conteúdo produzido e publicado pela Revista Questão de Ciência, revista eletrônica mantida pelo Instituto Questão de Ciência (IQC), esse trabalho propõe expor e discutir a forma como a controvérsia em torno da publicização da cloroquina na pandemia foi encarada por este ator e como ele se envolveu na controvérsia. O IQC é uma instituição privada e suprapartidária que, dentre outros projetos, tem apostado na produção de conteúdo sobre ciência através de mídias digitais. No entanto, apesar de que esse trabalho se aproxima da divulgação científica, o IQC recusa essa nomenclatura para se classificar como parte e representante, no Brasil, de um chamado “movimento cético”. Num cenário internacional mais amplo, de instituições que se identificam com essa atuação e propósito, o IQC se propõe a disseminar um “pensamento crítico e racional” e tem como slogan o mote “por políticas públicas baseadas em evidências”. Num primeiro momento, e tendo como embasamento a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour e a sugestão metodológica de acompanhamento de controvérsias científicas, analisei o conteúdo da Revista Questão de Ciência a respeito de terapias alternativas e complementares e de práticas do campo esotérico, tema privilegiado pelo IQC justamente em razão de sua motivação de disseminar o ceticismo. A partir disso, essa opção metodológica me conduziu à controvérsia em torno do uso da cloroquina, tema que também foi amplamente abordado pelo IQC. A relação entre ambas as controvérsias, no discurso do instituto, se revela na utilização das categorias “pseudociência” e “anticiência” como estratégia de demarcação entre ciência e não-ciência, ou mesmo de pares como boa ciência e má ciência, racionalidade e irracionalidade. No início das discussões sobre o uso da cloroquina para o tratamento da covid-19, o IQC se preocupou em produzir conteúdo sobre a controvérsia que se instalava internacionalmente. A princípio, um texto foi publicado com o intuito de informar os leitores sobre os motivos da possibilidade de eficácia do remédio contra a doença, com ressalvas sobre a necessidade de mais estudos científicos e os perigos da automedicação. Mas, em pouco tempo, as publicações passaram a se preocupar, de um lado, com as características que identificaram como charlatanismo e/ou más práticas científicas

¹lucianacalvarez@gmail.com



por trás das pesquisas que apontavam a eficácia do medicamento. De outro, o IQC abordou o tema a partir de uma perspectiva da política, trazendo à discussão o papel da OMS na legitimação de terapias alternativas, complementares ou tradicionais, assim como a ideia de politização da droga, os interesses “populistas” do presidente Jair Bolsonaro na publicização da cloroquina e de outros atores que também passaram a defender o uso do remédio. Assim, a partir de dados retirados da revista sobre as controvérsias mencionadas – das terapias alternativas e complementares e da cloroquina – mostro que o demarcacionismo, próprio da ciência, aparece como estratégia de comunicação e de mobilização de afetos no sentido de estabilizar a verdade sobre a ineficácia tanto das terapias quanto da cloroquina contra a covid-19. Com isso, aponto que se o IQC se aproxima da divulgação científica ao produzir conteúdo informativo e didático sobre temas relacionados à ciência, por outro lado, revela-se, de fato, uma atuação política na demarcação entre científico e não-científico e a defesa da extensão dessa divisão à separação entre o espaço público e privado, e a manutenção da primazia da ciência no espaço público. Com isso, pretendo tensionar essa diferenciação entre divulgação científica e ceticismo para discutir o papel da comunicação sobre ciência e sua relação com a atuação política. Por fim, proponho uma reflexão sobre como essa forma de demarcação de fronteira serve para produzir o que o ator observado chamou de “politização” da droga enquanto algo que caracteriza a má ciência, ao passo que a boa ciência estaria desvincilhada de interesses e motivações políticas. Tensionando essa reflexão com o papel político que o IQC assume para si, proponho que a divisão entre o fazer científico e a comunicação científica, seja a divulgação científica ou a promoção do ceticismo, não é necessariamente tão definida e impermeável como pareceria.

Palavras-chave: Ceticismo. Divulgação científica. Cloroquina. Terapias alternativas. Pseudociência.



Ciência na imprensa: cobertura da Covid-19 na Folha de S.Paulo

Mariana Bochichi Hafiz¹

Sabine Righetti²

Universidade Estadual de Campinas

Estêvão Cabestre Gamba³

Universidade Federal de São Paulo

Sessão 8 | Quarta-Feira, 20 de outubro, 15h

RESUMO: Com o surgimento do novo coronavírus, Sars-Cov-2, em dezembro de 2019 e a descoberta da doença causada por ele, a Covid-19, em fevereiro de 2020, jornais nacionais do mundo inteiro passaram a se dedicar quase integralmente a informar o público sobre os desdobramentos da pandemia -- desde os primeiros casos às mais de quatro milhões de mortes mundiais (até setembro de 2021), as variantes do vírus, o desenvolvimento de vacinas e o avanço da vacinação. O papel da imprensa de comunicar temas científicos e de saúde pública são conhecidos há algumas décadas por pesquisadores de cultura científica (Nelkin, 1987; Ziman, 1984; Vogt, 2003; Bucchi e Mazzolini, 2003; CGEE, 2019). Mais recentemente, sabe-se que a comunicação científica é essencial para a manutenção de sociedades democráticas progressivamente mais construídas com base no conhecimento científico e na tecnologia (Davies e Horst, 2016), funcionando como elemento chave na construção da relação entre ciência e sociedade (Felt e Davies, 2021). Analisar a cobertura de assuntos científicos e de saúde pública na imprensa também é importante dado que 63% dos brasileiros confiam completamente ou parcialmente na imprensa (Toff *et al*, 2021). No contexto da pandemia, essa importância é ainda maior considerando que a imprensa, por meio de consórcio composto de seis veículos brasileiros, assumiu o papel de publicar os dados oficiais de óbitos e casos de covid-19 no Brasil em junho de 2020, após decisão do governo federal de cessar a publicação dessas informações. A partir desse cenário, este trabalho analisa quanti e qualitativamente os textos publicados sobre a pandemia no jornal Folha de S.Paulo - o maior jornal do país e integrante do consórcio de imprensa. A metodologia parte do levantamento de reportagens com o termo “Covid-19” no mecanismo de busca do site da Folha de

¹marihafiz@gmail.com

²sabine@unicamp.br

³estevao.cabestre@gmail.com

⁴A escolha de 21 a 27 de junho de 2020 para análise se deve a um conjunto de fatores: nesse período se completava quatro meses desde o primeiro caso conhecido no país, atingiu-se 50 mil casos confirmados de Covid-19 e foi anunciado o início da produção da vacina da AstraZeneca/Oxford no Brasil. Além disso, já existia há mais de uma semana o consórcio da imprensa e a quantidade de estudos publicados por hora no mundo sobre Covid-19 era alta (Righetti e Gamba, 2020).



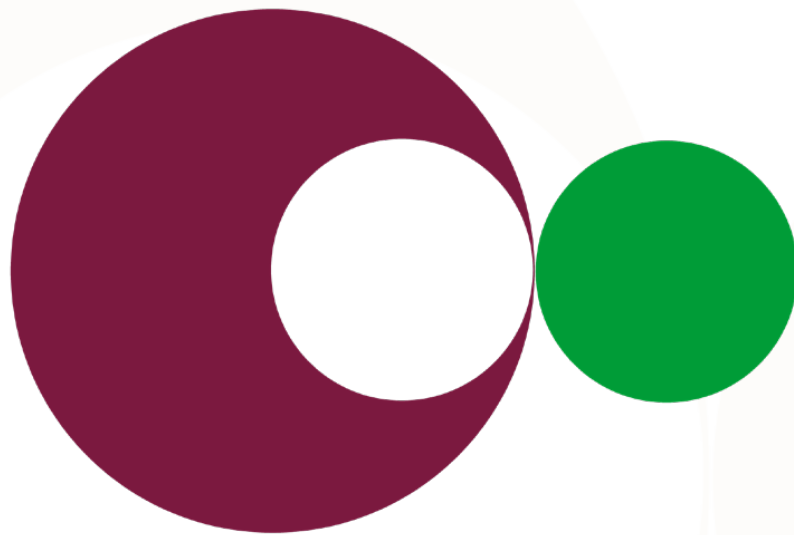
S.Paulo, em qualquer seção do jornal, em uma semana específica amostral (de 21 a 27 de junho de 2020)⁴. Dos 269 resultados, foram excluídos, mediante análise qualitativa, 24 textos que mencionam “Covid-19”, mas não tratavam da pandemia. Portanto, a análise considerou todas as 245 publicações sobre Covid-19 na Folha de S.Paulo, que incluem reportagens, artigos de opinião e colunas. De maneira específica, este trabalho busca compreender como a pandemia foi tratada pelo veículo nos 245 textos encontrados, analisando as fontes ouvidas nas reportagens (bem como suas instituições) e a distribuição das notícias em editorias do jornal. Com o intuito de sistematizar a análise, o trabalho também criou seis categorias informativas para os textos encontrados: i) Ciência e novas pesquisas sobre Covid-19; ii) Cobertura internacional da pandemia; iii) Crise política nacional (local e federal), iv) Impactos da pandemia (na economia, educação etc); v) Dados sobre a pandemia e vi) História de pessoas (casos e mortes). A hipótese era de que 10% dos conteúdos tratassem essencialmente de Ciência e novas pesquisas sobre Covid-19 em diferentes editorias. O estudo mostrou que 11,4% dos textos analisados (28) eram especificamente sobre ciência - confirmando a nossa hipótese. A maioria (21) está publicada na editoria de Equilíbrio e Saúde, mas outros aparecem em Colunas, Esporte, Opinião e Podcasts -- o que reforça teoria anterior de que conteúdo científico está presente em todo o veículo de imprensa - e não apenas em editorias científicas (Vogt *et al*, 2011). Sobre as fontes, viu-se que foram entrevistadas 59 fontes “científicas” em todas as reportagens analisadas, dentre as quais estão professores universitários, cientistas, médicos e representantes de sociedades científicas e de saúde. A maioria (44) é homem, enquanto 15 são mulheres. Igualmente 44 são os brasileiros ouvidos pela redação, enquanto as fontes estrangeiras somam 15 pessoas de 7 nacionalidades diferentes, com destaque aos estadunidenses, que são maioria desses (7). Essas fontes representam, ao todo, 40 instituições diferentes de pesquisa e saúde - 28 são brasileiras, sendo que USP e FGV foram igualmente as mais mencionadas (seis vezes cada) e a Unicamp em seguida, mencionada três vezes. Como próxima etapa da pesquisa em andamento, a proposta é comparar os resultados obtidos na Folha de S.Paulo com o jornal New York Times (NYT), dos Estados Unidos. Indo além, a ideia é dialogar os resultados com uma análise da produção científica nacional sobre Covid-19 em andamento, sob mesma orientação da profa. Dra Sabine Righetti, também submetida a este EDICC com o título “Produção científica nacional sobre Covid-19: uma análise de dados”. Quanto mais entendermos como a ciência é produzida e circula socialmente pela imprensa, melhor conseguiremos definir estratégias para o amadurecimento da nossa cultura científica.

Palavras-chave: Jornalismo Científico. Covid-19. Divulgação Científica.



EDICC 8
CONTROVÉRSIAS

8º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura
19 - 21 de outubro de 2021
Universidade Estadual de Campinas



SESSÃO 9

QUINTA-FEIRA, 21 DE OUTUBRO, 8h



Utilizando tirinhas para divulgar conteúdos científicos sobre materiais vítreos nas redes sociais

Adriana Y. Iwata¹
Ana C.M. Rodrigues²
Karina O. Lupetti³
Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: A divulgação científica engloba toda iniciativa que tem como objetivo informar ao público em geral sobre assuntos relacionados à ciência, utilizando de uma linguagem clara e precisa para que a comunicação e a informação científica sejam eficientes com o público desejado. Há vários recursos que podem ser utilizados para divulgar ciência, que vão desde a veiculação de notícias sobre pesquisas científicas na mídia (TVs, jornais, revistas, internet); como também por meio de atividades como exposições em museus, feiras de ciências, teatro, etc. As Histórias em Quadrinhos (HQs) podem ser utilizadas para divulgar conteúdos científicos por meio da combinação de ilustração e texto, informando aos leitores sobre a ciência de uma forma descontraída. Com isso, elas podem contribuir para informar a diferentes públicos a respeito de pesquisas acadêmicas, curiosidades, explicação de conceitos e fenômenos científicos, dentre outros tópicos de interesse. Atualmente percebemos que as mídias digitais (blogs, redes sociais, etc.) têm sido frequentemente utilizadas como forma de divulgar o conhecimento científico. Com isso, o projeto “Tirinhas de Vidro”, que integra as iniciativas de divulgação científica desenvolvidas pelo Centro de Pesquisa, Educação e Inovação em Vidros – CeRTEV tem como objetivo utilizar a linguagem das histórias em quadrinhos, em especial o formato de tirinhas – HQs mais curtas – para divulgar a ciência dos materiais vítreos, e utilizar as mídias digitais para publicar o conteúdo das tirinhas e posteriormente realizar uma análise sobre o alcance nessas diferentes plataformas. Foram produzidas para o projeto 40 tirinhas, das quais foram desenhadas com antecedência de duas semanas à publicação online, para realização da revisão/consultoria científica. As tirinhas começaram a ser publicadas semanalmente, em dezembro de 2020, e estão disponíveis para leitura em um blog próprio (<https://tirinhasdevidro.wordpress.com/>) e nas redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram). Os temas científicos das tirinhas apresentaram, no geral, conteúdos relacionados aos vidros, abordando pesquisas, histórico, aplicações, e apresentados em formato de curiosidades. Na segunda parte do projeto também

¹adrianaiwata@gmail.com.

²acmr@ufscar.br.

³karinalupetti@ufscar.br.



foram incluídos temas referentes à Covid-19, devido à relevância e importância do tema no contexto atual. Nesse caso, a temática de vidros foi inserida em aplicações relacionadas com o contexto da pandemia, por exemplo, a utilização do vidro em recipientes de vacinas e como protetores em estabelecimentos comerciais, para diminuir o contato físico entre as pessoas. Em algumas das tirinhas foram ilustradas situações dos personagens durante a pandemia, como em aulas remotas ou home-office. Foi realizada a análise do alcance e engajamento em três redes sociais, o que mostrou diferentes perfis de público que acompanham as tirinhas. As redes sociais apresentam alguns recursos que permitem uma interação do público com a postagem, e que são importantes enquanto analisamos o engajamento. Tais recursos apresentam algumas ações como o botão de “curtir” (like), compartilhar ou comentar na postagem, e que estão relacionados com a reação do usuário a respeito do conteúdo apresentado na rede social, seja este por meio de imagens, textos ou diagramas. Essa reação do usuário nos mostra, por exemplo, se ele gostou da postagem (por meio do curtir), ou se ele a considera interessante para que outras pessoas também vejam (compartilhar a postagem). Para o Facebook, notou-se que pela análise dos valores de alcance/engajamento, o público que acompanha as tirinhas é mais seletivo, ou seja, eles só irão compartilhar ou clicar nos botões de curtir ou de reações (gostei, amei, uau) se ele gostar ou se o conteúdo despertar alguma reação, por exemplo, se é engraçado, desperta surpresa ou interesse. Já para o Instagram, verificou-se que os números de alcance e impressões permaneceram numa média estável para a maioria das postagens, indicando que boa parte dos seguidores regularmente acompanha as publicações das tirinhas. Também foi a rede social que possuiu maior engajamento, com uma taxa de 3,14%. Por fim, o Twitter apresentou-se como a rede social que obteve o menor número médio de curtidas, o que pode estar relacionado com o perfil deste público, ou seja, eles preferem apenas “ver” a postagem e não interagir com ela “curtindo” a postagem. Porém, ao comparar os números de impressões com o número de alcance obtidos no Facebook, o Twitter possui um número mais alto, o que significa que a ferramenta “*retweet*” (compartilhar) parece ser mais efetiva em alcançar mais pessoas do que no Facebook. Conclui-se que as HQs são uma ferramenta em potencial para a comunicação da ciência com o público, apresentando a informação científica de uma forma leve e descontraída. As redes sociais são uma alternativa interessante para divulgação do conteúdo científico, porém é importante entender as características de cada uma e o perfil do público para que a divulgação seja realizada de forma efetiva.

Palavras-chave: Tirinhas. Jornalismo científico. Vidros. Redes Sociais.



Divulgação científica sobre a colonização de Marte: engajamento pelas redes sociais

Giovanna Oliveira de Lima¹
Karina Omuro Lupetti²
Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: O objetivo deste trabalho de iniciação científica júnior foi desenvolver materiais de divulgação científica para publicações na rede social Instagram® sobre a colonização em Marte e outras curiosidades astronômicas pesquisadas no site da NASA (www.nasa.gov). Após a pesquisa e seleção dos conteúdos publicados, realizou-se o acompanhamento para verificar o engajamento do público durante o período das postagens. Apesar de existirem vários perfis sobre Astronomia no Instagram®, observou-se que não existia um específico para divulgar o tópico da colonização em Marte, principalmente por uma jovem aluna de ensino médio, entusiasta e iniciando a pesquisa em divulgação científica. Todo o processo de divulgação científica junto ao avanço tecnológico traz às pessoas o poder de se auto educar, buscar o conhecimento de áreas que jamais achou que poderia dominar. O processo de divulgação científica tem o grande papel de quebrar esses paradigmas de que a ciência não é para todos, e desenvolver métodos para poder transmitir os conteúdos de forma acessível e compreensível para a população. A grande carência do saber de astronomia no ensino, acaba tornando os recursos digitais na divulgação científica uma ferramenta no processo de alfabetização científica, que de forma dinâmica, simples e eficaz chama a atenção da população e por meio da interação promove a construção do conhecimento. O Instagram®, por exemplo, é a segunda rede social mais utilizada pelos brasileiros, com grande potencial de transposição de conteúdo de forma rápida, simples e objetiva, para as mais diversas faixas etárias. Informações astronômicas sempre despertam muito interesse científico mas também interesse na ficção científica como é o caso da habitação humana permanente, em um corpo planetário que não seja a Terra. Assim, Marte entra em foco, sendo o quarto planeta a partir do Sol, o segundo menor do Sistema Solar, muitas vezes denominado de ‘Planeta Vermelho’, isso porque o óxido de ferro predominante em sua superfície lhe dá uma aparência avermelhada, um planeta rochoso com atmosfera 100 vezes mais fina que a da Terra, possuindo vulcões, vales e desertos. Contudo tem grande potencial de abrigar a vida orgânica e a colonização humana, por ter muitos indícios da presença de água, e ser um planeta

¹giovanna.oliveira.fghij@gmail.com

²karinalupetti@ufscar.br



“próximo” à Terra. Para a divulgação científica de astronomia foi criado um perfil denominado Jovem Astrônoma no Instagram®, após uma preferência pessoal por essa rede social, além de dados já obtidos de engajamento em outros projetos de pesquisa em divulgação científica em andamento no Núcleo Ouroboros de Divulgação Científica. Os conteúdos foram pesquisados principalmente no site da NASA, resumidos e traduzidos para o português. Além de informações científicas, divulgações gerais de filmes e séries sobre Marte também foram compartilhadas em postagens no perfil. O conteúdo foi pesquisado e verificado quanto à correção científica e gramatical antes de ser publicado. A ferramenta CANVA foi utilizada para a criação das postagens e as fotos escolhidas da internet, sempre citando a fonte original. Alguns vídeos também foram postados dentre as 25 publicações realizadas ao longo de 3 meses. Optou-se por mudar a conta do Instagram® para o perfil profissional, assim foi possível acompanhar o engajamento utilizando as ferramentas de métricas oferecidas pelo site. Selecionou-se como interesse: site de ciência. Observou-se um aumento no engajamento de 628% no público do perfil. As publicações tinham periodicidade semanal no início e depois, optou-se por fazer 3 postagens por semana, observando-se maior interação com mais conteúdos disponibilizados. Pesquisou-se o melhor horário das postagens, sendo pela manhã às 10h e de noite às 19h e formato de vídeo ou texto para o engajamento das pessoas durante esse período. Observou-se que o período noturno apresentou 53% a mais de interações, bem como as publicações em formato de vídeo. Notou-se grande aumento de visualizações na utilização do Reels, onde são postados somente vídeos. Em uma única postagem, foram 4.464 visualizações, 204 curtidas e 307 interações com o conteúdo. Contabilizou-se 26 salvamentos, 7 compartilhamentos e 8 comentários em um período de 24 horas. A conta de perfil obteve em 3 meses: 10563 impressões e 9646 contas alcançadas, sendo 152 seguidores e 9494 não seguidores. Foram realizadas 93 visitas ao perfil, sendo 98,1% do Brasil e 0,6% de países como Jamaica, Estados Unidos e Honduras. Conclui-se que a interação e divulgação científica de Astronomia em via redes sociais como Instagram® apesar de já ser bastante exploradas, com perfis de centenas de milhares de seguidores, ainda permite uma expansão para novos perfis que dialogam com o público jovem, promovendo a pesquisa em divulgação científica e a alfabetização cultural e científica dos produtores de conteúdo e do público espontâneo.

Palavras-chave: Engajamento. Redes sociais. Iniciação científica júnior. Astronomia



Avaliação do Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico (Mídia Ciência)

Helena Ansani Nogueira¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: O presente trabalho busca avaliar o Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico (Mídia Ciência), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pioneiro na área, que tem como finalidade financiar projetos de divulgação científica e incentivar à capacitação de bolsistas para atuação na área de jornalismo científico. O programa foi criado em outubro de 1999 e já financiou 226 bolsas no país (FAPESP, 2021), portanto possui dados expressivos para ser o objeto de estudo deste trabalho. A cultura de comunicação ainda não é praticada pela universidade brasileira, com raras exceções e não existe um planejamento estratégico para estas ações, que ficando em segundo plano carecem de investimentos em recursos humanos e materiais. No caso dos recursos humanos, a ausência de investimentos específicos para a área de jornalismo científico na universidade, faz com que as equipes trabalhem em colaboração com docentes ou estagiários (Bueno, 2013). Os docentes têm uma sobrecarga de trabalho conciliando as atribuições que seriam do profissional de comunicação com as outras atividades e no caso dos estagiários a falta de formação específica reflete na qualidade do trabalho. Neste sentido há inúmeras controvérsias que permeiam discussões sobre a valorização da formação dos profissionais de jornalismo científico, o papel desse profissional e também o apoio para desenvolvimento de projetos nesta área. O presente trabalho tem como objetivo principal avaliar a dimensão de capacitação do Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico (Mídia Ciência) desde sua criação até março de 2020, e objetivos específicos, como: reconstituir o histórico do programa, características e objetivos; descrever o perfil dos bolsistas e mapear sua inserção profissional atual; avaliar a percepção do supervisor científico sobre o programa; contribuir para o aprimoramento e/ou adequação do Programa Mídia Ciência; conscientizar os cientistas e a sociedade em geral sobre a importância da divulgação científica. Considerando que ainda há uma lacuna de formação de profissionais em jornalismo científico, a avaliação desse programa é necessária para o auxílio no aprimoramento do programa, de acordo com as demandas atuais e apoio nas futuras tomadas de decisão. A avaliação de programas de pesquisa

¹leansani@gmail.com



também é necessária para que sejam conhecidos os resultados dos investimentos financeiros desses projetos e seus impactos para a sociedade. A Metodologia GEOPI foi escolhida por apresentar algumas características: aspecto multidimensional dos impactos da C,T&I, maior flexibilidade na elaboração de questões, considerar os protagonistas na avaliação e, além disso, também, já foi utilizada para avaliar muitos programas da FAPESP, dentre eles podemos citar: Programa Jovem Pesquisador em Centros Emergentes, Programa de Propriedade Intelectual e Programa Biota (Castro, 2011). Avaliações vêm sendo aplicadas no mundo todo por diversas instituições e empresas para legitimação do gasto público, para aprimoramento dos programas e suporte para futuras decisões (Arruda, 2008). Devido ao impacto das pesquisas se desdobrar em inúmeras dimensões (econômico, ambiental, social, etc) é necessário o aprimoramento de metodologias com abordagens multidimensionais, no caso da metodologia GEOPI, que vem sendo desenvolvida pela GEOPI/DPCT/Unicamp, além de atender a complexidade dos impactos da C&T em Rede, também valoriza o processo de aprendizagem, pois inclui os protagonistas na avaliação (Castro, 2011). Essa metodologia utiliza métodos e métricas quantitativos e qualitativos e pode ser dividida em dois momentos distintos: Método de Decomposição (MD) e Método de Adicionalidade Associado à Atribuição de Causalidade (MAAAC). Na primeira etapa (MD) será realizado um estudo aprofundado do Programa Mídia Ciência, através de análise dos objetivos e características do programa. Também será feita a reconstituição do histórico do Programa, através de buscas de jornais, revistas e documentos pertinentes do ano de 1999 e também serão entrevistados quatro grupos de atores (idealizadores, coordenadores, supervisores e bolsistas) considerados importantes para avaliação do programa. A partir deste primeiro estudo estabelecido a definição das dimensões e a elaboração de uma lista de indicadores, que após serem validados serão utilizados para a confecção de questionários. Após a confecção será aplicado um Pré-teste dos questionários. Na segunda etapa (MAAAC) será feita a adequação dos questionários e sua aplicação. Espera-se que este trabalho possa contribuir com a reconstituição do histórico do Programa Mídia Ciência, e que os atores envolvidos contribuam respondendo os questionários para melhor avaliação do programa. Através da análise de dados pretende-se: avaliar a percepção do supervisor científico sobre o programa, analisar o perfil dos bolsistas, mapeando a inserção profissional dos mesmos. Após a análise de dados, discussão e conclusão espera-se que este trabalho possa contribuir para a visibilidade, valorização e aprimoramento do Programa Mídia Ciência.

Palavras-chave: Divulgação científica. FAPESP. Jornalismo científico. Metodologia GEOPI.



Divulgação científica na escola: a classificação dos seres vivos por meio do PIBID Ciências

Veridiana Moura Bitencourt¹

Daniela Vicente Mendes²

Felipe Almeida Lucio³

Luana de Lima Maciel⁴

Rafael Simão da Silva⁵

Vitor Amorim⁶

Rui Manoel de Bastos Vieira⁷

Universidade Federal de São Paulo

RESUMO: Considerando o ensino como uma ferramenta fundamental de formação para a sociedade, e a divulgação científica como um fator imprescindível para popularizar as ciências em todas as esferas, os Licenciandos em Ciências participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), campus Diadema, elaboraram, durante o período de distanciamento social ocasionado pela pandemia do coronavírus, materiais de Divulgação Científica para uma instituição de Educação Básica, da cidade de São Caetano do Sul-SP, de forma a cumprir o currículo programático municipal e promover a interação por parte discente, por meio dos recursos digitais requeridos no contexto pandêmico. Este trabalho almeja detalhar o processo de produção de um vídeo que aborda de forma dinâmica a classificação dos seres vivos, apresentar a concepção do recurso audiovisual e descrever como essa proposta foi desenvolvida com crianças do 7º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Concomitantemente ao processo de ensino e de divulgação de como é realizada da classificação científica dos seres vivos, percebe-se a necessidade de construir uma maneira de apresentar o conteúdo que alcance a todos e consiga elucidar o tema. Devido a dificuldade de formular uma atividade presencial que pudesse contemplar os estudantes na pandemia do Covid-19, os vídeos de divulgação científica tornaram-se base para que o PIBID desenvolvesse as suas atividades. Os bolsistas e voluntários do PIBID Ciências, que antes

¹veridiana.bitencourt@unifesp.br

²daniela.vicente@unifesp.br

³lucio.felipe@unifesp.br

⁴luana.maciел@unifesp.br

⁵rafael.simaо@unifesp.br

⁶vitor.amorim@unifesp.br

⁷rui.vieira@unifesp.br



da pandemia do coronavírus elaboravam experimentos lúdicos e acessíveis para as escolas, tiveram como alternativa produzir vídeos sobre assuntos científicos, realizando experimentos com materiais de baixo custo, nos quais os discentes das escolas pudessem reproduzir em suas casas. As iniciativas de vídeos de divulgação científica vêm se apresentando como boas ferramentas para o processo de ensino, sobretudo, a alfabetização científica. Todos os vídeos produzidos pelos participantes do programa buscavam abordar uma habilidade importante da alfabetização científica: a possibilidade de conhecer os principais conceitos, hipóteses e teorias científicas, e ter o domínio de aplicá-los no dia-a-dia. Portanto, é essencial que o aluno desenvolva a habilidade de falar sobre as ciências, e perceba as implicações das teorias científicas. Da mesma forma, ao produzir um vídeo de divulgação científica, os licenciandos promovem a interação entre os alunos da escola e o professor. No processo de interação social, de acordo com Vygotsky, o docente torna-se o parceiro mais capaz para demonstrar o que se deve observar, apresentando às crianças os modelos teóricos que sustentam o que se é observado. Sendo assim, os participantes do PIBID Ciências tornaram-se o agente do processo, permitindo a construção dessa interação, por meio da elaboração dos vídeos. Para a produção do material que aborda a classificação dos seres vivos, analisaram-se os objetos de conhecimento e aprendizagem que estavam sendo discutidos pelos alunos do professor supervisor do programa, no período de junho a julho de 2021. Ao escolher o assunto “classificação e evolução dos seres vivos”, criou-se um roteiro para um vídeo, pensando, principalmente, na linguagem adequada para o público alvo. Objetivando-se apresentar os três domínios dos seres vivos, de forma aprazível, utilizaram-se muitas imagens ao longo da produção do recurso audiovisual (que teve duração de quatro minutos), para representar os organismos de cada grupo, auxiliando os alunos na identificação desses seres no cotidiano. O vídeo expôs breves descrições sobre os diferentes reinos, apresentando as suas características. A aplicação do material para os alunos aconteceu de forma síncrona, na aula on-line, no dia 24 de junho de 2021. O encontro ocorreu na plataforma Google Meet, e contou com a participação de 30 pessoas (incluindo os licenciandos, o professor supervisor, e os alunos da escola). No vídeo, os discentes do PIBID, após a apresentação da mídia, perguntaram aos alunos em qual reino alguns organismos pertenciam. Na discussão, foi interessante analisar as respostas dos estudantes. Por exemplo, ao perguntar qual era o reino das “algas”, muitos alunos acharam que era Plantae. A interação no chat foi ativa, com várias perguntas dos estudantes. O vídeo teve o propósito de difundir as informações sobre a classificação dos seres vivos, e pode ser assistido pelas famílias das crianças. Contudo, o material produzido também foi pensado para ser adotado em ambiente educacional. Percebe-se como a produção do vídeo de divulgação científica contribuiu para a formação do pensamento dos alunos no processo educativo, e para a difusão das ciências.

Palavras-chave: Divulgação Científica na Educação. Ciências. Vídeo.



Tiras Óptica

Moisés Willian de Almeida¹
Yohan Szuszko Soares²
Marcelo Jean Machado³
Marcelo Prado Cionek⁴
Universidade Federal do Paraná

RESUMO: O conhecimento a respeito da História da Ciência (HC) é algo essencial, apesar de pouco explorado, nos estudos da ciência em si, pois contextualiza o desenvolvimento das ideias e por consequência, contextualiza ao conhecimento científico como um todo. Isto possibilita entender que este conhecimento não é feito apenas pelos grandes gênios da humanidade e sim por um processo contínuo de desenvolvimento, realizado por toda uma comunidade de cientistas, e assim humanizando a ciência. Entretanto, há uma escassez enorme em materiais que tratem diretamente da HC, dificultando seu uso em sala de aula, pois demanda muito tempo para encontrar o material necessário e acaba não compensando para o professor que já possui uma grande carga horária para elaborar aulas em diversas turmas. Além disso, o isolamento causado pela pandemia no início de 2020 tornou o interesse por uma leitura menos extensa em algo mais atrativo; publicações cujo objetivo é entreter com humor, os chamados ‘memes’, são bem mais interessantes que uma publicação informativa composta de textos extensos. Portanto, divulgar ciência num formato semelhante a estas publicações poderiam também chamar atenção e ensinar simultaneamente. Uma realidade que perdura até os dias de hoje, são alunos menos motivados e interessados nos conteúdos. Trazer de volta algum interesse ou motivação aos alunos é uma luta incessante por parte dos professores. E tal realidade trouxe ao ensino diversas adversidades. Dado essa nova realidade no contexto educacional, visamos a divulgação da ciência, mais especificamente a história da óptica, por ser uma das áreas de pesquisa do projeto de extensão vinculado a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e à instituição financiadora *The Optical Society* (OSA), o UFPR OSA Student Chapter. Optamos por realizar esta divulgação através das Tiras Ópticas, onde contamos o desenvolvimento de conceitos da óptica juntamente com os filósofos, cientistas de

¹moiseswillian@ufpr.br

²yohan.szuszko@ufpr.br

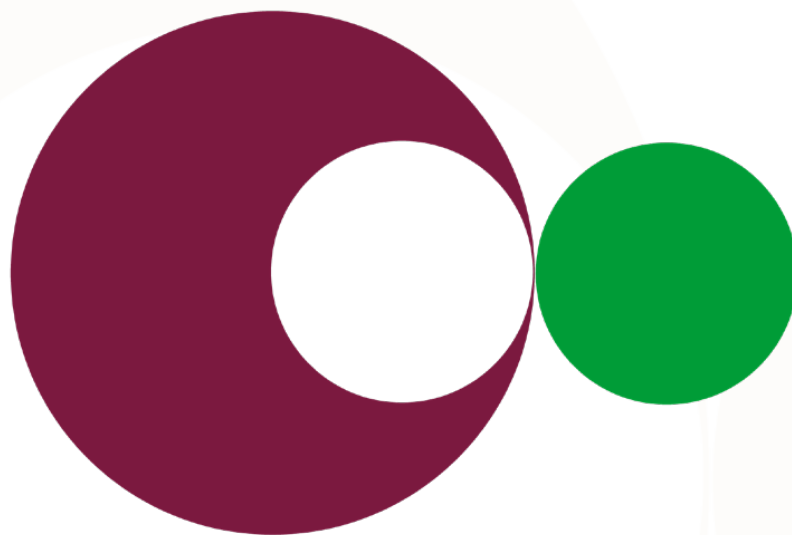
³marcelomachado@ufpr.br

⁴marcelo.cionek@ufpr.br



cada época, que elaboravam teorias para explicar os fenômenos naturais ao seu redor. Estas tiras ópticas possuem um apelo visual para se tornar um material mais atrativo ao aluno, se adequando as novas demandas da população em geral. Encontrar material para a construção deste projeto não é uma tarefa trivial, pois além de ser escasso, existem algumas divergências entre historiadores sobre alguns acontecimentos e conceitos que os filósofos propunham, sendo então necessário uma pesquisa mais detalhada em busca de referenciais teóricos que possam sanar possíveis pontos (erros) históricos. A construção de cada tira ocorre da seguinte forma: a ilustração dos conceitos e quem os pensou, de forma mais visual e simplificada de modo a atrair a atenção do leitor. Porém se faz necessário uma melhor contextualização, com mais detalhes de como se desenvolveu tal ideia. Esta etapa é feita em nosso site e na legenda de cada publicação nas redes sociais, em forma de textos mais extensos, justamente para quem deseja compreender melhor os percalços e razões que envolvem cada pensamento explorado em cada época. Dessa forma, a produção e divulgação das tiras ópticas se alinham com um dos principais objetivos do nosso projeto, a divulgação científica à toda a sociedade, desde pessoas que frequentam os meios acadêmicos e universitários à população de fora desses meios, para que haja um esclarecimento sobre o que é desenvolvido e como se desenrola o trabalho de um cientista. Assim, esperamos que nossos textos possam ajudar a sanar essa dificuldade, ao menos em parte, e seja útil a quem deseja usar como material didático, podendo contextualizar e servir, por exemplo, como um tipo de “guia” para as etapas a serem seguidas para a apresentar cada conteúdo em sala, ou ainda outras formas de se aplicar tal material no processo de ensino e aprendizagem, pois certamente será enriquecedor tanto ao professor quanto aos alunos. A quem se interessar pelo assunto e busca aprender sobre a História da Ciência, esperamos que nosso trabalho contribua o quanto for possível.

Palavras-chave: Óptica. História da Ciência. Projeto de Extensão.



SESSÃO 10

QUINTA-FEIRA, 21 DE OUTUBRO, 10h



Esqueceram de mim na pandemia: medicamentos e os líderes de opinião no contexto da covid-19

Nayara de Oliveira Souza¹

Daniel de Abreu Damasceno Junior²

João Vitor Soares Leite Lanzarini de Carvalho³

Amanda Anchieta do Carmo Ramos⁴

Fundação Oswaldo Cruz

Sessão 10 | Quinta-Feira, 21 de outubro, 10h

RESUMO: Na pandemia da Covid-19, diversas maneiras de combater o novo coronavírus têm sido desenvolvidas. Compostos e medicamentos antivirais foram reavaliados como possíveis alternativas até a chegada da vacina. Em 2020, a cloroquina ganhou visibilidade após o presidente Bolsonaro recomendar seu uso como prevenção e tratamento da Covid-19. Em 2021, os medicamentos em teste, Sotrovimab e Regn-CoV2, pareciam promissores e o Sotrovimab obteve aprovação para uso emergencial nos Estados Unidos da América (EUA) pela *Food and Drug Administration* (FDA). Já o Regn-CoV2 também permitiu seu uso no Brasil pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Além disso, esse medicamento foi divulgado pela mídia como “o medicamento que Trump usou”. Para investigar a influência de vozes de liderança política na difusão do uso de medicamentos durante a pandemia, dois vídeos veiculados no canal Band Jornalismo no *YouTube* foram selecionados no âmbito desta pesquisa. O conteúdo dos vídeos se remete a trechos de reportagens produzidas pelo telejornalismo. O canal funciona como repositório para reprise dos trechos mais importantes de reportagens e permite a interação da audiência entre si e com a matéria através dos comentários. O primeiro vídeo intitulado como “Hidroxicloroquina: Trump diz que está tomando o remédio para se prevenir da Covid-19”, com 47 segundos de duração e divulgado no dia 18 de maio de 2020, fala do uso da hidroxicloroquina pelo ex-presidente americano Donald Trump como medida profilática da Covid-19. O segundo vídeo intitulado “Anvisa autoriza uso emergencial de remédio contra Covid-19”, com duração de 44 segundos e publicado no dia 21 de abril de 2021, aborda a autorização da ANVISA para o uso emergencial do coquetel Regn-CoV2 para tratamento da Covid-19, embora o vídeo não cite o nome desse coquetel. O *corpus* deste estudo foi formado por 40 comentários dos dois primeiros meses após publicação para que pudessem ter maior relação com o período e contexto delas, sendo 20 de cada vídeo. Para extrair a percepção pública sobre cada vídeo acerca desses medicamentos e compreender os efeitos políticos expressos nos comentários,

¹nayaradeoliveirasouza@gmail.com

²danjunior.work@gmail.com

³jvlanzarini@gmail.com

⁴amandaacarmo5@gmail.com



utilizamos a análise de Kouper (2010) e a análise de conteúdo de Bardin (2016). Os comentários foram analisados nas classificações propostas por Kouper (2010), sendo: contribuição para o tópico, desvio do tópico, expressões de atitudes e emoções, e tentativas de influenciar as ações dos outros. Posteriormente, na análise de conteúdo de Bardin (2016), exploramos o material no *Iramuteq* e interpretamos os resultados. Três categorias emergiram: Medicamento, Vacina e Política. A categoria Medicamentos apresentou comentários positivos e negativos sobre os medicamentos em questão. Dos 40 comentários coletados nos dois vídeos, 22 falam sobre os medicamentos. Na subcategoria “positiva” os comentários apresentaram justificativas que permeiam desde a satisfação de um novo tratamento para a Covid-19, que é o caso do Regn-CoV2, assim como o uso da HCQ em oposição à fala da mídia que o contraindica. Nos comentários que ressaltam aspectos negativos dos medicamentos noticiados é possível identificar marcadores ligados à ideologia no sentido de apresentarem informações quanto à influência midiática sobre o uso dos medicamentos. Tal argumentação é similar ao caso Fosfoetanolamina, a “Pílula do Câncer”, que vinha sendo divulgada, mas não havia passado pelas fases clínicas de testes em pessoas, essencial para a comercialização e distribuição, repercutindo até alcançar o STF na decisão da liberação do medicamento (FERREIRA et al., 2017). Nos comentários de cunho político foram observadas duas subcategorias, ideologia e geopolítica. As discussões alinharam-se com os pressupostos de Bourdieu (1983, uma vez que as disputas político-ideológicas no campo científico durante a atual pandemia evidenciaram-se por meio dos negacionistas e os que defendem a ciência, no ambiente dos comentários dos vídeos analisados, sobretudo nos ligados à HCQ. Os comentários incluídos na categoria Vacina refletiram a preocupação da sociedade quanto à eficácia do imunizante, totalizando quatro comentários, sendo do tipo “desvio do tópico”. Os comentários dialogam apenas com desinformações sobre as vacinas e capacidade de imunização e prevenção contra o coronavírus (MONTEIRO, 2021). Massarani *et al.* (2021) apontam que dentre as desinformações que rodeiam as vacinas produzidas, a CoronaVac é a mais citada (23,1%), seguida pela Oxford/Astrazeneca (15,0%), de acordo com um estudo que objetivou compreender os modos como a infodemia afeta o debate público sobre vacinação. Já o medicamento Sotrovimab teve aprovação para uso emergencial nos EUA pela FDA (FDA, 2020), entretanto o Regn-CoV2 foi uma das medidas utilizadas para o tratamento do ex-presidente Donald Trump (TANNE, 2020). A justificativa para validar o uso do Regn-CoV2 no Brasil foi a necessidade do telespectador considerar o que o presidente dos americano utilizou. Os medicamentos foram divulgados na mídia e Donald Trump e Jair Bolsonaro representaram líderes de opinião pelo modelo *two step flow*, onde a influência deles impactou a repercussão dos medicamentos no ambiente dos comentários dos vídeos no *Youtube*.

Palavras-chave: Comunicação. Medicamentos. Covid-19. Política.



O uso de Hidroxicloroquina e Cloroquina para a prevenção e tratamento do coronavírus: a controvérsia científica que marcou a primeira pandemia do século XXI no Brasil

Bárbara Fernandes Silva¹
Universidade Estadual de Campinas

Sessão 10 | Quinta-Feira, 21 de outubro, 10h

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise sobre a divulgação e uso da Hidroxicloroquina e Cloroquina como um método preventivo e de tratamento da doença ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2 durante a crise sanitária mundial que teve seu início em 2020. Serão abordados os primeiros estudos sobre a possível eficácia dos medicamentos; as evidências científicas que já nos primeiros meses da pandemia provavam a falta de benefícios para este tratamento e efeitos colaterais nocivos; o incentivo, principalmente de alguns políticos, dentre eles o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e posteriormente o presidente da república, Jair Bolsonaro, para sua utilização e possíveis motivações para este constante encorajamento de líderes mundiais sob uma aderência populacional ao medicamento; o impacto da infodemia, ou em outras palavras, o excesso de informações, neste caso, tendenciosas e/ou falsas que circularam as redes sociais e canais de comunicação ilegítimos propagando resultados, pesquisas e teorias da conspiração sobre os benefícios desses remédios para o processo de cura e cuidado preventivo contra a doença, promovendo um aumento no consumo dos medicamentos; e casos em que mesmo sem a devida autorização o tratamento foi realizado causando consequências graves, inclusive fatalidades, como a venda de “Kits Covid” em farmácias, a orientação do Ministério da Saúde para o uso da medicação como “tratamento precoce” em sites do ministério por um determinado tempo, e o exposto recentemente na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) pelo senador Humberto Costa (PT-SP) sobre a denúncia de 12 médicos da rede de hospitais Prevent Sênior que supostamente utilizaram cerca de 700 pacientes com a doença do COVID-19 para testar o “Kit Covid”. Com o intuito de efetuar esta análise serão realizadas pesquisas bibliográficas em reportagens de grandes veículos midiáticos, dentre eles a BBC, Folha de São Paulo, Grupo Globo, Estadão entre outros, e artigos, estudos e publicações acadêmicas entre os períodos de 2020 a 2021. De forma conjunta, o trabalho também irá incluir uma observação feita a partir da percepção pública de brasileiros sobre este tratamento em diferentes momentos da pandemia do

¹babifernandes233@gmail.com



Covid-19. Este estudo será feito através de uma pesquisa bibliográfica sendo reforçado com pesquisas quantitativas e qualitativas em busca de compreender mais a fundo a opinião pública sobre o ocorrido. Para isso será desenvolvido um “*survey*” através da plataforma *Google Forms*, este questionário se destinará a um grupo amostral amplo e variado com indivíduos de diferentes etnias, classes sociais, posições políticas, gênero e faixas etárias, todos acima de 18 anos. O formulário será divulgado em redes sociais (Whatsapp, Facebook, Twitter e Instagram) e e-mail, atentando-se ao objetivo de alcance de um grupo amostral diversificado para adquirir dados que demonstrem as diferenças encontradas na visão sobre o medicamento por indivíduos distintos, e assim, conseqüentemente, observar se alguns dos fatores característicos utilizados na pesquisa terão impacto nesta interpretação e perspectiva. Essas metodologias escolhidas intencionam uma apuração de dados antecedentes e em andamento durante o desenvolvimento do documento para obter uma visão mais abrangente e concreta sob o objeto de estudo. Assim, partindo de ambas as análises, será possível criar um artigo que interseccione a visão populacional sobre o medicamento durante as evoluções de pesquisas e acontecimentos marcantes, com a história desses tratamentos em si através de uma observação da “linha do tempo” em um contexto histórico que se inicia durante os primeiros meses da pandemia em 2020, até o final de 2021. Pretende-se então, ao final deste trabalho, conceder um documento que explicita a evolução do debate sobre esses medicamentos controversos que abriram espaço para discussões dentro e fora do meio de pesquisadores e profissionais qualificados da área de ciências biológicas, estendendo-se a políticos e a população em geral, conduzindo um comparativo sobre esta evolução com a forma na qual a visão populacional sobre o medicamento prosseguiu durante os diferentes períodos da pandemia.

Palavras-chave: Hidroxicloroquina. Cloroquina. Covid-19. Tratamento.



“Vacina contra a Covid-19 não é obrigatória”: o discurso antivacina do presidente Jair Bolsonaro no Facebook e a repercussão na imprensa

Girliani Martins da Silva¹

Clara da Cunha Barbato Veiga Coelho²

Maria da Penha Soares³

Roberta Soledade⁴

Universidade de São Paulo

Sessão 10 | Quinta-Feira, 21 de outubro, 10h

RESUMO: Diante do cenário pandêmico de forte impacto na saúde pública e na economia, ressurgiu a discussão sobre a obrigatoriedade das vacinas como política de saúde pública. O discurso negacionista do presidente brasileiro Jair Bolsonaro sobre a gravidade da doença e, posteriormente, sobre a eficácia e obrigatoriedade, visou descredibilizar a importância da vacinação, reforçando assim, os movimentos antivacinação e a desinformação sobre a Covid-19 (CHAIB, 2021). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a polarização nos discursos sobre a efetividade das vacinas contra a Covid-19, somadas à disseminação de notícias falsas, é um problema no enfrentamento à pandemia porque pode ampliar o número de casos e dificultar o combate ao vírus (ALLCOTT *et al.*, 2020). Jair Bolsonaro costuma utilizar as redes sociais para disseminar um discurso negacionista sobre a doença. De acordo com SNIRCEK (2018), as plataformas mudaram as formas atuais de interação. Em sua página oficial no *Facebook*, por exemplo, o líder de Estado possui mais de 14 milhões de seguidores. É viável ressaltar que, antes mesmo de ter sido eleito em 2018, já recorria às redes sociais como uma forma de se comunicar com seus seguidores e endossar posicionamentos, colocando-se como um líder populista contra o *establishment* (CESARINO, 2020). O populismo é um fenômeno político marcado pelo antielitismo contra uma oposição, seja ela econômica, cultural ou midiática, e pela ilusão de soberania popular (KRAMER, 2018). Neste contexto, este trabalho visa analisar como o discurso do presidente Jair Bolsonaro sobre a não-obrigatoriedade da vacina contra Covid-19 repercutiu em sua página no *Facebook* e em três *sites* de jornais: Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e Gazeta do Povo. A metodologia do artigo partiu, inicialmente, da busca e seleção de quatro postagens veiculadas na página oficial do presidente no *Facebook*, por ordem

¹girliani@usp.br

²claracbvcoelho@gmail.com

³pen0810@usp.br

⁴roberta.soledade@usp.br



cronológica, e que tivessem mais engajamento (curtidas, compartilhamentos e comentários), a partir de blocos de palavras-chave, entre elas, “vacina”, “vacina chinesa” e “vacina obrigatória”. Para a busca e seleção das postagens, utilizamos a ferramenta *CrowdTangle*, pertencente ao *Facebook*. Em relação à construção do objeto de análise, ela nos permitiu filtrar e identificar o período com maior número de interações e formas de engajamento. Após o monitoramento, as quatro publicações com o maior engajamento (curtidas, comentários e compartilhamentos) na página oficial do presidente Jair Bolsonaro no *Facebook* foram: 1) “Vacina não será obrigatória”; 2) “Vacina chinesa”; 3) “Vacina no Faisca” e 4) “Certificação da Anvisa”. As três primeiras foram postadas nos dias 18, 21 e 24 de outubro de 2020, respectivamente. Já a última postagem foi divulgada em 07 de dezembro de 2020. A justificativa pela utilização do *CrowdTangle* advém da possibilidade de oferecer buscas por diferentes tipos ou formatos de publicação presentes na interface da plataforma, e também porque faz a delimitação por período temporal do escopo de interações a serem investigadas. A opção pela exploração da repercussão das postagens nos *sites* dos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e Gazeta do Povo deu-se pela relevância que ocupam no cenário político nacional. Ao analisarmos as postagens de Jair Bolsonaro sobre a não-obrigatoriedade da vacina e as respectivas repercussões nesses três veículos de comunicação é perceptível as estratégias que, frente ao fato exposto, operam de forma fragmentária, utilizando o apagamento de informações e a não contraposição aos temas caros à sociedade, sobretudo, no momento pandêmico. Na maioria das vezes, a repercussão nos sites dos jornais analisados pouco contribui para o pensamento crítico frente aos fatos. Em suma, os jornais citados não pautam os efeitos sociais e no âmbito da saúde desta narrativa antivacinal. Além disso, ao produzirem matérias sobre as postagens, a Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo não realizam uma abordagem crítica. O conteúdo fixa basicamente em reproduzir o que foi divulgado na página oficial do presidente, algo que pode, inclusive, amplificar o alcance do discurso dele. Em contrapartida, a Gazeta do Povo, atendendo à uma linha editorial hiperpartidária, funde seus interesses comerciais (venda de assinaturas, por exemplo) com o viés político.

Palavras-chave: Discurso Antivacina. Covid-19. Jair Bolsonaro. *Facebook*. Imprensa.



Coronavírus - quando a divulgação científica ganha as manchetes: uma análise do jornalismo televisivo em tempo de pandemia

Rafael Martins Revadam¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo analisar as mudanças ocorridas na divulgação científica com a chegada do coronavírus, destinando sua análise às produções televisivas. Desde março de 2020, com a decretação de pandemia pela OMS (Organização Mundial da Saúde), o Brasil enfrentou mudanças no comportamento da sociedade, acompanhando padrões internacionais. Além da recomendada reclusão social e de práticas de higiene, houve também mudanças discursivas, vindas tanto de figuras políticas quanto dos meios de comunicação. Ao mesmo tempo em que os veículos passaram a investir mais na produção de notícias, principalmente científicas, as fontes acadêmicas encontraram maior espaço na mídia e começaram a lidar com a repercussão de se tornarem figuras públicas. E o que isso representa para a divulgação científica? Justificativa: Analisar o jornalismo é essencial para entendermos o trajeto das informações e a compreensão de seu público, seja ele leitor ou telespectador. Quando entra na esfera científica, o jornalismo se depara com informações cuja importância é essencial na construção democrática de um país. (OLIVEIRA, 2019). Já a escolha do meio televisivo como objeto de análise parte de duas linhas. A primeira é de que a TV e suas produções exercem um papel de documento, pois seus programas reproduzem características das épocas em que foram idealizados (ROMANO, 2001). O segundo fator é as dimensões do jornalismo científico no Brasil. A televisão é o meio de comunicação mais utilizado pela maioria dos brasileiros para se informarem sobre Ciência & Tecnologia (CGEE, 2015). Os objetivos do trabalho são: analisar as mudanças realizadas nos veículos de comunicação durante o período de pandemia; analisar quais os discursos utilizados pela mídia televisiva e seu impacto; e mensurar o espaço obtido pela divulgação científica nos jornais televisivos, de modo a possibilitar comparações com os períodos pré e pós-pandemia. A escolha dos veículos seguiu dois parâmetros. O primeiro é o fator audiência, ou seja, as emissoras que possuem o maior alcance de público. De acordo com o Painel Nacional de Televisão, realizado pelo Ibope em 2019, as três emissoras que têm maior audiência são: Rede Globo (1º lugar), Record (2º lugar) e SBT (3º lugar). Com este ranking, houve a seleção de um

¹rafaelrevadam@gmail.com



produto jornalístico de cada emissora: Jornal Nacional (Rede Globo), Domingo Espetacular (Record) e SBT Brasil (SBT). Já o segundo critério seguiu uma pesquisa qualitativa e quantitativa realizada em 2019, cujo objetivo era mensurar as matérias científicas exibidas no Jornal da Cultura, da TV Cultura, durante os meses de setembro e outubro daquele ano. Apesar da emissora não estar entre as mais assistidas pelos telespectadores (6º lugar, segundo o Ibope), entende-se que incluí-la no estudo permitirá comparações com o período pré-pandemia, visto que já existem dados anteriores à chegada do coronavírus. Idealizada com a jornalista Mariana Hafiz, esta pesquisa identificou, em linhas gerais, quantas matérias eram exibidas por programa, quantas eram científicas, quais as fontes utilizadas em cada reportagem, de quais instituições essas fontes eram, as temáticas abordadas e o tempo dedicado à ciência. No total, foram encontradas 126 notícias com conteúdo científico exibidas nas 51 edições analisadas do programa, uma média de 2,4 notícias por edição do jornal. A editoria mais abordada na época foi meio ambiente, com destaque às tragédias ocorridas nas cidades de Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais, e a maioria das fontes consultadas vieram do Governo Federal. A pesquisa também possibilitou uma comparação com as características de jornalismo científico apresentadas por Fabíola de Oliveira em sua obra *Jornalismo Científico*. Oliveira explica que o jornalismo científico brasileiro é essencialmente direcionado às coberturas internacionais e, quando trazido para o ambiente nacional, tem o Governo Federal como principal fonte de reportagens, questões que foram reproduzidas em 2019. Outro estudo-teste foi realizado em 2020, aproveitando o relançamento do programa Domingo Espetacular, da Record TV, que passou por uma mudança editorial no dia 12 de julho daquele ano. Na análise de seu programa de estreia, a abordagem sobre coronavírus foi limitada à divulgação dos números do Ministério da Saúde de infectados, mortos e recuperados da doença, o que durou exatos 37 segundos. Se compararmos com as demais matérias exibidas no dia, existe uma grande diferença de tempo, visto que a média de duração das reportagens do Domingo Espetacular é de, aproximadamente, 10 minutos. Ironicamente, a emissora exibiu mais a palavra coronavírus no intervalo comercial do que no próprio Domingo Espetacular, já que um dos anunciantes foi o desinfetante Casa e Cuidado, “eficaz contra o novo coronavírus”, segundo seu slogan. Esta pesquisa segue em fase de adaptação metodológica, com um novo estudo-teste a ser realizado para mensurar as reportagens do Jornal da Cultura entre os meses de setembro e outubro de 2020, o que possibilitará a primeira comparação sobre as mudanças no jornalismo científico nos períodos pré e pós-pandemia.

Palavras-chave: coronavírus. divulgação científica. televisão.



Controvérsia científica na mídia: a cobertura de TV e de jornais impressos sobre a “pílula do câncer”

Marcela Alvaro¹
Marina Ramalho e Silva²
Vanessa Brasil Carvalho³
Fundação Oswaldo Cruz

Sessão 10 | Quinta-Feira, 21 de outubro, 10h

RESUMO: No ano de 2015, o composto chamado fosfoetanolamina sintética ganhou manchetes nos noticiários nacionais como “A cura do câncer” ou “Pílula do câncer”. Grupos de defesa dos pacientes, familiares, juristas, governantes, cientistas e médicos passaram a debater sobre o uso da substância, anunciada por alguns como esperança para os pacientes com câncer, mesmo sem ter passado por testes clínicos nem contar com registro da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Este trabalho tem como objetivo mapear as principais características da cobertura jornalística de uma controvérsia científica, especificamente a fosfoetanolamina sintética, visando contribuir para estudos de mídia sobre a temática. Partimos do pressuposto de que coberturas que mostram uma ciência isenta de incertezas e de conflitos, portadora de verdades absolutas e carregada apenas de otimismo pode se desdobrar numa percepção pública da ciência equivocada. Para Fahnestock (1993), os textos científicos primam pela análise de eventos passados, buscando verificar a causa do acontecimento, enquanto os textos de jornalismo científico se caracterizam pelo destaque às circunstâncias e consequências da pesquisa e não costumam problematizar o trabalho científico. Stocking (2005) lembra que vários estudos já identificaram omissões nas informações científicas divulgadas na mídia, o que tende a colocar a pesquisa científica como conclusiva, sem mostrar seus possíveis desdobramentos ou incertezas, conferindo mais ‘certezas’ do que os artigos científicos em que se embasam. Por meio de uma análise de conteúdo quantitativa das matérias veiculadas em diferentes programas televisivos da Rede Globo, Record TV e Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), e de textos publicados nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Dia*, buscamos traçar um panorama das principais características da cobertura dessa controvérsia. A coleta de dados foi realizada pelas ferramentas de busca dos sites dos próprios diários (para *O Globo*, também foi realizada busca no site Acervo O Globo). Utilizamos as palavras-chave “pílula do câncer” e “fosfoetanolamina” para selecionar os textos (não apenas notícias). Para a análise televisiva selecionamos os vídeos das três emissoras de maior

¹marcelavalvaro@gmail.com

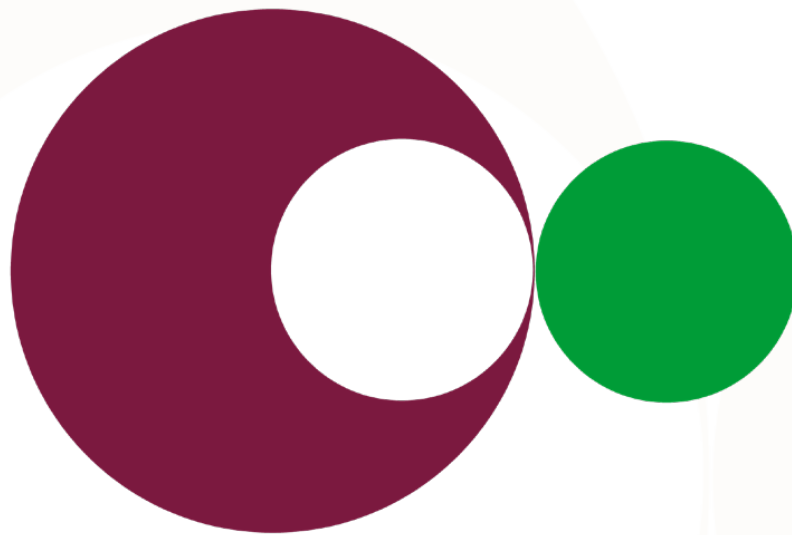
²marina.fiocruz@gmail.com

³vanessabrasilcarvalho@gmail.com



audiência no país: Rede Globo, Record TV e SBT. Também utilizaram-se as mesmas palavras-chave nas ferramentas de busca da plataforma Globo Play, para a Globo, e nos canais do Youtube dos programas das emissoras Record e SBT. Uma vez identificadas as matérias televisivas, e os textos jornalísticos, seguiu-se para o desenvolvimento do protocolo de análise de conteúdo, tomando como ponto de partida o protocolo desenvolvido por Ramalho e colaboradores (2012), dedicado à análise de notícias de ciência e tecnologia veiculadas por telejornais da Rede Ibero-americana de Monitoramento e Capacitação em Jornalismo Científico, realizando as devidas adaptações. Foram analisados 64 vídeos de 14 programas distintos das três emissoras, totalizando uma amostra de 5h e 12 minutos, além de 287 textos dos jornais selecionados (98 da *Folha de SP*, 133 do *Estado de SP*, 32 do *O Globo* e 24 do *O Dia*), cujo o foco era a FS. Os principais enfoques narrativos explorados pela mídia foram o político/jurídico - foco nas estratégias, ações ou deliberações políticas, pressões de grupos de interesse e batalhas judiciais -, e o científico - foco nos resultados de pesquisas clínicas, no funcionamento da substância no organismo, nas etapas de liberação de um medicamento, etc. Entretanto, a televisão aparenta abordar mais o drama dos pacientes (53,1% dos vídeos analisados) do que os jornais (18,8% dos textos), que dão preferência ao enfoque ético/moral (54,0% dos textos e 37,5% dos vídeos) - ética ou moralidade da distribuição da substância sem os testes necessários, ou de se impedir o acesso de pacientes a um tratamento alternativo. A respeito das fontes mencionadas – ou seja, aquelas usadas na construção do material e devidamente citadas –, observamos que houve pluralidade de fontes com as principais esferas envolvidas na polêmica sendo citadas: pacientes, médicos, cientistas e poder público. Contudo, pouco mais da metade das matérias televisivas (53,0%) tiveram como fonte os pacientes/familiares, enquanto os jornais recorreram mais aos membros do Poder Executivo (42,2%). Com relação à menção de argumentos contra e a favor do uso da fosfoetanolamina por pacientes com câncer, o mais frequente, tanto nos jornais quanto na televisão, foi a menção de ambos os argumentos (40,6% dos vídeos e 37,3% dos textos). Entretanto, ao mencionarem apenas um dos lados, os argumentos contrários predominaram, sendo mencionados em 31,2% das matérias televisivas e em 25,8% dos textos. Diferenças e similaridades emergem entre a cobertura da televisão e dos jornais: apesar de retratarem aspectos controversos do caso, as emissoras Record e SBT tomam a experiência e testemunho dos pacientes como ponto focal do caso, enquanto a Globo desloca os holofotes para o lado racional. Esse aspecto se assemelha mais à cobertura adotada pelos jornais, que se centraram nos desdobramentos políticos do caso, nas evidências científicas, e nos alertas dos médicos e associações médicas.

Palavras-chave: Controvérsia Científica. Fosfoetanolamina sintética. Mídia.



SESSÃO 11

QUINTA-FEIRA, 21 DE OUTUBRO, 13h



Análise da produção e recepção de um *podcast* sobre o Sistema Nervoso Central voltado à Alfabetização Científica de Jovens-Adultos

Thaís Amanda da Costa Pereira¹

Isabelle de Albuquerque Damasceno²

Ana Lis Cardim de Siqueira Borges Teixeira³

Américo de Araújo Pastor Junior⁴

Paula Alvarez de Abreu⁵

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Diversos assuntos acerca da saúde mental têm sido compartilhados, principalmente durante o momento pandêmico em questão. O uso de termos específicos para essa área, pode, por outro lado, causar a não compreensão. De acordo com HALL (2003), a comunicação é um processo marcado por complexidades em que produtores e receptores negociam os sentidos para isso mobilizando elementos das culturas em que estão situados. Portanto, não se trata meramente de ajustar uma determinada mensagem para o melhor entendimento de um certo público-alvo, mas da adoção de uma perspectiva dialógica que contemple a observação desses processos de negociação. Tendo em vista esse ponto, as comunicações em ações de divulgação científica podem não só considerar tais complexidades, bem como os modos de endereçamento, que, segundo ELLSWORTH (2001), são modos de abordar a um determinado público e oferecer nos produtos de comunicação, papéis e pontos de vistas a partir dos quais potenciais espectadores podem produzir sentidos mais ou menos próximos daqueles pretendidos pelos produtores. A partir dessa perspectiva, avistou-se a importância de desenvolver mídias de divulgação científica de conhecimentos sobre o funcionamento da mente. Este propósito demonstra a sua importância para a promoção da saúde individual e coletiva. O presente trabalho tem por objetivo apresentar a análise da produção e recepção de um *podcast* voltado à alfabetização científica sobre o Sistema Nervoso Central (SNC). Esse *podcast* é o primeiro de uma série de divulgação científica, com o objetivo de fazer o ouvinte compreender o que significam os termos comumente utilizados para designar partes do SNC, que, no entanto, são alvos de diversas

¹thaisamanda0809@gmail.com

²isabelledamasceni225@gmail.com

³analiscardim@gmail.com

⁴americoapj@gmail.com

⁵abreu_pa@yahoo.com.br



dúvidas. Nesse em questão, os termos apresentados foram *pensamento e raciocínio*, dando enfoque na diferença entre eles. Para dar início a atividade, foi realizada a análise do roteiro, identificando traços de endereçamento, características específicas que pudessem melhorar o alcance ao espectador, além de buscar articular as ideias apresentadas com exemplos cotidianos. Foi analisado também o áudio final, buscando comparar este com o roteiro previamente pensado. Buscamos observar os modos de endereçamento, bem como, o que o *podcast* traria de aprendizado para o espectador, baseado nas seguintes perguntas: Quem eu penso que é o espectador? Quem eu quero que ele seja? (O que é que eu quero que o espectador aprenda?) (ELLSWORTH, 2001). Por meio da análise do roteiro e do áudio, identificamos que o *podcast* possui seu endereçamento direcionado para o público jovem-adulto, por possuir marcas discursivas específicas e expressões que permeiam os cotidianos destes sujeitos. Para além, ao condicionarmos os nossos olhares para o aprendizado do espectador, esperávamos que este pudesse compreender claramente a diferença entre pensamento e raciocínio, palavras comuns no dia a dia quando nos referimos ao SNC, que, no entanto, tem seus significados confusos. Para isso, utilizou-se de estruturas comparativas que pudessem auxiliar na explicação. Observou-se que o uso de elementos da vida cotidiana do aluno teve intenção de ser um facilitador no processo de ensino-aprendizagem. Nesse caso, utilizamo-nos de situações próprias da faixa etária para que o conteúdo pudesse ser melhor compreendido pelo ouvinte. Esperamos, portanto, que o *podcast* seja alvo do público entre 18 e 29 anos, com ensino formal completo e com dúvidas acerca de questões voltadas para a saúde mental e interessados na compreensão de termos utilizados nessa área. Para além, esperamos também que a retenção do público na escuta do *podcast* seja entorno dos cem por cento e que a linguagem tenha sido bem utilizada para a compreensão dos termos. Para ampliar a discussão desses resultados, pretendemos nos próximos passos da pesquisa analisar a recepção destes *podcasts*, por meio questionário aplicado antes e depois da exibição/audição das mídias estudadas. Assim, além de levantar dados acerca das preferências e repertório cultural dos sujeitos, buscaremos caracterizar a produção de sentidos destes sobre mídia escutada, e potenciais implicações destes à melhor compreensão dos aspectos relacionados à saúde mental. A expectativa é de que essas leituras produzidas possam contribuir para os esforços de alfabetização e letramento científicos no âmbito da saúde mental, potencializando a educação da população em geral.

Palavras-chave: Alfabetização Científica. *Podcast*. Sistema Nervoso Central.



Relato da experiência de produção e recepção de mídias de divulgação científica por estudantes de licenciatura em ciências biológicas

Américo de Araujo Pastor Junior¹, Paula de Alvarez Abreu², Rodrigo Lemes Martins³, Cintia Rodrigues Pinheiro⁴, Teo Bueno de Abreu⁵, Ana Lis Cardim de Siqueira Borges Teixeira⁶, Arthur Vinicius de Sant Anna Lopes⁷, Gabriela Bessa de Almeida⁸, Isabelle de Albuquerque Damasceno⁹, Isaura Nunes da Cunha Machado¹⁰, Lorrana Faria Fonseca¹¹, Luigi Pereira Cunha¹², Luiza Maria de Sousa Meneses¹³, Pamella Cristina Soares Santana¹⁴, Thais Amanda da Costa Pereira¹⁵, Thayna Alonso dos Santos¹⁶, Amanda Berbert Rodrigues De Barros¹⁷, Wagner de Araujo de Almeida¹⁸, Sherwin Wisnton De Oliveira Lopes¹⁹, Mariana Teixeira Pinel Pinheiro²⁰, Raphaela Gomes Brasil Antunes²¹, Nadine Moura²², Diullia Graziela de Souza Soares²³, Mariana Teixeira Pinel Pinheiro²⁴, Raphaela Gomes Brasil Antunes²⁵, Ellen Guerarte Santos Pinto²⁶
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo apresentar resultados preliminares das reflexões acerca das atividades de um projeto de extensão universitária voltado à produção de mídias educativas e de divulgação científica. Essa proposta se organiza a partir do reconhecimento da importância das iniciativas de divulgação científica como meio de favorecer a produção de cidadania e contribuir também para a formação dos estudantes de forma crítica e reflexiva em consonância com o contexto social. Soares Pinheiro e Oliveira (2019) constroem um entendimento da divulgação científica como uma atividade de recodificação de uma linguagem especializada a uma não especializada, promovendo a veiculação de informação sobre ciência e tecnologia a um público geral, fazendo uso de um conjunto variado de meios. De acordo com Valério e Bazzo (2005), a divulgação científica tem a função democrática de promover a cidadania e potencializar a participação da população nos processos decisórios em aspectos que tocam a sociedade tecnocientífica em que vivemos. Entretanto, o termo divulgação científica pode ser problematizado desde as perspectivas teóricas de comunicação que subjazem esse termo. Stuart Hall (2003) tece uma crítica ao modelo tradicional de comunicação por justamente considerar a comunicação como algo unidirecional e unilinear em que produtores de uma dada mensagem estabelecem meios para controlar as leituras que os espectadores deverão realizar.

¹americopastor@nupem.ufrj.br, ²abreu_pa@yahoo.com.br, ³rodr.lemes@gmail.com, ⁴cintiapinheiro@nupem.ufrj.br, ⁵praticadeensinoufrj@gmail.com, ⁶analiscardim@gmail.com, ⁷lopes.arth@gmail.com, ⁸gabi.bessa02@gmail.com, ⁹isabelle07111998@hotmail.com, ¹⁰prof.isauranunes@gmail.com, ¹¹lorranafariaf@gmail.com, ¹²luigi.p.cunha@gmail.com, ¹³luiza.meneses.ufrj@gmail.com, ¹⁴pamella.cristina64@gmail.com, ¹⁵thaisamanda0809@gmail.com, ¹⁶thayna.alonsods@gmail.com, ¹⁷amanda.brbr@hotmail.com, ¹⁸wagner.aavicente@gmail.com, ¹⁹wisnton.lopes@hotmail.com, ²⁰marianapinel@gmail.com, ²¹raphaelabrasil5@gmail.com, ²²nadinemouram@gmail.com, ²³diullia.graziela@gmail.com, ²⁴marianapinel@gmail.com, ²⁵raphaelabrasil5@gmail.com, ²⁶ellen.guerarte@gmail.com



Hall defende a compreensão da comunicação como um processo multilinear e multidirecional em que produtores e receptores negociam os sentidos pretendidos para as mensagens inicialmente produzidas pelo polo produtor. Esse entendimento auxilia na problematização do termo divulgação, uma vez que não basta enviar códigos, enviar informações científicas, mas sim compreender todo processo de produção de sentidos para poder garantir que o conhecimento da ciência pela população possa de fato atuar como um elemento potencializador de sua participação política. Mas essa efetiva participação demanda uma perspectiva dialógica da comunicação. Desse modo, adotamos como principal referencial teórico-metodológico o modelo codificação/decodificação de Hall (2003) e estruturamos os procedimentos de modo a estudar as dinâmicas de produção de mídias de divulgação científica por estudantes de licenciatura e de a recepção destas mídias pelo público escolhido. Neste trabalho o foco foi na parte inicial que consiste no estudo da produção das mídias e análise dos próprios produtos. Foram analisadas 17 mídias elaboradas por 20 estudantes de licenciatura em ciências biológicas (17 mulheres e 3 homens) durante os anos de 2020 e 2021. A dinâmica de produção consistiu na divisão dos estudantes em grupos, seguido da definição de temas por esses grupos, estudo das temáticas, escolha da mídia, estruturação do conteúdo e apresentação. Estas ações foram articuladas a concepções sobre o público ao qual os produtos se destinavam. Ao longo do planejamento e desenvolvimento foram realizadas reuniões de acompanhamento e discussão junto a toda a equipe. Nessas reuniões foi possível avançar nas reflexões sobre o público e como melhor o abordar por meio de adequações estéticas dos conteúdos. Ao todo, foram produzidos 9 textos e 8 *podcasts*. As temáticas foram: saúde (7), sociedade (6), ciência (2) e meio ambiente (2). Para desenvolver estes temas foram utilizadas abordagens sociocientíficas (10) e abordagem tradicional curricular (7), em que os temas são tratados de modo que tende a descontextualização social e cultural. O público-alvo foi em sua maioria voltado a adultos (11) e infanto-juvenil (7). Para alcançar os públicos, foi adotada uma linguagem mais linear e cotidiana, buscando convocar o leitor/ouvinte a um diálogo. A abordagem do público infanto-juvenil consistiu em sua maioria na modalização da voz e nos usos de vocabulário comum a este público. Os dados preliminares de acessos aos produtos (no *blog*²⁷ e canal *spotify*²⁸) indicam uma maior audiência entre pessoas entre 20 e 35 anos de idade e mulheres (65%). Os resultados até o momento produzidos nos permitem observar que os estudantes produtores de mídias tendem a selecionar temáticas que julgam ser mais interessante ao público, mais urgentes no contexto social atual, como questões relacionadas às *fake news*, pandemia, uso de medicamentos, lixo, aleitamento, educação

²⁷ <https://mandalaciencia.com.br>

²⁸ https://open.spotify.com/show/0USyRgxWtj2zz9QDKFLik?si=aGLDTdTKTlGaVocRilfVIw&dl_branch=1



inclusiva, método científico, entre outros. Foi feita adequação das linguagens desses produtos de modo a garantir acesso a um público mais amplo e espera-se desta forma contribuir com o debate público em questões científicas atuais, e para a formação cidadã dos licenciandos. Nas próximas etapas esperamos ampliar as análises da recepção com base em exibições experimentais para grupos de espectadores.

Palavras-chave: divulgação científica. produção de mídias. formação de professores.



Visão de estudantes sobre Evolução Biológica: resultados parciais e validação do questionário

Camila Beatriz Moraes Contrucci de Souza¹

Helga Gabriela Aleme²

Ana Maria Santos Gouw³

Universidade Federal de São Paulo

Sessão 11 | Quinta-Feira, 21 de outubro, 13h

RESUMO: A Biologia é uma ciência que se fundamenta no pensamento evolutivo, já que ele transpõe as fragmentações das áreas que a constituem, e possibilita sua compreensão de forma integrada. O ensino de evolução biológica, quando contextualizado, possibilita reflexões de cunho social e pode subsidiar discussões para uma educação significativa e distante do ensino memorístico, recorrente nesta disciplina, além de acentuar o pensamento crítico dos estudantes. Entretanto, estudos realizados no Brasil, ao longo dos últimos trinta anos, remontam alguns conflitos para aceitação e compreensão de algumas noções elementares sobre evolução biológica (BIZZO, 1994; MOTA, 2013; OLIVEIRA, 2009; ARAUJO, 2020). Estudantes, tanto do ensino básico quanto do ensino superior, apresentam dificuldades em itens relacionados, principalmente, à origem da vida e ancestralidade comum, especialmente quando retratam a evolução humana, além da forte tendência de explicar a mudança ao longo das gerações a partir do uso e desuso dos órgãos. Obstáculos de diferentes esferas como científica, afetiva, pedagógica e didática ainda necessitam ser ultrapassados para que a aprendizagem e a aceitação da evolução biológica seja efetiva. Considerando este cenário, este estudo, que corresponde aos resultados parciais de uma dissertação de mestrado em andamento, tem como objetivo principal elaborar e validar um questionário pré-teste sobre a percepção e compreensão que os jovens concluintes da educação básica possuem sobre a evolução biológica. Pesquisas de percepção possibilitam o aprofundamento das discussões sobre a compreensão da evolução biológica por parte dos estudantes, visto que estes estudos procuram investigar os interesses, conhecimentos e atitudes do grupo de interesse frente ao tema em questão com o intuito de propor soluções e decisões na esfera pública. A partir de pesquisas nacionais de Percepção Pública da Ciência e Tecnologia (FAPESP, 2005; 2011; CGEE, 2015; 2017; 2019), das pesquisas de interesse de jovens estudantes brasileiros frente à Ciência (GOUW, 2013) e da aceitação de evolução biológica (MOTA, 2013; OLIVEIRA, 2015) optou-se pela elaboração de um questionário que

¹contrucci@live.com

²hgaleme@unifesp.br

³ana.gouw@unifesp.br



explorasse a visão dos estudantes sobre evolução, bem como a compreensão de algumas de suas noções fundamentais. Além da caracterização do sujeito participante, o questionário foi composto por quarenta questões fechadas em escala tipo Likert de 4 pontos de concordância. Os itens da escala continham questões corretas e incorretas que embasaram-se nos sete princípios fundamentais da teoria da evolução biológica, elencados por Scheiner (2010): descendência com modificação, especiação, origem única/ancestralidade comum, gradualismo, variabilidade, seleção natural e contingência, considerados neste estudo como noções elementares necessárias para uma compreensão satisfatória do conteúdo de evolução biológica na educação básica. O questionário passou por validação entre pares, entre professores pesquisadores de percepção sobre evolução biológica e entre professores de biologia do Ensino Médio e, em dezembro de 2020 foi aplicado a noventa e oito estudantes que ingressaram no ensino superior neste respectivo ano e que realizaram o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Os resultados foram primeiramente explorados por estatística descritiva para as medidas de tendência central, em especial a média, e de variabilidade pelo desvio padrão. Todos os itens foram submetidos ao teste Shapiro-Wilk e, após averiguar a não normalidade foram comparados segundo gênero e dependência administrativa da escola do Ensino Médio através do teste não paramétrico Mann-Whitney. Ainda, aplicou-se a técnica multivariada de Análise das Componentes Principais para agrupar indivíduos de acordo com sua variância e reduzir as variáveis compostas em componentes, validadas pelo Alpha de Cronbach (α). Os estudantes da amostra demonstraram atitude positiva frente a evolução biológica, especialmente em relação a seleção natural. Contudo, foram identificadas percepções controversas sobre os mecanismos pela qual a evolução atua, tendo forte uso da lei de uso e desuso para justificar as mudanças que ocorrem ao longo do tempo. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre gênero e dependência administrativa da escola do Ensino Médio. Encontrou-se cinco componentes principais: visão de que a evolução é um fenômeno que não ocorre atualmente e que tem a espécie humana no topo ($\alpha=.803$), visão da variabilidade e mudanças responsáveis pela diversidade ($\alpha=.775$), especiação ($\alpha=.781$), efeito de resistência pela seleção natural ($\alpha=.672$) e a evolução ocorrendo por contingência ($\alpha=.686$). Estes resultados indicam que ainda é necessário um olhar cuidadoso para o ensino de evolução biológica nas escolas, tendo em vista as ideias equivocadas que ainda persistem nos(as) estudantes, como o caso de que a evolução é um fenômeno que ocorre à nível individual, finalista e sinônimo de progresso, isto é, a ideia que um indivíduo muda com a finalidade de se adaptar ao meio ambiente, sempre se aperfeiçoando e tendo a espécie humana como ápice. Sendo a evolução biológica o fundamento da Biologia, pesquisas, materiais didáticos e estratégias que auxiliem o professor e o estudante na compreensão do tema fazem-se ainda necessárias.

Palavras-chave: Biologia. Ensino Médio. Likert.



Um estudo sobre os conhecimentos e posicionamentos dos estudantes de Licenciatura em Ciências Biológicas EAD a respeito do uso de animais de laboratório nas pesquisas científicas

Iarine Fiuza da Silva¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Vinicius dos Santos Moraes²

Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz

Sessão 11 | Quinta-Feira, 21 de outubro, 13h

RESUMO: Nas últimas décadas, a partir de avanços tecnológicos que contribuíram significativamente para as ciências da vida, surgiu a necessidade de refletir sobre pesquisas científicas e práticas institucionais que envolvam organismos vivos, buscando mais ativamente a implementação das práticas de bioética e possíveis refinamentos dos processos científicos (DIAS; GUEDES, 2018). O uso ético de animais de laboratório em pesquisas na área da saúde é fundamental na busca de tratamento e cura de doenças, no desenvolvimento de novos fármacos, vacinas, testes diagnósticos, dentre outras demandas essenciais para a sociedade (SMITH, 1992; TRÉZ, 2015; ICTB, 2020). Mesmo havendo notória importância, o tema ainda é pouco explorado, principalmente com estudantes de licenciatura em Ciências Biológicas EAD. Por se tratar de um assunto que divide opiniões, uma parcela do público ainda não possui argumentos sólidos para sustentar a percepção sobre a controvérsia, sendo influenciados pela aparência e proximidade afetiva com os animais (SCHATZMAYR e MÜLLER, 2008; NEVES, 2016). O presente trabalho tem como objetivo realizar um levantamento dos conhecimentos dos estudantes de licenciatura em Ciências Biológicas EAD ligados ao consórcio CEDERJ a respeito dos aspectos legais e éticos do uso de animais de laboratório em pesquisas científicas, bem como identificar os principais posicionamentos a respeito de tais práticas. Analisar os conhecimentos e posicionamentos dos estudantes de Licenciatura em Ciências Biológicas a respeito do uso de animais de laboratório em pesquisas científicas é de grande importância, pois, em um curso com a finalidade de formar futuros professores de Ciências e Biologia, é preciso que sejam instruídos em promover discussões racionais e dialéticas com a sociedade, além de formar indivíduos capazes de avaliar problemas com base em conhecimentos científicos fidedignos, incorporando as diversas esferas da vida humana regidas pela moral e ética (ALMOULOU, 2011). O estudo foi

¹fiuzaiarine@gmail.com

²vinicius_smoraes@hotmail.com



realizado através da aplicação de um questionário criado na ferramenta Google Forms. A divulgação para o público alvo ocorreu através do correio eletrônico utilizando a Plataforma CEDERJ. Todos os estudantes envolvidos na pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre (TCLE). Os dados coletados foram armazenados e analisados através da ferramenta Excel. Após a análise desses dados obtidos dos 43 estudantes, observou-se que 32% dos estudantes eram a favor do uso dos animais em pesquisas científicas; 18% contra e 50% não possuíam uma opinião formada a respeito do tema. Apesar disso, os alunos que responderam não ter uma opinião formada sobre o tema, demonstraram interesse no assunto abordado, corroborando a necessidade de ações de divulgação de informações a respeito da temática. A maioria dos entrevistados (69%) tiveram contato com questões de bioética ao longo da graduação e 31% não tiveram contato. Apesar disso, ainda uma grande parte dos entrevistados não demonstrou opiniões sólidas a respeito do uso de animais. Em relação a legislação regulamentadora ao uso de animais em pesquisa/ensino 74% não tinha conhecimento sobre a lei 11.794), legislação esta que regula as práticas que utilizam animais; 67% não possuía conhecimento sobre a Comissão de Experimentação e Uso de Animais (CEUA) e 72% dos estudantes não detinham conhecimento da existência do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA). Esses dados preliminares estão servindo de base para a segunda etapa da pesquisa, que será a oferta de um webinar no dia 27 de setembro de 2021 através da plataforma Google Meet. Essa atividade terá como proposta trabalhar os conceitos de animais de laboratório com os estudantes do CEDERJ, e suas possibilidades de abordagem em sala de aula de acordo com as competências específicas estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que institui e direciona o aprendizado essencial a serem trabalhados nas escolas brasileiras, no âmbito público e privado da educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

Palavras-chave: Bioética. Divulgação científica. Formação de professores.



Popularizar a ciência ou perecer em sociedade: mídias sociais como meio de proliferação do conhecimento científico biológico

Gabriel de Sá Andrade¹
Matilde Vasconcelos Ernesto²
Rozzanna Esther Figueirêdo³
Alexandre Vasconcellos⁴
Universidade Federal da Paraíba

Sessão 11 | Quinta-Feira, 21 de outubro, 13h

RESUMO: O Laboratório de Termitologia (*LabTermes*) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) desenvolve estudos envolvendo os térmitas desde 1993 e sempre utilizou os meios tradicionais de divulgar os seus resultados, como a comunicação científica a partir de periódicos científicos nacionais e internacionais especializados sobre insetos e ecologia. Recentemente, foi constatada a necessidade de ampliar os meios de comunicação com a comunidade científica e população em geral, e foi idealizado um projeto de extensão para divulgar os resultados dos estudos desenvolvidos no *LabTermes*. Sendo assim, o principal objetivo desse estudo foi utilizar a mídia social para divulgar, em língua portuguesa e inglesa, as pesquisas desenvolvidas pelo Laboratório de Termitologia da UFPB. Para isso, foi criado inicialmente um perfil na rede social *Instagram* (@labtermesufpb) em 05 de outubro de 2019, no qual vem sendo publicadas informações relacionadas aos térmitas desde então. De forma geral, o conhecimento científico, sobretudo em países em desenvolvimento, como o Brasil, foi direcionado exclusivamente à comunidade acadêmica, fazendo com que os produtos das pesquisas chegassem apenas aos respectivos pares. A carência de estratégias de divulgação científica voltadas ao público em geral ocasiona um baixo consumo de ciência pela população brasileira, e a atual avalanche de “*fake news*” evidenciou o quanto precisamos do pensamento científico e senso crítico em nosso cotidiano para discernirmos o caminho a seguir, como indivíduos e sociedade. O propósito da divulgação científica é fazer uma ponte entre o núcleo produtor de conhecimento e o público em geral, tornando as ideias e os temas científicos mais difundidos e provocando no leitor um estímulo ao senso crítico e à curiosidade, indispensáveis no letramento científico. Nesse sentido, é responsabilidade dos cientistas e de suas instituições transformar o conhecimento gerado em seus laboratórios em algo acessível à toda população. Dentro das dimensões da RedPop (Rede de Popularização da Ciência e Tecnologia na América Latina e no

¹gabrieldsa99@gmail.com

²matilde.tdcb@gmail.com

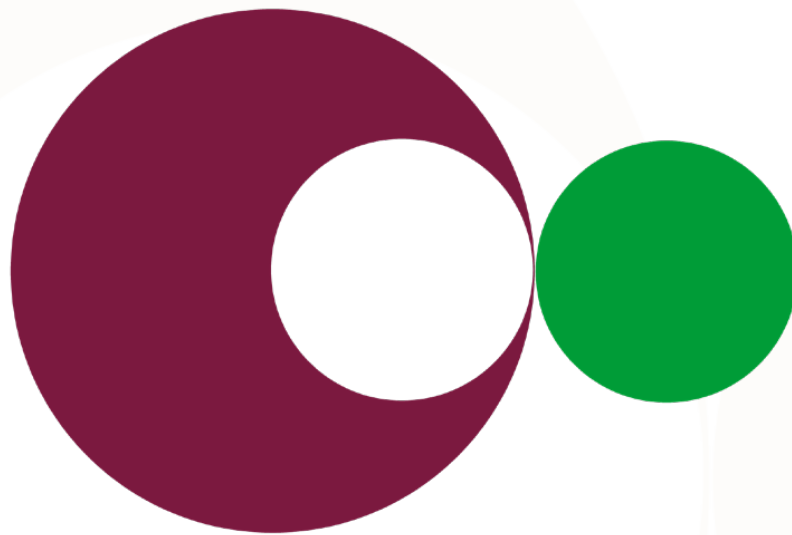
³figueiredorozzanna@gmail.com

⁴alextermes@gmail.com



Caribe), um programa da UNESCO (Conselho das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), a popularização da Ciência e Tecnologia possuem quatro eixos: (i) os centros ou museus interativos de Ciência e Tecnologia; (ii) os programas multimídia; (iii) os meios de comunicação de massa (televisão, rádio, imprensa escrita e *internet*); (iv) e a educação formal. Nesse sentido, a **internet** emerge como uma poderosa ferramenta na divulgação científica de massa. Nos últimos anos houve um interesse maior na utilização de plataformas digitais como ferramenta de ensino e divulgação científica. A dinâmica social da Rede Mundial de Computadores (*internet*) criou um Ciberespaço com novas perspectivas para a divulgação da ciência, especialmente para aquele público que possui pouco contato com as universidades e institutos de pesquisa. Desta forma, a *internet* tornou-se um instrumento poderoso de popularização da ciência e tecnologia, com alta capacidade de difusão do conhecimento produzido pela comunidade científica do Brasil e do mundo, sem barreiras espaciais e temporais. Nesse sentido, utilizando-se do meio digital social, os conceitos envolvendo os vários aspectos da sociedade dos térmitas estão sendo explicados de forma atrativa e descontraída, com o uso de linguagem verbal e não-verbal, para pessoas de todas as idades e níveis de escolarização, destacando o papel benéfico desses insetos na natureza, como na decomposição da matéria orgânica, ciclagem de nutrientes, produção de biocombustíveis, formação de solos, aumento de produtividade na agricultura, fontes de proteínas e gordura para humanos e animais, etc. Em cada mês está sendo criado um cronograma de postagens semanais para o mês seguinte. O conteúdo está sendo construído pelos alunos e servidores vinculados ao *LabTermes*, bem como colaboradores externos, em forma de rodízio. Como forma de ampliar a abrangência e acessibilidade das publicações, os textos estão sendo escritos na língua portuguesa e inglesa. A página possui 1.521 seguidores (em 23/09/2021) e já conta com 89 posts de divulgação científica sobre termitologia que envolvem posts informativos, curiosidades e vídeos didáticos, além da realização de conteúdos participativos como *quizzes* e sorteios. Nos últimos 90 dias (24/06/2021 - 23/09/2021) a página gerou 42.342 impressões, número esse que reflete a quantidade de vezes que as variadas publicações apareceram na tela de usuários. Por fim, espera-se que a página do *LabTermes* esteja contribuindo com a difusão do conhecimento científico gerado pela Universidade Federal da Paraíba para o mundo utilizando a linguagem rápida e acessível proporcionada pelo meio digital, de forma a salientar o papel dos térmitas no funcionamento dos ecossistemas, sempre buscando despertar o senso crítico dos leitores.

Palavras-chave: Divulgação científica. Instagram. *Internet*. *LabTermes*. Térmitas.



SESSÃO 12

QUINTA-FEIRA, 21 DE OUTUBRO, 15h



História é Ciência: Percepção Pública da Divulgação do Conhecimento Histórico

André Gobi¹

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: As pesquisas recentes de percepção pública da ciência e da tecnologia têm na mídia um importante campo de análise para entender como a sociedade compreende uma determinada área do conhecimento. A partir desta fundamentação teórica, esta pesquisa analisa a cobertura jornalística do conhecimento histórico em dois dos principais jornais diários do Brasil, *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo*, que, muitas vezes, acabam balizando a cobertura de imprensa de todo o país. A partir de análise de conteúdos desses veículos durante o ano de 2020 e de entrevistas com jornalistas que escrevem sobre temas que tenham a História como objeto central, objetiva-se entender como o conhecimento histórico é assimilado pela imprensa e, conseqüentemente, como é disseminado à sociedade. A importância de analisar esses dois veículos se dá pelo prestígio que os jornalistas e os jornais têm aos olhos do público: segundo dados do resumo executivo de 2019 da pesquisa sobre Percepção Pública de Ciência e Tecnologia realizada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), os jornalistas são a segunda fonte de maior confiança do público (38%), figurando atrás apenas de médicos (49%). Para solidificar ainda mais a justificativa de análise destes objetos, segundo outra pesquisa do CGEE, realizada em 2015, entre o grupo “Muito Interessado” em Ciência e Tecnologia, 47% faz uso do jornal impresso com muita frequência para se informar sobre assuntos científicos. Destaca-se que a História, enquanto área de conhecimento, desenvolveu sua sistematização moderna de pesquisa ainda no século XIX ao ser capaz de formular problemas e apresentar respostas, se consolidando como uma ciência. A hipótese deste trabalho, no entanto, é a de que o conhecimento histórico não tem sido tratado como científico pela imprensa, mas sim como mera curiosidade ou um assunto legado a temas culturais - o que afeta a percepção social sobre essa área. Esta pesquisa se dedica a analisar como a figura do historiador é apresentada nos dois veículos supracitados. Para este fim, como metodologia foi levantado conteúdo no período de 2020 desses dois veículos onde havia os termos “historiador”, “historiadora” ou ambos. Ao todo, foram obtidos 591 resultados em *Folha de S. Paulo* e 691 em *O Estado de S. Paulo*. Desta forma, tem sido possível identificar em quais

¹andrelpedreira@gmail.com.



editorias figuram matérias relacionadas à História. Embora este montante de conteúdo ainda esteja em fase de análise e categorização, o levantamento já mostrou alguns resultados interessantes que, por enquanto, têm corroborado com a hipótese levantada, como o fato de que a maior parte das matérias relacionadas à História e que trazem ao menos um historiador para comentá-la são publicadas em editorias voltadas para temas culturais - seguidas por editorias de temas internacionais e/ou políticos. Somadas essas três áreas, são 388 conteúdos na *Folha* (de 591) e 488 no *Estadão* (de 691). Porém, temas voltados à História estão presentes em quase todas as editorias dos dois veículos, corroborando a teoria de que o conteúdo científico não se concentra apenas em editorias específicas, mas em todo um veículo (Vogt *et al*, 2011). De qualquer forma, os resultados obtidos até o momento mostram que conteúdos que apresentam uma pesquisa histórica e/ou um historiador ficam muito restritos às áreas culturais. Isso se mostra preocupante quando contrastamos com dados de pesquisas de Percepção Pública de Ciência e Tecnologia mostram que temas ligados às Humanidades, como política, arte e cultura obtiveram a menor porcentagem dentre os muito interessados (10% para política e 21% para arte e cultura) e ficaram entre as maiores dentre os nada interessados nesses temas, com 38% e 15%, respectivamente (CGEE, 2017). A pesquisa também tem identificado que muitos dos conteúdos na editoria de política que contam com historiadores são reproduções de conteúdos publicados em jornais estrangeiros, principalmente dos Estados Unidos, além de outros casos curiosos como profissionais de outras áreas serem creditados como historiadores e também historiadores não serem creditados como tal. Esta pesquisa se dá no contexto em que o negacionismo científico e, sobretudo, histórico, tem realizado um movimento ascendente em todo o mundo e, em especial, no Brasil, onde este vem sendo utilizado como artifício político. Afirmções como “nazismo foi um movimento de esquerda” ou que “não existiu ditadura no Brasil”, muitas vezes vindas de autoridades governamentais, reverberam na sociedade sob o nome de revisionismo histórico - motivado por questões ideológicas e partidárias, e não por novas pesquisas científicas que refutam o consenso historiográfico. Assim, estudar a cobertura e a disseminação do conhecimento histórico na imprensa e como a área é apresentada à sociedade parece, mais do que nunca, de extrema importância para pensar um jornalismo responsável e em melhoria constante.

Palavras-chave: História. Ciência. Negacionismo. Percepção Pública da Ciência. Comunicação da Ciência.



Mídia, tecnologia e (inter)transdisciplinaridade: os processos comunicativos da comunicação organizacional na política pública de assistência social

David Gustavo Pompei¹

Célia Maria Retz Godoy dos Santos²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

RESUMO: O estudo tem o objetivo de demonstrar, a partir de uma revisão bibliográfica e pesquisa quantitativa a eficiência do sistema informatizado na execução da política de assistência social do município de Pederneiras/SP. Entende-se que os processos comunicativos são os construtores e reconstrutores das organizações enquanto indutores das dinâmicas relacionais e que, no campo da assistência social, o modelo de Seguridade Social estabelecido pela Constituição Federal Brasileira de 1988, tem como intuito a defesa da dignidade humana através dos direitos sociais, da proteção social e da justiça, de maneira integrada e distributiva, a partir do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Este deve respeitar a diversidade das regiões, decorrente de características culturais, socioeconômicas e políticas, da realidade das cidades e da sua população urbana e rural, bem como reconhecer que as desigualdades municipais, que condicionam os padrões de cobertura do sistema e os seus vários níveis de gestão, devem ser consideradas no planejamento e execução das ações, articulando sua dinâmica a uma rede de serviços. Segundo Martino (2014), uma rede de comunicação é um conjunto de pontos, ou “nós”, interconectados entre si, formando uma complexa teia informacional, com múltiplas ligações e interações. Ele pontua que o princípio constituinte destas redes são os objetivos de seus participantes e a flexibilidade de suas relações. Assim, os modelos de rede (real e virtual), a circulação das informações nelas contidas, bem como sua mobilidade, sua produção, troca, organização e consumo informacional são suas características (MARTINO, 2014). Neste âmbito, o processo de gestão de um sistema único de proteção social utilizando-se de instrumentos midiáticos e tecnológicos para intervir nas realidades identificadas, é similar ao das redes, pois estes meios tecnológicos promovem informações e dados que podem facilitar as relações sociais e as interações entre usuários e atores dos serviços, reconfigurando muitas vezes aspectos culturais, políticos, expectativas econômicas e as estruturas legais (JENKINS, 2014). Tais ferramentas, possibilitam registrar atendimentos e acompanhamento das famílias, facilitando a organização dos profissionais e os registros, bem como, criam históricos de todas as ações

¹gustavo.pompei@unesp.br

²celia.retz@unesp.br



realizadas com os usuários, consolidando uma base única de dados das famílias para todos os equipamentos socioassistenciais do município (públicos e privados). Isto permite a integração e o conhecimento sobre elas pelos profissionais da rede e também é possível criar planos de atendimento, de acompanhamento individual e familiar, através dos registros dos diagnósticos e atendimentos, das potencialidades e vulnerabilidades das famílias, objetivos, estratégias e recursos a serem mobilizados no território, bem como avaliações periódicas, além de poder mapear territorialmente quem é ou deverá ser atendido, bem como os indicadores de incidências de determinadas expressões da questão social, organizando a distribuição dos programas sociais de acordo com as maiores incidências de situações de vulnerabilidade, violência e risco social e garantir a integração entre os equipamentos de atendimento, a partir dos encaminhamentos virtuais das famílias e da notificação dos profissionais com mais agilidade e resposta. De fato, a Secretaria de Desenvolvimento e Assistência Social do município implantou para toda a rede de atendimento um sistema (via software) informatizado que concentra as informações sobre a política de assistência social e possibilita à equipe dos agentes e profissionais executores, uma comunicação efetiva para realização do referenciamento e contra referenciamento do público alvo desta política, como instrumento de viabilização e garantia de direitos sociais. Em um levantamento quantitativo, mediante formulário aplicado pelo Google Forms em setembro de 2021, junto a profissionais que utilizam esse sistema, constatou-se que assim como existem objetivos de melhoria da produção e proposição de atendimentos coordenados, há também a intencionalidade dos interlocutores, isto é, além dos processos planejados, assumem relevo as atividades que são realizadas na informalidade. Percebeu-se então que a compreensão sobre as ocorrências – via o banco de dados do sistema - permite processos dialógicos-recursivos, pois facilita as relações comunicacionais que escapam do planejamento, fornecendo outras oportunidades para ações e/ou comunicação formal, neutralizando, pelo menos em parte, as ocorrências informais (BALDISSERA, 2009). Contudo, refletindo sobre a comunicação organizacional, considera-se que numa análise mais aprofundada sobre a forma que os profissionais compartilham informações em rede, pode ajudar no entendimento da linguagem utilizada, na atenção às diversidades de solicitações e na competência informacional destes. E, a partir disso, fomentar a criação, a inovação e a potencialização de diálogos e de fluxos multidirecionais para dar suporte às operações, para o próprio controle do SUAS, ou mesmo para garantir melhores serviços aos usuários e mais transparência nas informações. É um sistema composto por recursos digitais que pode ampliar a proteção social aos cidadãos, por meio de dados organizados, para uma gestão participativa de seus públicos.

Palavras-chave: processos comunicativos organizacional. dinâmicas relacionais. assistência social. garantia de direitos.



Extensão e Branquitude: reflexões críticas a partir de publicações extensionistas

Ana Clara Andrade Melo¹
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Esta comunicação oral tem por objetivo apresentar reflexões críticas sobre raça e racismo na extensão universitária a partir da análise de conteúdo de certas revistas acadêmicas de divulgação da extensão, entre os anos 2000 e 2020. A proposta está fundamentada na constatação de que o debate racial é um “não-tema” na extensão, ou seja, ainda que as relações raciais sejam estruturantes do campo extensionista, elas são pouco abordadas nas perspectivas teórico–metodológicas da extensão. O objeto da investigação é constituído pelas publicações de duas revistas acadêmicas de extensão, a revista *Participação*, vinculada à Universidade de Brasília (UnB), e a revista *Interagir: Pensando a Extensão*, vinculada à Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Tais universidades foram pioneiras nas políticas de ações afirmativas, em especial aquelas dedicadas às populações negras, indígenas e de baixa renda. Supõe-se, portanto, que o debate racial tenha ganhado maior espaço nestas universidades, nos âmbitos da pesquisa, do ensino e da extensão. Ademais, ambas as revistas adotam a extensão como objeto central de sua política editorial. O recorte temporal selecionado enfoca no período histórico de consolidação das políticas de ação afirmativa: de 2000, data da primeira lei estadual que previu reserva de vagas, a 2020, com as edições mais recentes. A metodologia construída para dar conta da considerável quantidade de documentos contou com a combinação de métodos qualitativos e quantitativos. Tais técnicas de pesquisa permitiram delinear a frequência do debate racial, encontrar os documentos nos quais ele é o tema central, e, por fim, realizar a análise de conteúdo dos documentos selecionados. Para tanto, os procedimentos adotados contaram com (a) busca pelas unidades de registro (BARDIN, 2016) pertinentes ao debate racial, isto é, os termos-chave; (b) classificação dos documentos nos quais os termos constavam do menos ao mais frequente; por fim, (c) análise de conteúdo dos documentos em que o debate racial figura como central. Os resultados parciais obtidos apontam que a temática racial é minoritária nas duas revistas, sendo tema central em menos de 5% das publicações. Já os documentos nos quais a temática é central estão restritos a certas áreas do conhecimento, como educação e saúde pública. Estes documentos

¹a145223@dac.unicamp.br



relatam a necessidade de romper o silêncio sobre o racismo nas diversas esferas do conhecimento e da ação social, estando em consonância com a perspectiva de Guimarães (1999), para quem somente nomeando a raça e o racismo é possível enfrentar a realidade social que designam. Ao analisar tais documentos a partir do aparato teórico das relações raciais (FERNANDES, 1964; MUNANGA, 2004; GUIMARÃES, 1999, 2002) e dos estudos críticos da branquitude (BENTO, 2002; SCHUCMAN, 2012), constatamos que não há debate acerca do papel dos sujeitos brancos nas relações raciais, e, em contrapartida, há um enfoque no “problema do negro” (RAMOS, 1957). Esta centralidade, por um lado, reforça o preconceito e a estigmatização contra a população negra, e, por outro, não coloca o grupo social branco, suas vantagens materiais e simbólicas, em questão (BENTO, 2002). Percebeu-se nos documentos a ambiguidade no enfrentamento do racismo: os sujeitos reconhecem a desigualdade racial, os efeitos nefastos que lhe conferem realidade e se propõem a agir para combatê-lo, mas não se veem como parte do problema (SCHUCMAN, 2012). Essa ambiguidade contribui para manter o poder que o racismo assegura para o grupo social branco. Nesse sentido, a concepção de solidariedade parcial (FERNANDES, 1964) é relevante para compreender como as práticas extensionistas, até mesmo aquelas antirracistas, podem contribuir para manutenção do status quo racial. Nesses casos, ações voluntaristas estabelecem um compromisso limitado com as mudanças sociais pautadas pelas organizações negras e corroboram com o mito da democracia racial. Tais ações reforçam a posição social do grupo que as pratica, os grupos extensionistas. Nesse sentido, observa-se na extensão ações que reforçam o racismo dentro e fora do espaço universitário. Outros documentos apresentam projetos extensionistas que, quando protagonizadas por sujeitos negros, permitem a elaboração de resistências à lógica da branquitude, através da construção de conhecimentos, subjetividades e afetos (MORAES, 2017). Em suma, reconhecemos que o campo da extensão compreende tanto ações que reforçam o racismo, quanto práticas de resistência, que traçam estratégias antirracistas. Nesse quadro, a pesquisa em andamento busca explorar as controvérsias, ambiguidades e disputas em torno das relações raciais no âmbito da extensão, com ênfase no papel que o grupo social branco ocupa nessas relações.

Palavras-chave: Extensão. Branquitude. Relações Raciais. Revistas acadêmicas.



O desenvolvimento de jogos didáticos para a divulgação de cientistas negras

Vitória Karoline Arantes de Lima¹

Beatriz Costa Ferreira da Silva²

Luana Marques Ferreira³

Aline Silva Dejosí Nery⁴

Ana Lúcia Nunes de Sousa⁵

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Lays Aparecida Duarte Ferreira⁶

Luciana Ferrari Espindola Cabral⁷

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet-RJ)

Evelyn dos Santos Catarina⁸

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Este trabalho é parte da produção do projeto de extensão Mulheres Negras Fazendo Ciência do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, *campus* Maria da Graça (CEFET/RJ) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atuando no tripé ensino, pesquisa e extensão através da divulgação de pesquisas realizadas por mulheres negras nos Programas de Pós-Graduação (PPGs) do Estado do Rio de Janeiro, o projeto visa realizar a divulgação científica e formação de jovens negras para a pesquisa acadêmica. O uso de jogos didáticos como prática de ensino pode ser um facilitador do aprendizado. Este resumo objetiva apresentar dois (2) jogos didáticos para aplicação na Educação Básica, abordando questões étnico-raciais e de gênero, para a conscientização e popularização da ciência através da divulgação das ações de pesquisadoras negras. No Brasil, nos últimos anos, houve um aumento do número de mulheres no ambiente acadêmico. Todavia, a análise de suas progressões da carreira demonstra as dificuldades encontradas por mulheres e em particular pelas mulheres negras. O percentual de doutoras negras em PPGs no Brasil é inferior a 3%. Isso pode ser explicado através da interseccionalidade na discriminação de gênero, raça e classe, dada pelo racismo estrutural, em uma sociedade patriarcal, fazendo com que as mulheres negras sejam colocadas na base da pirâmide social. A promulgação da Lei nº 10.639 de 2003, estabelece como obrigatório o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas instituições de educação básica no Brasil, por isso, o desenvolvimento de materiais

¹vitoria@biof.ufrj.br, ²beatrizcofes82@gmail.com, ³luanam17@hotmail.com, ⁴alinesnery@gmail.com, ⁵anabetune@gmail.com, ⁶lays58aparecida@gmail.com, ⁷luciana.cabral@cefet-rj.br, ⁸evelyn.catarina@ufrgs.br



didáticos como forma de ampliar o acesso a informações sobre a diversidade da nação brasileira e a recriação das identidades pode ser uma boa estratégia para o atendimento a essa demanda. Poucos são os recursos didáticos que apresentam a história do negro desassociada da posição de inferioridade. Assim, é importante fomentar outras percepções que possam inspirar meninas negras. A ludicidade nos jogos deve ser entendida como parte do processo de formação e da manifestação do sujeito, uma experiência necessária ao desenvolvimento da criatividade, cognição, socialização e motivação. Delimitamos o campo de pesquisa para as professoras que atuam nos PPGs da UFRJ e CEFET-RJ. Para efetuarmos este procedimento metodológico qualitativo utilizaremos como recurso a produção de jogos didáticos, tais como jogo da memória e jogo da vida. Lançado nos anos 1980, o Jogo da Vida, produzido pela fabricante Estrela, é um jogo de tabuleiro que combina elementos e adversidades da vida real para o universo do jogador. De forma que a criança e/ou jovem possa visualizar situações e responsabilidades da vida adulta. Inspiradas nesse modelo, criamos o Jogo da Vida das Cientistas, visando apresentar pesquisadoras negras e suas trajetórias. Diferente do jogo original, a jogadora precisa saber como faz para ser uma grande cientista. E então, passará por questões como adentrar a escola (ensino fundamental e médio), faculdade, pós-graduação, desenvolver pesquisas em suas áreas, além da vida social que englobam os sujeitos. Já o Jogo da Memória das Cientistas Negras visa encontrar e formar pares entre 20 cartões com a caricatura das cientistas pareados com outros relacionados às áreas de atuação. A virada de cada cartão, o jogador deve ler um cartão de identificação relacionado à peça que conta brevemente a trajetória das personagens e a cada acerto, a jogadora ganhará um cartão motivador. Ambos os jogos têm como público-alvo crianças a partir dos oito anos e terão inicialmente divulgação gratuita. Os jogos visam inspirar e motivar os jogadores negros. Com o estímulo da cognição através de atividades lúdicas, há o desenvolvimento da inteligência e da personalidade, bem como ampliação do conhecimento de maneira interativa, proporcionando experiências reflexivas, que despertam a criatividade e motivam os indivíduos. Compreendemos que os jogos podem desempenhar papel fundamental na socialização, trabalhando questões como agrupamento e interações sociais; principalmente como forma de conhecer e compreender questões étnico-raciais através dos breves discursos sobre ser mulher negra cientista. Concluimos que o uso dos jogos didáticos como instrumento de ensino-aprendizagem possibilita a dinamização dos conteúdos abordados de maneira lúdica e divertida, além de auxiliar no desenvolvimento cognitivo, do hábito de leitura, assimilação de ideias e aprimoração das relações sociais.

Palavras-chaves: Materiais didáticos. Educação. Ciência. Gênero. Raça.



Acessibilidade em museus virtuais: uma análise de duas exposições do Museu da Vida (COC/Fiocruz)

Letícia Carvalho de Mattos Marinho¹

Fundação Oswaldo Cruz

Jessica Norberto Rocha²

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: A porcentagem de brasileiros visitantes de museus de ciência e tecnologia vem diminuindo progressivamente e a classe social e renda são fatores determinantes para o acesso (CGEE, 2019). Para além dos fatores sociais citados, pessoas com deficiência (PcD) enfrentam barreiras de acessibilidade que dificultam ou impedem o acesso e a fruição aos espaços museais físicos e online (TOJAL, 2015), evidenciando a natureza multifatorial da relação dos museus com seus públicos. Ainda que a presença museal online possa potencializar a democratização do conhecimento, a extensão do alcance é também limitada por aspectos sociais e o campo é um desafio para as instituições da América Latina (ABREU; NORBERTO ROCHA, 2021; GARRIGAN, 2006; SHWEIBENZ, 2019). Apesar de exposições museais online não serem novidade (LESTER, 2006), 53,7% das 245 instituições latino-americanas e caribenhas respondentes do relatório da ICOM no início do período pandêmico por Covid-19 não promoviam nenhuma exposição virtual (ICOM, 2020). A garantia de direitos de acesso de PcD aos espaços físicos e virtuais dos museus brasileiros é assegurada por leis como a Lei N° 12.965 (BRASIL, 2014), que define a acessibilidade como um direito dos usuários da Internet, e a Lei N° 13.146, chamada de Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, ou LBI (BRASIL, 2015). Na LBI estão postos os Direitos Fundamentais do acesso à cultura, à informação e à comunicação e também às tecnologias assistivas, todos fatores cruciais a serem considerados pelas instituições museais. Nessa pesquisa, de caráter exploratório e empregando métodos da pesquisa quali-quantitativa, analisaremos a acessibilidade de duas exposições virtuais promovidas pelo Museu da Vida (COC/Fiocruz) à luz de indicadores estruturados e compreender a experiência de visitantes com deficiência visual. A exposição “Aedes: que mosquito é esse?”, desenvolvida na plataforma Era Virtual, consiste em imagens 360° da exposição de mesmo título da sede física do Museu da Vida. A exposição “Zika: vidas que afetam” foi estruturada totalmente de maneira online e emprega diferentes mídias como

¹leccmm@gmail.com.

²jessicanorberto@yahoo.com.br.



fotografias, textos e vídeos. O levantamento bibliográfico está em andamento de forma sistematizada através da investigação no mapeamento *Publicacessibilidade*, promovido pelo grupo de pesquisa Museus e Centros de Ciências Acessíveis (MCCAC), e da busca estruturada em bases bibliográficas. A partir da ferramenta de análise já existente “Indicadores de Acessibilidade em Museus e Centros de Ciências” (INÁCIO, 2017; NORBERTO ROCHA et al., 2020, 2021), os indicadores serão adaptados para o contexto museal virtual a partir dos referenciais teóricos encontrados e da diretriz internacional de acessibilidade na web WCAG 2.1. A validação dos novos indicadores ocorrerá pela triangulação dos resultados e percepções obtidos nas visitas técnicas e no estudo da experiência dos visitantes. Para a investigação da experiência do visitante serão convidadas PcD visual maiores de idade para participarem de visitas virtuais e de posterior entrevista semiestruturada a fim de elencar possíveis pontos positivos e barreiras de acessibilidade enfrentadas, bem como a produção de sentidos. Com a estruturação dos indicadores de acessibilidade para espaços virtuais de museus esperamos a definição de uma ferramenta que auxilie instituições nos processos de desenvolvimento de novas exposições virtuais ou na melhoria das já existentes, para a promoção de uma experiência livre de barreiras para PcD. De forma preliminar, os indicadores estão divididos em quatro pontos de análise: atitudinal; desenho e navegabilidade; comunicacional; e sensorial. Esperamos compreender, a partir do material da visitação e das entrevistas, pontos positivos e negativos da estrutura das exposições virtuais, bem como os aspectos emocionais da visita. Conjugados, todos esses fatores podem auxiliar na transposição de barreiras de acessibilidade, no desenvolvimento futuro de espaços virtuais de museus e na tomada de decisões positivas visando a inclusão.

Palavras-chave: exposição virtual. inclusão. tecnologias assistivas.